



unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

NIGUELME CARDOSO ARRUDA

**A REALIZAÇÃO DO OBJETO DIRETO ANAFÓRICO EM
LÍNGUAS ROMÂNICAS:** um estudo sincrônico no
português e no espanhol



ARARAQUARA – SP
2012

NIGUELME CARDOSO ARRUDA

**A REALIZAÇÃO DO OBJETO DIRETO ANAFÓRICO EM
LÍNGUAS ROMÂNICAS:** um estudo sincrônico no
português e no espanhol

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientador: Prof^a Dr^a Rosane de Andrade Berlinck

Bolsa: CNPq / CAPES-PDEE

ARARAQUARA – SP
2012

Arruda, Niguelme Cardoso

A realização do objeto direto anafórico em línguas românicas:
um estudo sincrônico no português e no espanhol / Niguelme
Cardoso Arruda. – 2012

165 f. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) –
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras,
Campus de Araraquara

Orientador: Rosane de Andrade Berlinck

1. Gramática comparada e geral – Sintaxe. 2. Sociolinguística.
I. Título.

NIGUELME CARDOSO ARRUDA

**A REALIZAÇÃO DO OBJETO DIRETO ANAFÓRICO EM
LÍNGUAS ROMÂNICAS:** um estudo sincrônico no
português e no espanhol

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientador: Prof^a Dr^a Rosane de Andrade Berlinck

Bolsa: CNPq / CAPES-PDEE

Data da defesa: ___/___/___

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Prof^a Dr^a Rosane de Andrade Berlinck
(UNESP / Campus de Araraquara)

Membro Titular: Prof^a Dr^a Sonia Maria Lazzarini Cyrino
(UNICAMP)

Membro Titular: Prof^a Dr^a Izete Lehmkuhl Coelho
(UFSC)

Membro Titular: Prof^a Dr^a Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale
(UFSCar)

Membro Titular: Prof^a Dr^a Beatriz Nunes de Oliveira Longo
(UNESP / Campus de Araraquara)

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

À memória daquela que, com simplicidade, sabedoria e dedicação, mostrou (e ensinou) a seus filhos o caminho da dignidade, honestidade e perseverança. A você, mãezinha, todo o mérito de minha conquista.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela graça de poder subir mais um degrau em minha trajetória acadêmico-profissional, dando-me ânimo e perseverança nos momentos vários de angústia e desânimo.

É comum ouvirmos pessoas afirmarem que a produção de uma tese é um processo de solidão e isolamento. Eu diria que não. É um momento em que se compartilham, com muitas pessoas, não apenas questões de acadêmicas, como também pessoais. Por isso, muito tenho a agradecer a um número considerável de pessoas. Sei que não conseguirei me lembrar de todas, mas, ainda assim, devo nomear algumas delas. Peço, então, desculpas àquelas que porventura não forem abaixo nomeadas, mas que, nesses últimos quatro anos, passaram por minha vida e puderam, de alguma forma, contribuir para a realização deste ideal (que agora se faz real). Sintam-se igualmente agradecidas.

À prof^a Dr^a Rosane de Andrade Berlinck – pessoa a quem devo mais essa conquista acadêmica: presença sempre constante, paciência e atenção, sensibilidade, profissionalismo, competência... Não seria capaz de buscar no léxico do português (quijá de outras línguas) todos os atributos dessa pessoa com quem, mais com que uma relação orientando-orientador, pude estabelecer uma relação de amizade. Você será sempre um exemplo a ser seguido!

À prof^a Dr^a Inéz Fernández-Ordóñez, por gentilmente aceitar acompanhar-me em meu estágio de Doutorado “Sanduíche” junto à Universidad Autónoma de Madrid, possibilitando-me momentos de significativo crescimento intelectual;

Ao prof. Dr. Bautista Horcajada, por tão prontamente me prestar esclarecimentos sobre o uso do COSER, programa utilizado na transcrição dos dados;

Aos professores Dr^a Odette Gertrudes Luíza Altmann de Souza Campos, Dr^a Charlotte Marie Chamberlland Galves, Dr. Sebastião Exedito Ignácio (*in memoriam*), Dr. Bento Carlos Dias da Silva, Dr. Antônio Suárez de Abreu, Dr^a Maria Helena de

Moura Neves Dr^a Gladis Massini-Cagliari, pelo conhecimento partilhado durante as disciplinas cursadas;

Às professoras Dr^a Sonia Maria Lazzarini Ciryno, Dr^a Izete Lehmkuhl Coelho, Dr^a Flávia Menezes de Bezerra Hirata-Vale e Dr^a Beatriz Nunes de Oliveira Longo, por terem, gentilmente, aceito o convite para avaliar esta tese. Agradeço-lhes pelos riquíssimos apontamentos, questionamentos e reflexões apresentados;

Às professoras Dr^a Angélica T. C. Rodrigues e Dr^a Nildicéia Aparecida da Rocha, pelas valiosas contribuições, quando do exame de qualificação;

A meus irmãos Clóvis, Iara e Leomar, à minha cunhada, aos meus sobrinhos, à minha prima-irmã, Iraci e à Carulina, pelo apoio e incentivo dados (cada um à sua maneira) constantemente;

À minha avó Abadia, que, ao longo de seus 96 anos, é exemplo de luta e vitalidade;

Aos meus amigos, pelo afeto, carinho e paciência a mim dispensados, emprestando-me, por diversas vezes, seus ombros (e também os ouvidos) para que pudesse lamentar e desabafar minhas angústias e meus temores;

Aos colegas do programa de Pós-Graduação, cujos nomes prefiro não elencar para não correr o risco de me esquecer de algum, pessoas com quem pude estreitar laços de uma agradável e saudável amizade que ficará para sempre;

Aos colegas e amigos do NEVAR, pelas ricas discussões em torno de um ideal comum: a Sociolinguística;

Aos amigos de Espanha, Elena, Tom, Miran, Pilar, Sacha, que tão gentilmente me receberam, tornando minha estada em Madrid muito agradável, fazendo-me sentir em casa;

Aos colegas do Instituto Francisco de Assis, pelo apoio constante;

À Secretaria de Educação do Estado de Goiás, pela concessão da licença de minhas atividades profissionais, sem a qual a concretização desse ideal não seria possível;

Ao CNPq, pela bolsa de pesquisa a mim concedida, viabilizando o desenvolvimento deste estudo;

À CAPES, pela bolsa PDEE, possibilitando-me o estágio de Doutorado “Sandúiche”, junto à Universidad Autónoma de Madrid.

A todos, os meus sinceros e eternos agradecimentos.

RESUMO

Amparado pelos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994, 2001), este estudo descritivo-analítico-comparativo, desenvolvido numa perspectiva sincrônica, se propõe a investigar as estratégias de realização do **objeto direto anafórico** (e, sobretudo, o estatuto do **objeto nulo**) nas variedades brasileira e europeia do português (respectivamente, **PB** e **PE**) e nas variedades argentina e europeia do espanhol (respectivamente, **EA** e **EE**). Objetiva-se, assim, verificar em que grau o **PB** e o **PE**, bem como o **EA** e o **EE** se distanciam em relação a esse fenômeno e se esse distanciamento, caso haja, reflete apenas em uma distinção quantitativa entre as variedades, e se seu reflexo pode ser observado em uma análise qualitativa. Assumiu-se, para tanto, a hipótese de que as distinções entre as variedades de uma mesma língua, assim como entre as duas línguas “irmãs”, são observadas, sobretudo, em uma análise quantitativa e que em uma análise qualitativa, muito provavelmente, essas diferenças não se acentuarão. No intuito de testar essa hipótese, os *corpora* desta investigação foram organizados a partir de entrevistas veiculadas em programas de auditório, transmitidos por canal aberto de emissoras de televisão de circulação nacional nos países usuários das variedades linguísticas acima referidas, uma vez que o trabalho com esse tipo de programa permite-nos, de um lado, verificar, seguindo os passos de Duarte (1989, p. 20), o uso linguístico em uma modalidade de fala que atinge os países de ponta a ponta, exercendo sobre a comunidade linguística, simultaneamente, uma força inovadora e normalizadora, e, de outro, a observação de dados que tenham sido obtidos em uma mesma época e com os informantes submetidos a situações de uso da língua semelhantes. Organizados os *corpora* a partir de um período aproximado **05** (cinco) **horas** de gravação para cada variedade, os dados foram organizados levando em consideração o tipo de antecedente – se **oracional (OD(or))** ou se **sintagma nominal (OD(SN))** –, para, então, serem submetidos ao tratamento estatístico, sendo utilizado, para tal, o programa GoldVarb X, que realiza uma análise multivariada. Os resultados apontaram para uma alta frequência de **objeto nulo** nas variedades do português e, nas variedades do espanhol, para uma frequência consideravelmente inferior. Os resultados obtidos, no entanto, forneceram-nos evidências de que, resguardadas as diferenças quantitativas, há semelhanças em relação aos contextos que favorecem a realização desse fenômeno linguístico, não só entre as variedades de uma mesma língua, como também entre as duas línguas consideradas.

Palavras-chave: Objeto direto. Português brasileiro. Português europeu. Espanhol. Sintaxe. Variação. Sociolinguística.

ABSTRACT

This descriptive-analytical-comparative study is supported by the theoretical and methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994, 2001) and was developed in a synchronic perspective. The study proposes to investigate the use strategies of the **anaphoric direct object** (and especially the status of the **null object**) in Brazilian and European varieties of the Portuguese Language (**PB** and **PE**, respectively) and in Argentinian and European varieties of the Spanish Language (**EA** and **EE**, respectively). The purpose is thus to ascertain to what degree **PB** and **PE** (as well as **EA** and **EE**) distance themselves from this phenomenon, to discover if the distancing inflicts only in a quantitative distinction between the varieties, and if the causes may be observed in a qualitative analysis. For this, we have assumed the hypothesis that the distinctions between varieties of the same language (as well as between the two “sister” languages) are particularly found in a quantitative analysis; however, in a qualitative analysis these differences are most likely not as noticeable. In order to test this hypothesis, the *corpora* of this research were organized from aired interviews of live audience shows, broadcast by national air television channels in countries where these languages are spoken. Working with this type of shows enables us to witness the language use in a form of speech that is common to the whole countries, which simultaneously exerts an innovative and normalizing force on the linguistic community, according to the work of Duarte (1989, p. 20), as on the other hand, we perceive data from a certain period and from speakers who undergo similar language use situations. The *corpora* were organized from an estimated period of **5 hours** of recording for each language variety, and data was organized according to the antecedent – **clausal (OD(or))** or **noun phrase (OD(SN))** –, then submitted to statistical analysis (for this, we have used the GoldVarb X software, which performed a multivariate analysis). From the results it was possible to notice a high frequency of the **null object** in Portuguese varieties, and a considerably lower frequency in the Spanish Language. These results, however, provided us with evidence that (with the exception of quantitative differences) there are similarities regarding the contexts that favor the implementation of this linguistic phenomenon, not only between varieties of the same language, but also with the two examined languages.

Keywords: Direct object. Brazilian Portuguese. European Portuguese. Spanish. Syntax. Variance. Sociolinguistics.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 13 |
| 1. REFLETINDO SOBRE O OBJETO DE ESTUDO | 17 |
| 1.1 A transitividade verbal: considerações feitas em gramáticas tradicionais e em estudos linguísticos | 17 |
| 1.1.1 A transitividade verbal em gramáticas tradicionais de língua portuguesa | 19 |
| 1.1.2 A transitividade verbal em gramáticas tradicionais de língua espanhola | 25 |
| 1.1.3 Rompendo paradigmas: a contribuição de estudos linguísticos para a compreensão da transitividade verbal | 30 |
| 1.1.3.1 Compreendendo a proposta de Hopper e Thompson (1980) | 31 |
| 1.1.3.2 Delimitando a noção de transitividade | 34 |
| 1.2 Objeto direto anafórico no português e no espanhol | 36 |
| 1.2.1 OD anafórico no português | 36 |
| 1.2.2 OD anafórico no espanhol | 40 |
| 2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: OS RUMOS DA PESQUISA | 46 |
| 2.1 A realidade social da língua: reflexões em torno dos princípios teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança | 46 |
| 2.2 Pressupostos metodológicos: definindo o caminho percorrido da organização dos <i>corpora</i> à análise dos dados | 50 |
| 2.2.1 Caracterização do gênero <i>programas de auditório</i> : fonte dos dados | 50 |
| 2.2.1.1 Programas de auditório: que gênero é esse? | 52 |
| 2.2.2 Organização dos <i>corpora</i> : o caminho percorrido até a obtenção dos dados | 56 |
| 2.2.3 Grupos de fatores considerados na análise | 59 |
| 3 ANÁLISE DOS DADOS: O QUE ELES NOS TÊM A DIZER? | 70 |

| | |
|--|-----|
| 3.1 Apresentando os resultados do português: variedades brasileira e europeia | 71 |
| 3.1.1 Objeto direto com antecedente sintagma nominal (OD(SN)): | |
| resultados gerais | 71 |
| 3.1.1.1 Análise dos dados a partir dos grupos de fatores considerados | 76 |
| 3.1.1.1.1 A natureza semântica do antecedente: o traço de animacidade | 76 |
| 3.1.1.1.2 A especificidade do antecedente: outro traço semântico | 81 |
| 3.1.1.1.3 A relevância do condicionamento sintático | 91 |
| 3.1.1.1.4 A topicalização (ou não) do antecedente | 94 |
| 3.1.1.1.5 Relação entre OD(SN) anafórico e grau de transitividade da sentença | 98 |
| 3.1.1.1.6 Verificação dos dados em relação à variável sexo/gênero dos informantes | 101 |
| 3.1.2 Objeto direto com antecedente oracional (OD(or)) – análise dos resultados | 103 |
| 3.1.2.1 Objeto direto com antecedente oracional (OD(or)): resultados gerais | 104 |
| 3.1.2.2 Análise dos dados a partir dos grupos de fatores considerados | 106 |
| 3.1.2.2.1 A relevância do condicionamento sintático | 106 |
| 3.1.2.2.2 A topicalização (ou não) do antecedente | 108 |
| 3.1.2.2.3 Verificação dos dados em relação à variável sexo/gênero dos informantes | 110 |
| 3.2 Apresentando os resultados do espanhol: variedades argentina e europeia | 111 |
| 3.2.1 Objeto direto com antecedente sintagma nominal (OD(SN)): | |
| resultados gerais | 112 |
| 3.2.1.1 Análise dos dados a partir dos grupos de fatores considerados | 114 |
| 3.2.1.1.1 A natureza semântica do antecedente: o traço de animacidade | 114 |
| 3.2.1.1.2 A especificidade do antecedente: outro traço semântico | 119 |
| 3.2.1.1.3 A relevância do condicionamento sintático | 124 |
| 3.2.1.1.4 A topicalização (ou não) do antecedente | 128 |
| 3.2.1.1.5 Relação entre OD(SN) anafórico e grau de transitividade da sentença | 130 |

| | |
|---|------------|
| 3.2.1.1.6 Verificação dos dados em relação à variável sexo/gênero dos informantes | 134 |
| 3.2.2 Objeto direto com antecedente oracional (OD(or)) – análise dos resultados | 136 |
| 3.2.2.1 Objeto direto com antecedente oracional (OD(or)): resultados gerais | 136 |
| 3.2.2.2 Análise dos dados a partir dos grupos de fatores considerados | 138 |
| 3.2.2.2.1 A relevância do condicionamento sintático | 139 |
| 3.2.2.2.2 A topicalização (ou não) do antecedente | 141 |
| 3.2.2.2.3 Verificação dos dados em relação à variável sexo/gênero dos informantes | 143 |
| | |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS: RELACIONANDO OS RESULTADOS DO PORTUGUÊS E DO ESPANHOL – EM BUSCA DE EVIDÊNCIAS | 131 |
| | |
| REFERÊNCIAS | 145 |

INTRODUÇÃO

Grande parte dos estudos linguísticos desenvolvidos no Brasil a partir do final da década de 1970 teve sua atenção voltada ao processo de variação e mudança por que passaram/passam fenômenos de natureza morfossintática. Para citar apenas alguns, numa perspectiva diacrônica, encontram-se os estudos de Berlinck (1988, 1989 e 1995), sobre o fenômeno da ordem (V SN / SN V), de Duarte (1995), sobre o preenchimento do sujeito por formas pronominais tônicas, de Cyrino (1997), sobre a implementação do objeto nulo, de Faraco (1996) e de Menon (2006), sobre a inserção da forma de tratamento **você** no sistema pronominal, e, numa perspectiva sincrônica, citam-se os estudos de Omena (1978 e 1996), com foco à reorganização do sistema pronominal, de Duarte (1986 e 1989), Matos (2005) e Arruda (2006), sobre o fenômeno variável do **objeto direto anafórico**.

Esse “novo” olhar dado aos fenômenos do português tem, cada vez mais, contribuído para a compreensão da complexidade linguística que envolve o português brasileiro (**PB**), chegando, alguns, a sustentar a hipótese de um distanciamento paulatino e significativo entre as variedades brasileira e europeia do português (**PE**).

Os que defendem essa hipótese pautam-se, sobretudo, no fato de que a distinção causada entre essas variedades do sistema linguístico português se deu em função de, ao longo do tempo, o **PB** ter adquirido, em sua formação, características que foram capazes de lhe atribuir uma estrutura morfossintática que o distinguisse do **PE**. Dessa forma, os falantes brasileiros passaram a vivenciar uma realidade linguística composta por construções cada vez mais comuns à sua realidade, diferenciando-se da realidade lusitana, constituindo-se, dessa forma, como aponta Tarallo (1996), uma gramática para o português “d’aquém-mar” distinta da gramática do português “d’além-mar”.

O próprio processo de formação por que passou o **PB**, distinto do vivido pela variedade d’além-mar, proporcionaria esse distanciamento. Isso por se considerar, nessa formação, conforme nos mostra Mello (2002, p. 341-2), o multilinguismo que caracterizava o Brasil colonial, momento em que se iniciou a constituição de nossa variedade linguística, somado a outros dois aspectos: o português que para cá fora trazido não era, em hipótese alguma, uniforme e padronizado e a diversidade

linguística trazida por grupos étnicos africanos diferentes durante o período de escravidão.

Pelo que se pode depreender de Garrido Domínguez (1992) e Fontanella de Weinberg (1992), processo de formação semelhante ao que passou o **PB** parece ter sofrido o espanhol da Argentina (**EA**), uma vez que, conforme nos mostra a história, a chegada dos europeus (portugueses e espanhóis) à América se deu simultaneamente e com interesses semelhantes, causando, inclusive, guerras por disputas territoriais. Soma-se a esse fato, a semelhante diversidade linguística encontrada no Brasil quando da chegada dos portugueses, também deparada na Argentina, quando da chegada dos espanhóis.

Considerando o fato de português e espanhol serem línguas latinas, apresentam, então, uma sintaxe e um sistema pronominal que em muito se assemelham: formas pronominais nominativas distintas de formas nominais acusativas, assim como uma terceira pessoa (ou a não-pessoa, usando terminologia cunhada por Benveniste (1995)) que apresenta um padrão de flexão semelhante à dos nomes (gênero e número). Considerando, ainda, a proximidade geográfica entre Portugal e Espanha e entre Brasil e Argentina, é possível pensar que as variedades europeias e americanas apresentam graus variáveis no seu sistema linguístico que também as aproximarão.

Dentre os diversos fenômenos variáveis que caracterizam essas variedades linguísticas, podemos citar a reorganização sofrida pelo sistema pronominal, já há algum tempo na pauta de estudos linguísticos. Para o caso da língua portuguesa, sobretudo o **PB**, em meados do século XX, Joaquim Mattoso Camara Jr. já apontava para esse fenômeno, vindo, mais tarde, a ser verificado com mais afinco pelas pesquisas linguísticas com enfoque na descrição da sintaxe do português, orientadas, principalmente, pelas perspectivas gerativista e variacionista. No caso do espanhol, os estudos de Fernández-Ordóñez (1993, 1999 e 2011), Fernández-Soriano (1999) e de Klein-Andreu (1981 e 2000) também apontam para uma variação no sistema pronominal, sobretudo quando se trata de formas pronominais acusativas ou dativas.

Partindo dessas observações, a proposta deste estudo foi, sustentado pelos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, estabelecer uma análise descritivo-analítico-comparativa da realização do **objeto direto**

anafórico, enfocando, principalmente, o uso de pronomes pessoais com a respectiva função e o estatuto do objeto nulo.

A hipótese norteadora deste estudo foi a de que as distinções entre as **PB** e **PE** e entre **EA** e **EE**, em relação ao fenômeno aqui estudado, são observadas, sobretudo, em uma análise quantitativa; em uma análise qualitativa, muito provavelmente, essas diferenças não se acentuarão. Assumiu-se, então, o objetivo geral de verificar, pautado nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, em que grau as variedades linguísticas europeia e brasileira do português, bem como as variedades europeia e argentina do espanhol se distanciam e se esse distanciamento, caso haja, reflete apenas em uma distinção quantitativa entre as variedades, ou se também causa algum reflexo quando visto de uma perspectiva qualitativa.

Ao objetivo geral, vincularam-se os seguintes objetivos específicos: **i)** observar as estratégias de realização do objeto direto anafórico nas variedades linguísticas em questão, a fim de se verificar as particularidades e/ou semelhanças; **ii)** compreender o estatuto do objeto nulo no português e no espanhol como, possivelmente, uma tendência das línguas românicas; **iii)** averiguar a possibilidade de topicalização do objeto direto anafórico nas referidas variedades linguísticas e se esse fenômeno favorece a realização do objeto nulo.

Dessa forma, a discussão que se estabeleceu ao longo desta tese encontra-se assim distribuída: a seção que segue a introdução está dividida em duas subseções: na primeira, discute-se a concepção de **transitividade verbal**. Tal discussão se faz pelo fato de o fenômeno aqui estudado ser projetado pelo que, tradicionalmente, denominou-se **verbo transitivo direto**. Para tanto, essa subseção encontra-se assim organizada: primeiramente, foi feita uma verificação do tratamento dado por gramáticas tradicionais (do português e do espanhol) ao verbo em relação à sua predicação. Na sequência, a atenção voltou-se para o tratamento dado por estudos linguísticos, com atenção especial ao trabalho de Hopper e Thompson (1980), que concebe a transitividade verbal, a partir de um conjunto de **10** (dez) parâmetros, numa escala contínua e gradual. Contrastadas essas duas perspectivas (a da gramática tradicional e a dos estudos linguísticos), procurou-se delimitar a noção de transitividade a ser aplicada aos dados. Na segunda subseção, estão apresentadas algumas considerações sobre o **objeto direto anafórico** no português e no espanhol, no intuito de elencar características identificadas por

estudos linguísticos para esse fenômeno sintático, de modo a nos auxiliar na análise dos dados constituidores de nossos *corpora*.

Na sequência, a segunda seção está destinada à apresentação dos pressupostos teórico-metodológicos aqui adotados. Nesse sentido, na primeira subseção, desenvolve-se uma breve discussão acerca do quadro teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, discorrendo sobre a delimitação de seu objeto de estudo de modo a situar esse modelo de descrição linguística nos estudos de Linguística Moderna, fundamentando e justificando a adoção de tal perspectiva em nosso estudo. Em seguida, na segunda subseção, encontram-se: **i)** a caracterização do gênero **programas de auditório**, gênero a partir do qual foram organizados os *corpora* deste estudo; **ii)** a descrição sobre a organização dos *corpora*; e **iii)** a apresentação dos grupos de fatores a considerados na análise.

À terceira seção, destinou-se a análise dos dados. Em função da natureza quantitativa da pesquisa, utilizou-se o programa estatístico GoldVarb X para que fossem estabelecidos os cruzamentos entre as formas variantes e os grupos de fatores considerados e, com isso, ser obtida a frequência bruta, como também para a obtenção de pesos relativos. Ressalta-se, ainda, que foi seguida a proposta apresentada por Matos (2005): analisar separadamente os casos em que o objeto tem um antecedente oracional e os que são antecidos por um sintagma nominal (**SN**), a fim de se ter um melhor controle dos dados.

Após a análise, são apresentadas as considerações finais, momento em que foi feito o contraste entre os resultados obtidos para o português e para o espanhol, reunindo as informações consideradas mais relevantes neste estudo, que é finalizado pelo acervo de referências nas quais se baseou.

Estima-se, dessa forma, que os resultados aqui apresentados e discutidos possam, ainda que de forma modesta, contribuir para a descrição do que se convencionou chamar das variedades linguísticas aqui consideradas, bem como para auxiliar as discussões que envolvem não só a relação **PB/PE**, mas as línguas românicas de um modo geral, servindo de base para estudos vindouros.

1. REFLETINDO SOBRE O OBJETO DE ESTUDO

Nesta seção, foram tecidas, de um lado, algumas considerações sobre a concepção de transitividade verbal, e, de outro, sobre a realização do **objeto direto anafórico** (nosso objeto de estudo) no português e no espanhol.

1.1 A transitividade verbal: considerações feitas em gramáticas tradicionais e em estudos linguísticos

Posto que o fenômeno linguístico aqui estudado é fruto da projeção feita por um verbo transitivo direto (adotando a terminologia tradicional), acredita-se na necessidade de se refletir sobre a noção de transitividade verbal. Para tanto, primeiramente será feito um retrospecto das considerações apresentadas por gramáticas tradicionais, tanto de língua portuguesa como de língua espanhola, para, em seguida, apresentar algumas reflexões sobre as concepções sustentadas por estudos linguísticos, tomando como ponto de partida a proposta de Hopper e Thompson (1980) e verificando, na sequência, algumas reflexões desenvolvidas por estudos descritivos do português e do espanhol.

Antes, porém, será feita uma breve passagem pelo conceito de transitividade verbal, dado o fato de as línguas aqui consideradas serem oriundas de um mesmo tronco linguístico: o latim.

Segundo Dubois *et al* (2001, p. 599, grifos do autor), “chama-se *transitividade* a propriedade de um verbo transitivo, isto é, de um verbo seguido de um sintagma nominal complemento de objeto não precedido de preposição”. Os autores seguem ainda o argumento dizendo que

As orações que comportam um verbo transitivo seguido de um sintagma nominal são suscetíveis de sofrer uma transformação passiva (...). Nessa análise, são transitivos somente os verbos que vêm seguidos de um sintagma nominal claro ou oculto; são intransitivos os outros verbos, tais como os que não comportem um sintagma nominal na estrutura do sintagma verbal (...), ou como os que comportem um sintagma preposicional. (DUBOIS *et al*, 2001, p. 599. Grifos nossos.)

Nesse mesmo sentido, Camara Jr. (2002, p. 235, grifos nossos), no tocante à transitividade verbal em seu sentido estrito, diz que se trata da

necessidade, que há em muitos verbos, de se acompanharem de um objeto direto que complete a sua predicação (...). O nome de TRANSITIVOS, dado a tais verbos em latim, decorreu da sua possibilidade de poderem passar... para a voz passiva (...). Os intransitivos já não admitem essa transformação.

Considerando as concepções acima apresentadas, poder-se-ia, então, reunir, de acordo com seu valor sintático, os verbos em dois grupos apenas: o dos transitivos e o dos intransitivos.

Sendo assim, em casos como

(1) O carteiro *trará* a correspondência.

tem-se verbo transitivo por exigir um sintagma nominal não preposicionado (a *correspondência*) funcionando como complemento direto de *trará*. Além disso, é uma estrutura que permite a forma passiva

(2) A correspondência será trazida pelo carteiro.

Já em ocorrências como

(3) O carteiro desapareceu.

(4) O carteiro acredita em seu trabalho.¹

há a ocorrência de verbos intransitivos, uma vez que em **(3)** não há a exigência, por parte do verbo, de um sintagma nominal que complete sua predicação; e em **(4)**, mesmo havendo um sintagma complemento do verbo, trata-se de uma estrutura antecedida por uma preposição, constituindo-se em um sintagma preposicional. Além disso, não há a possibilidade, em ambos os casos, de se transpor para a forma passiva.

Feita essa breve explanação, passa-se, então às abordagens apresentadas por gramáticas tradicionais.

¹ Os exemplos de **(1)-(4)** foram construídos por mim.

1.1.1 A transitividade verbal em gramáticas tradicionais de língua portuguesa

Tradicionalmente, as gramáticas de caráter normativo apresentam os verbos, em relação à sua predicação, de forma dicotomizada: de um lado, o grupo dos verbos transitivos (foco da discussão que aqui se estabelecerá) e, de outro, o dos verbos intransitivos.

Embora a (in)transitividade verbal seja um fenômeno sintático-semântico, a concepção desenvolvida pela gramática tradicional está pautada mais em critérios semânticos, posto que sua definição é construída a partir da necessidade ou não que um verbo tem de um complemento que integre seu sentido.

É o que se verifica nas palavras de Kury (1999, p. 28-29), ao definir um verbo intransitivo como sendo aquele que contém “em si toda a significação do predicado sem acréscimo de complemento”, como exemplificado pelo gramático em **(5)**, enquanto que os “transitivos são verbos que requerem o acréscimo de um complemento que integre o sentido do predicado²”, conforme exemplificado em **(6)**³.

(5) a. *Choveu* de madrugada.

b. As crianças *brincam*.

c. “*Entrei* apressado.”

(6) a. Os alunos *resolveram* os exercícios.

b. Os alunos *precisam* de atenção.

c. Os alunos *pediram* o livro ao professor.

Seguem essa mesma linha de raciocínio Rocha Lima (2000), Luft (2002), Cunha e Cintra (2001) e Bechara (2001 e 2002).

Para Rocha Lima (2000, p. 239), um verbo transitivo necessita da “presença de um ou mais termos que lhe completem a compreensão”, dado o fato de ser um verbo que apresenta “predicação incompleta”, contrapondo-se aos intransitivos que, segundo o gramático, “são suficientes para, sozinhos, representar a noção predicativa”, apresentando, portanto, predicação completa. Sendo o verbo a “palavra regente por excelência”, em se tratando de verbos que apresentam a necessidade

² Kury (1999, p. 26) define, de forma um tanto quanto lacônica, predicado como sendo a parte da oração – à exceção do vocativo – que não for sujeito nem estiver no sujeito, sendo o “termo que contém a informação nova para o ouvinte”.

³ Exemplos por mim construídos.

de complemento, este “forma com o verbo uma *expressão semântica*, de tal sorte que a sua supressão torna o predicado incompreensível, por omissivo ou incompleto” (ROCHA LIMA, 2000, p. 340).

Luft (2002, p. 32) inicialmente apresenta a relação estabelecida entre verbo e complemento como sendo uma questão de regência, argumentando, nesse sentido, que uma relação se dá sem a necessidade de complementos (objetos) por se tratar de um verbo de *predicação completa*, portanto, intransitivo; enquanto que, ao contrário, a necessidade de complemento se dará por se tratar de um verbo de *predicação incompleta*, portanto, transitivo.

No entanto, ao seguir discutindo sobre essa natureza dicotômica do verbo, o gramático se vale, a exemplo dos demais, do critério semântico. Isso pode ser percebido ao verificar que um verbo transitivo é definido como sendo aquele que “necessita de complemento – objeto – que lhe “complete” o sentido” (LUFT, 2002, p. 34).

Cunha e Cintra (2001, p. 517) definirão um verbo transitivo como sendo aquele que exige “sempre o acompanhamento de uma palavra de valor substantivo” que integre seu sentido, ao passo que os verbos intransitivos “expressam uma ideia completa”. Vale ressaltar que os gramáticos fazem referência ao fato de um mesmo verbo admitir “mais de uma regência”, atribuindo tal possibilidade à variação que um mesmo verbo pode sofrer em seu significado. Ainda a respeito dessa dicotomia, Cunha e Cintra (2001, p. 135-136) apresentam um argumento aplicável, pela forma como é estruturado, apenas aos verbos que indicam ação, centrando-se, novamente, em critérios semânticos. Os gramáticos, a respeito dos verbos intransitivos, dizem que são verbos que apresentam a ação integralmente contida em si mesmos, ou seja, “a ação não vai além do verbo”. Já os transitivos “exigem certos termos para completar-lhes o significado”, uma vez que o processo verbal não se apresenta integralmente contido na própria forma verbal, transmitindo-se, assim, a outros elementos.

Bechara (2001, p. 414-415) define verbos transitivos como sendo aqueles que necessitam de uma “delimitação semântica”, ou seja, necessitam de argumentos ou complementos verbais. A necessidade de tais complementos se faz pelo fato de que o “conteúdo léxico” desse tipo de verbo é “de grande extensão semântica” e o complemento funciona como um delimitador dessa extensão. Já os verbos intransitivos são, pelo gramático, explicados como sendo aqueles que “apresentam

significado lexical referente a realidades bem concretas”, não necessitando, portanto, de outros signos léxicos, ou seja, de complementos. Essa mesma linha de raciocínio é mantida em Bechara (2002).

Feitas essas explanações acerca da dicotomia verbo transitivo / verbo intransitivo, a atenção se voltará, agora, para a classificação dos verbos transitivos feita pela gramática normativa. É comum verificar que os verbos componentes desse grupo se mostram subdivididos em três outros grupos: dos transitivos diretos, dos transitivos indiretos e dos transitivos diretos e indiretos (bitransitivos). Ainda que alguns gramáticos apresentem um quadro mais detalhado nessa classificação, a discussão se centrará apenas nessa tricotomia, posto ser a que mais comumente se verifica no quadro dos verbos transitivos apresentado pela gramática tradicional.

Verificando as definições apresentadas pelos gramáticos aqui considerados (KURY, 1999; ROCHA LIMA, 2000; CUNHA E CINTRA, 2001; LUFT, 2002; e BECHARA 2001 e 2002), nota-se que há em comum, na definição dada a esses tipos de verbos transitivos, a maneira pela qual se dá a relação entre o verbo e seu complemento: um verbo transitivo direto (**V.T.D.**) estabelecerá uma relação com seu complemento – denominado objeto direto – sem a obrigatoriedade de preposição, ao passo que um verbo transitivo indireto (**V.T.I.**) estabelecerá a relação com seu complemento – denominado objeto indireto – intermediada por uma preposição obrigatória. Os verbos bitransitivos (transitivos direto e indireto – **V.T.D.I.**) apresentarão, portanto, ambos os complementos. É a partir da observação dessa relação que se constituirá a definição desses verbos.

Nesse sentido, verificando mais detalhadamente as palavras dos gramáticos, Kury (1999, p. 30-31, grifos do autor) define um **V.T.D.** como sendo aquele que tem “seu sentido integralizado por um complemento não introduzido por preposição *obrigatória*”, ao passo que um **V.T.I.** é aquele cujo sentido é “integralizado por [...] um complemento que, quando substantivo, vem obrigatoriamente regido por preposição sem valor circunstancial”. Já o **V.T.D.I.** se caracteriza por requerer, simultaneamente, além do objeto direto, “o acréscimo de outro complemento, o objeto indireto, [...] que designa o ser a quem a ação beneficia ou prejudica”. O gramático ainda elenca três características a partir das quais se pode identificar um **V.T.D.**: i) é um verbo de ação e, conseqüentemente, apresenta “um agente, que na voz ativa é o sujeito da oração”; ii) “seu objeto direto representa o ser que, recebendo a ação, é o seu paciente”; iii) devido ao fato de possuir “agente e

paciente (este sem preposição *necessária*”), além da construção na voz ativa, admite a construção na voz passiva, passando o paciente a exercer a função de sujeito.

Rocha Lima (2000, p. 40, grifos do autor), de forma mais concisa, diz apenas que um **V.T.D.** é aquele que exige “a presença de um *objeto direto*”⁴, um **V.T.I.** necessitará “de um *objeto indireto*”⁵ e um **V.T.D.I.** apresentará “concomitantemente um objeto direto e um indireto, ou objeto direto e um complemento relativo”⁶.

Cunha e Cintra (2001, p. 136-137, grifos dos autores) reconhecem um **V.T.D.** quando a ação expressa pelo verbo se transmite “a outros elementos diretamente, ou seja, sem auxílio de preposição”, dando ao elemento que integra o sentido desse verbo o nome de *objeto direto*. Um **V.T.I.** é reconhecido pelos gramáticos quando a ação expressa pelo verbo “transita para outros elementos da oração indiretamente, isto, por meio da preposição”, recebendo tais elementos o nome de *objeto indireto*. Já um **V.T.D.I.**, de acordo com os gramáticos, é reconhecido pelo fato de a ação expressa pelo verbo “transitar para outros elementos da oração, a um tempo, direta e indiretamente. Por outras palavras: estes verbos requerem simultaneamente *objeto direto e objeto indireto* para completar-lhes o sentido”.

Luft (2002, p. 34-36, grifos do autor) define um **V.T.D.** como sendo aquele que apresenta seu “sentido completado por um ‘objeto direto’, assim chamado por se ligar ao verbo sem preposição”. De acordo com o gramático, a transitividade desse tipo de verbo pode ser verificada pela possibilidade de conversão em passiva. Porém, em observação, ressalta a impossibilidade de tal conversão para alguns verbos: os impessoais e os de sentido passivo (cf. **(7)** e **(8)**, respectivamente, exemplificados pelo gramático). Diz, ainda, que a transitividade direta de um verbo pode ser verificada pela aplicação “ao verbo do objeto pronominal *o*”, conforme exemplos dados pelo gramático, aqui transcritos em **(9)**.

⁴ **Objeto direto** “é o complemento que, na voz ativa, representa o paciente da ação verbal” (ROCHA LIMA, 2000, p. 243).

⁵ **Objeto indireto** “representa o ser animado a que se dirige ou destina a ação ou estado que o processo verbal expressa”, podendo “figurar em qualquer tipo de predicado [...], perfilando-se, até, ao lado de verbos intransitivos e de verbos na voz passiva” (ROCHA LIMA, 2000, p. 248-249).

⁶ **Complemento relativo** é aquele “que ligado ao verbo por uma preposição determinada [...], integra, com o valor de *objeto direto*, a predicação de um verbo de significação relativa”, distinguindo-se do objeto indireto pelo fato de **i)** não apresentar “a pessoa ou coisa a que se destina a ação, ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza”, denotando, a exemplo do objeto direto, “o ser sobre o qual recai a ação”, denotando, porém, “como o objeto direto, o ser sobre o qual recai a ação”; e **ii)** não corresponder, “na 3ª pessoa, às formas pronominais átonas *lhe, lhes*, mas às formas tônicas *ele, ela, eles, elas*, precedidas de preposição” (ROCHA LIMA, 2000, p. 251-252. Grifos do autor).

- (7) a. Há problemas.
b. Faz calor.
- (8) Levou uma surra.
- (9) a. O professor **a** expôs com desembaraço. (**a** = a lição).
b. A polícia prendeu-**o**.

No tocante ao **V.T.I.**, o gramático o define como sendo aquele “que requer um complemento (objeto) ‘indireto’, i.é., um nominal (sintagma substantivo) regido obrigatoriamente de preposição”. O gramático distingue, para esse tipo de verbo, três grupos, o primeiro dos quais semelhante aos **V.T.D.**: **a**) verbos (como **acudir**, **(des)agradar**, **agradecer**, dentre outros), cujo complemento é regido pela preposição *a*, podendo esse complemento ser substituído pelo pronome *lhe*. Sua semelhança com os **V.T.D.** se dá pelo fato de apresentarem um agente e um paciente, sendo possível, em alguns casos, a conversão em uma estrutura passiva, tornando, tal semelhança, ainda mais perceptível, segundo o gramático, pelo fato de que “popularmente há uma tendência em torná-los como transitivos diretos, dando-lhes objeto pronominal *o*”; **b**) verbos que não admitem, geralmente, apassivação, “nem pronome *lhe* (mas *ele* regido de preposição)” (como **aludir**, **aspirar**, **assistir**, dentre outros, regidos pela preposição **a**; **arrepender-se**, **cogitar**, **depende**, dentre outros, regidos pela preposição **de**; e **incorrer**, **insistir**, **pensar**, dentre outros, regidos pela preposição **em**); **c**) “verbos que se completam com um locativo que não pode ser considerado ‘adjunto’ [...], e sim ‘complemento’” (como **morar/residir em**, **ir para**, **entrar em/sair de**, dentre outros).

Já um **V.T.D.I.** é pelo gramático definido como sendo aquele verbo “que se constrói com dois complementos, um direto e outro indireto”. São identificados três tipos desse verbo: **a**) aqueles “com objeto indireto *lhe* (dativo)”; **b**) aqueles cujo complemento indireto não é dativo, nem locativo; e **c**) aqueles cujo complemento indireto é um locativo⁷.

⁷ Em observação, Luft (2002, p. 37) aponta para o fato de que, para uma quantidade significativa de verbos, a transitividade e intransitividade “manifesta-se alterada no discurso”. Assim, **a**) “verbos transitivos podem ser usados intransitivamente, por omissão do(s) objeto(s), casos para os quais o gramático defende a existência de um “objeto indeterminado”; **b**) “verbos intransitivos podem ser usados transitivamente”; **c**) alguns verbos intransitivos podem funcionar como transitivo indireto; **d**) “o mesmo verbo pode apresentar regência variada”: mantendo ou diferenciando o sentido.

Seguindo a mesma linha argumentativa, Bechara (2002, p. 51-52) assim define os tipos de verbo, de acordo com sua transitividade: **V.T.D.** são verbos que “pedem complemento necessário não introduzido por preposição necessária”, enquanto que **V.T.I.** são os que “pedem complemento introduzido por preposição necessária”. O gramático, embora não adote a nomenclatura **V.T.D.I.** (ou bitransitivos), como o fazem outros gramáticos, faz referência ao grupo de verbos transitivos que, “mesmo acompanhados de objeto direto, continuam com sentido incompleto, exigindo outro complemento precedido de preposição para indicar o ser a quem a ação se destina ou o ser beneficiado ou prejudicado por esta referida ação”.

Em Bechara (2001), não se encontra uma sessão específica em que o gramático discuta (e diferencie) os verbos transitivos, como comumente se encontra nas gramáticas de cunho normativo. No entanto, essa distinção pode ser verificada quando o gramático discorre sobre os complementos verbais. Assim, um complemento direto (ou objeto direto) será aquele “representado por um signo léxico de natureza substantiva [...] não introduzido por preposição necessária” (BECHARA, 2001, p. 416). Nesse sentido, tem-se a caracterização do que tradicionalmente se convencionou chamar **verbo transitivo direto**.

De acordo com esse gramático, a identificação desse tipo de complemento (e, conseqüentemente, de um **V.T.D.**) se faz, além da ausência de preposição necessária, por: **a)** substituição do complemento direto por pronomes pessoais *o, a, os, as* (Os vizinhos não viram *o incêndio* / ... não *o* viram); **b)** conversão da voz ativa para a passiva (Não encontramos *os responsáveis* / *Os responsáveis* não foram encontrados *por nós*); **c)** “substituição do complemento direto pelos pronomes interrogativos *quem?* [é que] (para pessoa) e [o] *que* [é que]? antes da sequência sujeito + verbo, ou antes dos verbos *fazer* ou *acontecer*” (O caçador viu o *companheiro* / Quem é que o caçador viu? – *o companheiro* (complemento direto)); **d)** “transposição (topicalização) do complemento direto para a esquerda do verbo ‘permitindo’ a presença de um pronome pessoal objeto no local vizinho ao verbo onde deveria estar o complemento direto” (O caçador viu *o lobo* / *O lobo*, o caçador *o* viu) (BECHARA, 2001, p. 416-417. Grifos do autor.).

O gramático adverte para o fato de que “nenhuma dessas estratégias por si só é uma operação infalível”, fazendo-se, então, necessária a utilização de mais de uma estratégia. Isso porque: **a)** nem sempre será possível a conversão da estrutura

ativa em uma estrutura passiva (Eu quis o livro / *O livro foi querido por mim); **b)** alguns casos em que o complemento não é direto admitirão a passiva (Assistimos à missa / A missa foi assistida por nós); **c)** “não são naturais, embora gramaticalmente possíveis, as perguntas com *quem?*, *que?* nas frases cujos predicados complexos contém verbos que significam medida, peso, preço e tempo” (O corredor mede cinco metros); **d)** “não são freqüentes, embora gramaticalmente possíveis, as pronominalizações com os verbos de natureza semântica referida no item anterior”⁸ (O corredor mede-os) (BECHARA, 2001, p. 417-418. Grifos do autor.).

1.1.2 A transitividade verbal em gramáticas tradicionais de língua espanhola

A exemplo do que se observou nas gramáticas normativas do português, anteriormente mencionadas, também as gramáticas do espanhol, no tocante à transitividade verbal, assumem uma postura dicotômica. São apresentados, pois, o grupo dos verbos transitivos e o dos verbos intransitivos. As gramáticas dessas línguas assemelham-se, ainda, ao considerarem como transitivos os verbos que necessitam de um complemento que integre seu significado (critério semântico). É o que se pode depreender de RAE (2009, p. 2592), ao afirmar que, em uma concepção mais ampla, um verbo transitivo é o que requer um complemento (seja ele direto ou não) que integre sua significação.

No entanto, as gramáticas normativas do espanhol tendem a considerar a transitividade verbal em sua concepção mais específica, ou seja, é compreendido como transitivo aquele verbo que necessita especificamente de um complemento direto (objeto direto). Os demais verbos, cuja construção se faz sem a necessidade desse tipo de complemento, são denominados intransitivos. É essa a concepção depreendida de Alarcos Llorach (1999), Torrego (2007) e RAE (2009 e 2010), cujas obras sustentam a discussão a ser estabelecida acerca do espanhol.⁹

Em Alarcos Llorach (1999, p. 280-281), adota-se como critério para a classificação dos verbos em **transitivos** ou **intransitivos** a possibilidade de se admitir ou não objeto direto. É o que se depreende das palavras do gramático, ao afirmar que “cuando la actividad denotada por la raíz verbal requiere la

⁸ Podem ser tratados como transitivos (diretos) verbos referidos nesse grupo?

⁹ Nesse sentido, a distinção feita assemelha-se à considerada na língua latina.

especificación aportada por el sustantivo que funciona con objeto directo, se considera el verbo transitivo; en caso contrario, el verbo es intransitivo”¹⁰.

O gramático admite, ainda, que, em geral, a lexicalização do objeto direto está associada à vontade ou intenção comunicativa do falante, ainda que alguns verbos (como *llorar*, *correr*, *dormir*) apenas necessitam especificação, enquanto essa demarcação denotativa apresentada pelo objeto direto é exigida por outros verbos. Nesse sentido, a maior parte dos verbos pode apresentar-se com ou sem objeto direto, a depender daquilo que se pretende comunicar (ALARCOS LLORACH, 1999, p. 281).

Torrego (2007, p. 190), ao diferenciar os verbos transitivos dos intransitivos, definirá estes como sendo os que “no se construyen con complemento directo” (conforme **(10)** e **(11)**), distinguindo-se daqueles que “se construyen con complemento directo” (conforme **(12)** e **(13)**), cujos complementos são, respectivamente, *la pelota* e *agua*).

(10) Vivieron en París.

(11) Ocurrieron cosas horribles.

(12) Tiré la pelota al jardín.

(13) Saqué agua del pozo.¹¹

Encontra-se, ainda nas palavras de Torrego (2007, p. 190), uma ressalva ao fato de alguns verbos, originalmente transitivos, poderem funcionar como intransitivos e vice-versa, conforme **(14.a)** e **(14.b)**, exemplificado pelo próprio gramático.

(14) a. Comí patatas.

b. Comí a las tres.

Nota-se que, em **(14.a)**, *patatas* funciona como complemento do verbo *comer*, sendo, portanto, um verbo transitivo, ao passo que em **(14.b)** o mesmo verbo se apresenta sem complemento, sendo, dessa forma, um verbo intransitivo.

¹⁰ “Quando a atividade denotada pela raiz verbal requer a especificação apresentada pelo substantivo que funciona como objeto direto, o verbo é considerado transitivo; caso contrário, o verbo é intransitivo.”

¹¹ Exemplos extraídos de Torrego (2007, p. 190)

Em RAE (2009 e 2010) é possível encontrar um tratamento um pouco mais detalhado dado à transitividade verbal, chegando, inclusive, a apresentar alguns critérios sintáticos que permitam considerar um verbo como transitivo.

Ao diferenciar verbo transitivo de verbo intransitivo, RAE (2010, p. 662), a exemplo do que foi observado nos outros dois gramáticos aqui referidos, define este como sendo o que não requer objeto direto (denominado argumento), ao passo que aquele apresentará o referido argumento:

unos verbos precisan como complemento algún argumento que complete la significación del predicado¹² [...]. Otros, en cambio, no necesitan de él¹³ [...]. Las diferencias entre ambos paradigmas son consecuencia directa del significado de los verbos respectivos”.¹⁴

Verifica-se, nessas palavras, que a diferenciação entre aspectos sintáticos do verbo apoia-se antes em critérios semânticos que sintáticos (ou sintático-semânticos). O mesmo pode ser observado em RAE (2009, p. 2594), ao afirmar que a (in)transitividade verbal se dá em função do próprio significado do verbo.

RAE (2010, p. 663) aponta, ainda, para a possibilidade de se distinguir “en la clase de los verbos transitivos los que pueden omitir su complemento directo¹⁵ sin dejar por ello de ser transitivos y los que tienen usos intransitivos”¹⁶. A omissão do complemento direto pode ser explicada, em alguns casos, por razões léxicas, como também, em outros, a partir da construção sintática, como acontece em

(15) *Unos tienen oportunidades y otros no tienen.*

em que o complemento do verbo sublinhado, ainda que não esteja lexicalizado na sentença, pode ser recuperado devido à construção sintática.

No caso dos verbos que admitem tanto uso transitivo como uso intransitivo, será apresentada diferença de significado mais ou menos acentuada, como ocorre em

¹² Referência aos verbos transitivos.

¹³ Referência aos verbos intransitivos.

¹⁴ “Uns verbos precisan, como complemento, de algum argumento que complete a significação do predicado [...]. Outros, ao contrário, não necessitam de tal complemento [...]. As diferenças entre ambos os paradigmas são consequência direta do significado dos respectivos verbos.”

¹⁵ Referência à possibilidade de realização do objeto nulo. Esse aspecto será discutido com maior detalhe em seção destinada à discussão sobre a ocorrência desse fenômeno no espanhol.

¹⁶ “na classe dos verbos transitivos os que podem omitir seu complemento direto sem deixar de se transitivo e os que têm usos intransitivos”.

- (16) a. *Este balón bota mal.*
 b. *Me aburro botando la pelota.*¹⁷

Ainda que os manuais aqui apresentados relacionem a transitividade verbal à necessidade de argumento que complete a significação de um verbo, RAE (2009, p. 663 e 2010, p. 2593) evidencia outro critério para se julgar a (in)transitividade de um verbo: a voz passiva (seja de participípio, seja pronominal) como construção possível unicamente com verbos transitivos.

Acrescenta, ainda, que um verbo pode ser considerado como transitivo pelo fato de apresentar características sintáticas, assim como devido a características semânticas¹⁸.

Do ponto de vista sintático, consideram-se os verbos como transitivos “en función de la categoría gramatical que corresponde a su complemento directo, es decir, según admitan grupos nominales (*comer*), oraciones sustantivas (*opinar*) o ambas construcciones (*pedir*)”¹⁹ (RAE, 2009, p. 2602 e 2010, p. 663).

Do ponto de vista semântico, os principais critérios considerados são: **a)** o modo de ação do verbo; **b)** a classe nocional a que pertence o verbo; **c)** a natureza léxica do complemento direto; **d)** a interpretação semântica do complemento direto (RAE, 2009, p. 2603 e 2010, p. 663).

O primeiro critério semântico – modo de ação – consiste em observar que os verbos transitivos estão distribuídos, aspectualmente, em quatro grupos: verbos de atividade e de estado ou propriedade (cujos objetos diretos não supõem um limite) e verbos de realização e de consecução ou sucesso, cujos objetos diretos se referem ao limite ou final de uma ação.

O critério que diz respeito à classe nocional a que pertence o verbo faz referência às diversas noções que um verbo transitivo pode denotar: existência, afeição, comunicação, vontade, transferência, posse, percepção, juízo, entre outras. “Particular relevancia tienen los verbos CAUSATIVOS [...] y los DE CREACIÓN O

¹⁷ Os exemplos apresentados em (12) e (13) foram extraídos de RAE (2010, p. 663).

¹⁸ Ainda que o objetivo deste trabalho não seja apresentar critérios para se considerar um verbo como transitivo, serão aqui apresentados, ainda que de forma breve, os critérios elencados por RAE (2009 e 2010), principalmente pelo fato de que o critério sintático servirá de base para a constituição de um dos grupos de fatores que nortearão a análise dos dados.

¹⁹ “em função da categoria gramatical que corresponde ao seu complemento, isto é, segundo admitam grupos nominais (*comer*), orações substantivas (*opinar*) ou ambas as construções (*pedir*)”.

EFECTUACIÓN, cuyo objeto directo designa lo que pasa a tener existencia como consecuencia de la acción que expresan”²⁰ (RAE, 2010, p. 664).

A natureza léxica do complemento, terceiro critério semântico apresentado, refere-se ao fato de a aplicação do objeto direto permitir observar que alguns verbos não apresentam restrições no tocante à

noción que designa su objeto directo (*imaginar*), mientras que otros complementos están restringidos a la denotación de seres animados (*vacunar*), solo personas (*condecorar*), sucesos o eventos (*presenciar*, *narrar*), sensaciones o sentimientos (*exteriorizar*, *externar*) y medidas o magnitudes, sean espaciales (*distar*), temporales (*tardar*) o de outro tipo (*retroceder varias páginas*, *correr una maratón*).²¹ (RAE, 2010, p. 664)

A interpretação semântica do complemento – quarto critério semântico apresentado – permite compreendê-lo em dois grupos: i) o dos *afetados*, nos quais é possível perceber uma mudança de estado no termo que funciona como paciente da ação mencionada; e ii) o dos *não afetados*. RAE (2010, p. 664) ressalta que “los complementos directos de los verbos de estado y situación son siempre no afectados, pero los de los verbos de acción pueden pertenecer a ambos grupos”²².

A partir do acima exposto, percebe-se um avanço em relação às concepções apresentadas por Alarcos Llorach (1999) e Torrego (2007). No entanto, ainda é possível notar uma atenção maior às características semânticas apresentadas pelo verbo.

Tecidos os comentários em torno do tratamento dado pela Gramática Tradicional ao fenômeno da transitividade verbal, passa-se, agora, ao tratamento dado por estudos linguísticos.

²⁰ “Particular relevância têm os verbos CAUSATIVOS e os DE CRIAÇÃO OU EFETUAÇÃO, cujo objeto direto designa o que passa a ter existência como consequência da ação que expressam”.

²¹ “noção que designa seu objeto direto (*imaginar*), enquanto que outros complementos estão restritos à denotação de seres animados (*vacinar*), apenas pessoas (*condecorar*), eventos (*presenciar*, *narrar*), sensações ou sentimentos (*exteriorizar*, *externar*) e medidas ou magnitudes, sejam espaciais (*distanciar*), temporais (*demorar*) ou de outro tipo (*retroceder várias páginas*, *correr uma maratona*)”.

²² “Os complementos directos dos verbos de estado e situação são sempre não afetados, mas os dos verbos de ação podem pertencer a ambos os grupos”.

1.1.3 Rompendo paradigmas: a contribuição de estudos linguísticos para a compreensão da transitividade verbal

Ao contrário do que se observa na concepção tradicional, em que o tratamento dado à transitividade verbal, ao se verificar a abordagem feita por diferentes gramáticos, não tende a sofrer alterações, uma vez que dá um tratamento restrito para discutir a dicotomia transitivo/intransitivo, baseado, fundamentalmente, em critérios de natureza semântica, quando se parte para os estudos descritivos – portanto, linguísticos – é possível verificar, a depender da vertente teórica a que se filiam as concepções, um tratamento diferenciado do verificado na gramática tradicional.

Encarada, então, sob uma ótica mais ampla, Rodríguez Molina (2010, p. 236) afirma que

una de las ideas más importantes sobre el concepto de transitividad es que esta no es una propiedad intrínseca del verbo, sino que es más bien una propiedad de los predicados verbales. La transitividad es una noción que afecta a la organización del discurso, ya que relaciona el verbo y los demás constituyentes de la oración; supone una cohesión entre estos elementos establecida a través de la sintaxis de rección. Por tanto, es un fenómeno global, un *continuum* que recorre los niveles léxico, sintáctico y semántico y, a su vez, es un fenómeno gradual o escalar, porque se puede descomponer en una serie de propiedades mínimas²³.

Nesse sentido, como afirma Castilho (2010, p. 264), “a transitividade organiza a sentença escolhendo seus argumentos”.

As considerações que aqui serão feitas não pretendem propor critérios para se considerar um verbo como transitivo (ou intransitivo), tampouco filiar-se a um ou outro modelo teórico. São antes reflexões com base nas quais se buscará uma compreensão mais ampla sobre a manifestação do objeto direto anafórico no português e no espanhol. No entanto, isso não significa que nos limitaremos a uma exposição de abordagens. A partir das reflexões desenvolvidas, proporemos uma

²³ “uma das ideias mais importantes sobre o conceito de transitividade é que esta não é uma propriedade intrínseca do verbo, mas antes uma propriedade dos predicados verbais. A transitividade é uma noção que afeta a organização do discurso, já que relaciona o verbo e os demais constituintes da oração; supõe uma coesão entre esses elementos, estabelecida através da sintaxe de regência. Portanto, é um fenômeno global, um *continuum* que recorre os níveis léxico, sintático e semântico e, por sua vez, é um fenômeno gradual ou escalar, porque pode ser decomposto em uma série de propriedades mínimas.”

concepção de transitividade que venha a orientar a análise que aqui será desenvolvida.

Para tanto, serão tomados como base os princípios apresentados por Hopper e Thompson (1980), no intuito de compreender, a partir de um *continuum*, o grau de transitividade da sentença, a fim de que essa característica possa ser inserida entre os grupos de fatores que nortearão a análise dos dados, isso por acreditar ser esse um grupo de fatores que se mostrará significativo na seleção por uma ou outra expressão do objeto direto anafórico.

1.1.3.1 Compreendendo a proposta de Hopper e Thompson (1980)

Em seu clássico artigo *Transitivity in grammar and discourse* (publicado em 1980), os linguistas norte-americanos Paul J. Hopper e Sandra A. Thompson, diferentemente do que apresenta a gramática tradicional, consideram a transitividade verbal como um mecanismo cuja função é organizar a sentença e, conseqüentemente, a unidade textual (seja ela oral ou escrita). Os linguistas norte-americanos defendem que esse fenômeno não se centra apenas no verbo, mas diz, antes, respeito a toda a oração, não o concebendo “como uma propriedade categórica do verbo, mas como uma propriedade contínua, escalar (ou gradiente), da oração como um todo” (CUNHA E SOUZA, 2007, p. 27).

Iniciando suas reflexões, Hopper e Thompson (1980, p. 251) afirmam que, do ponto de vista tradicional, a transitividade verbal “is [...] understood as a global property of an entire clause, such that an activity is ‘carried-over’ or ‘transferred’ from an agent to a patient”²⁴. Ribeiro (2009, p. 22), ao refletir sobre esse princípio, afirma que se trata de um princípio baseado na “intuição” e que não será descartado pelos linguistas, uma vez que “denota uma característica prototípica da transitividade”.

Uma oração prototipicamente transitiva, na concepção de Hopper e Thompson (1980), é aquela em que o verbo denota uma ação que envolve dois participantes, mostrando-se, portanto, acompanhado de dois SNs (sintagmas nominais), sendo eles o sujeito (posicionado à esquerda do verbo e desempenhando a função de agente da ação expressa pelo verbo, tendo, assim, o controle da ação)

²⁴ “é entendida como uma propriedade global da oração, na qual a atividade é ‘transferida’ de um agente a um paciente”.

e o objeto (posicionado à direita do verbo e desempenhando a função de paciente da ação verbal, logo, afetado pela referida ação). No entanto, na perspectiva desenvolvida por esses linguistas, o reconhecimento de um evento como transitivo não significa a obrigatoriedade de materialização, na sentença, dos três elementos: sujeito, verbo, objeto.

A transitividade verbal, tratada por Hopper e Thompson (1980) como um fenômeno gradual e de natureza multidimensional, é, então,

concebida como um complexo de dez parâmetros sintático-semânticos independentes, que focalizam diferentes ângulos da transferência da ação em uma porção diferente da oração. Embora independentes, os dez traços da transitividade funcionam juntos e articulados na língua, o que significa que nenhum deles sozinho é suficiente para determinar a transitividade de uma oração. (CUNHA E SOUZA, 2007, P. 36-37)

Para a proposição de tais parâmetros (dispostos no **quadro 1**), Hopper e Thompson (1980) assumem como hipóteses, o fato de que: **i**) a transitividade verbal é um elemento essencial à linguagem, culminando em consequências diversas no que diz respeito à construção gramatical; e **ii**) a transitividade verbal é um fenômeno gradual cujas propriedades são determinadas discursivamente.

| Parâmetros | Transitividade alta | Transitividade baixa |
|--------------------------------|----------------------------|-----------------------------|
| 1. Participantes | dois ou mais | um |
| 2. Cinese | ação | não ação |
| 3. Aspecto verbal | perfectivo | não perfectivo |
| 4. Pontualidade verbal | pontual | não pontual |
| 5. Intencionalidade do sujeito | intencional | não intencional |
| 6. Polaridade da oração | afirmativa | negativa |
| 7. Modalidade da oração | <i>realis</i> | <i>irrealis</i> |
| 8. Agentividade do sujeito | agentivo | não agentivo |
| 9. Afetamento do objeto | afetado | não afetado |
| 10. Individualidade do objeto | individuado | não individuado |

Quadro 1 – Proposta de Hopper e Thompson (1980) para a análise da transitividade verbal

Esses parâmetros são assim esclarecidos pelos linguistas:

- **Participantes:** só há transferência [da ação] se houver a participação de dois envolvidos;

- **Cinense:** apenas ações podem ser transferidas de um participante a outro; estados não;
- **Aspecto:** os predicados télicos (perfectivos) – aqueles que são vistos de seu ponto final – possuem maior grau de transitividade, pois apresentam maior eficácia na transferência a um participante do que uma ação atélica (imperfectiva);
- **Pontualidade:** terão um efeito mais marcado sobre seus pacientes as ações cuja realização não apresenta entre o início e o fim uma transição óbvia. Já em ações inerentemente contínuas, esse efeito é menos marcado;
- **Intencionalidade:** diz respeito ao grau de controle que o sujeito exerce sobre o evento expresso pelo verbo: “the effect on the patient is typically more apparent when the A is presented as acting purposefully”²⁵ (HOPPER E THOMPSON, 1980, p. 252);
- **Polaridade:** apenas ações acontecidas (oração afirmativa) podem ser transferidas. Não é possível verificar transferência em ações não ocorridas (oração negativa);
- **Modalidade:** esse parâmetro refere-se à “distinction between 'realis' and 'irrealis' encoding of events”²⁶ (HOPPER E THOMPSON, 1980, p. 252). Para os linguistas norte-americanos, isso diz respeito ao fato de que ações correspondentes a um evento real apresentam maior eficácia que ações referentes a eventos irrealis, hipotéticos ou cuja ocorrência se deu em um mundo não-real;
- **Agentividade:** participantes cuja agentividade é alta podem realizar a transferência de uma ação, ao passo que participantes cuja agentividade é baixa não a realizam;
- **Afetamento:** “the degree to which an action is transferred to a patient is a function of how completely that patient is AFFECTED”²⁷ (HOPPER E THOMPSON, 1980, p. 252-253);
- **Individualidade:** refere-se à distinção existente entre paciente e agente, assim como à distinção entre o paciente e o fundo em que ele se encontra. O quadro abaixo (**quadro 2**), extraído de Hopper e Thompson (1980, p. 253) permite

²⁵ “o efeito sobre o paciente é tipicamente mais aparente quando A [agente] se apresenta agindo propositalmente”.

²⁶ “distinção entre a codificação “*realis*” e “*irrealis*” de um evento”.

²⁷ “o grau em que uma ação é transferida a um paciente é uma função do quão completamente esse paciente é afetado”.

visualizar que propriedades um substantivo deve apresentar para que seja considerado mais ou menos individuado.

| Individuado | Não-individuado |
|-----------------------|------------------------|
| próprio | comum |
| humano, animado | inanimado |
| concreto | abstrato |
| singular | plural |
| contável | incontável |
| referencial, definido | não-referencial |

Quadro 2 – Propriedades de individuação

De acordo com o disposto no quadro, quanto mais propriedades elencadas à esquerda do quadro um substantivo apresentar, mais individuado será, da mesma forma que quanto mais propriedades elencadas à direita do quadro um substantivo apresentar, menos individuado será. Nesse sentido,

“uma ação pode ser mais eficazmente transferida para um paciente que é individuado do que para um que não é; desta forma, um objeto definido é considerado como mais completamente afetado do que um objeto indefinido”. (CUNHA E SOUZA, 2007, p. 39)

Ainda que cada parâmetro proposto por Hopper e Thompson (1980) faça referência a um aspecto distinto da eficácia ou intensidade da transferência, de um participante a outro, da ação expressa pelo verbo, é a soma de um maior número de parâmetros que, conseqüente, sinalizará um maior grau de transitividade da sentença, permitindo, assim, que “as orações sejam classificadas como *mais* ou *menos* transitivas: quanto mais traços de alta transitividade uma oração exibe, tanto mais transitiva ela é” (CUNHA E SOUZA, 2007, p. 40).

Compreendida, então, de forma contínua e escalar, conforme proposta de Hopper e Thompson (1980), resta-nos, agora, delimitar a noção de transitividade a ser aqui seguida e que embasará a análise dos dados proposta neste estudo.

1.1.3.2 Delimitando a noção de transitividade

Ao proporem o conjunto de dez parâmetros a partir do qual sustentam a transitividade verbal como um fenômeno contínuo e escalar, Hopper e Thompson (1980) reconhecem que um evento transitivo não necessita materializar na sentença

os elementos envolvidos em uma oração prototipicamente transitiva: sujeito e objeto. Isso permite pensar que sentenças como (17) e (18)²⁸ são igualmente transitivas, diferenciando-se, apenas, pelo fato de se encontrarem em pontos distintos do *continuum* de transitividade: a primeira localizando-se no ponto mais alto da escala de transitividade e a segunda, uma vez que dispõe 7 traços de alta transitividade, apresenta-se no grau 7.

(17) Jerry knocked Sam down. (Jerry nocauteou Sam)

(18) Susan left. (Susan partiu)

No entanto, devido ao fenômeno aqui estudado, será considerada a estrutura de uma oração prototipicamente transitiva, ainda que o SN objeto (argumento interno do verbo) não se mostre lexicalizado na sentença, como ocorre em (19).

(19) eu lembro da [calça] rancheira [...] que era um azul forte, você usava Ø dobrando a bainha em baixo. [...] Agora a garantia dela era que ela não desbotava! Podia lavar Ø trinta mil vezes. (PB.M.07.03)

No exemplo apresentado acima, é possível verificar que, mesmo não estando materializado lexicalmente, houve a materialização sintática do objeto direto (**a calça rancheira**), visto que é possível, por anáfora, recuperá-lo na sentença.

Partindo, então desse princípio, serão aqui seguidos os passos de Castilho (2010, p. 234) e entender-se-á como transitiva a sentença que exibir “um argumento externo sujeito e um argumento interno²⁹ objeto direto, proporcional a um pronome acusativo”, envolvendo, portanto, sempre dois participantes sintaticamente realizados na sentença.

Feitas as ponderações acerca da transitividade verbal, quer na perspectiva tradicional, quer na dos estudos linguísticos, passa-se, então, à caracterização do **objeto direto anafórico** no português e no espanhol.

²⁸ Exemplos extraídos de Hopper e Thompson (1980, p. 253-254).

²⁹ É fundamental, na proposta aqui apresentada para uma sentença transitiva, que se considerem as diferenças entre argumentos e adjuntos. Por fugir ao objetivo de nosso trabalho, essa distinção não será aqui discutida. No entanto, reporto o leitor a Kato e Nascimento (2009, cap. 2, 3 e 4) e a Castilho (2010, cap. 6), para melhor entendimento sobre essa diferenciação.

1.2 Objeto direto anafórico no português e no espanhol

Aqui são apresentadas características do OD anafórico no português e no espanhol.

1.2.1 OD anafórico no português

Em seu estudo pioneiro acerca do fenômeno variável do **OD anafórico**, Duarte (1986), em uma perspectiva sincrônica, considerou o uso de 06 (seis) variantes para o referido fenômeno, a saber: pronome clítico, pronome tônico, pronome demonstrativo, SN anafórico pleno, SN anafórico com determinante modificado e categoria vazia (aqui denominada objeto nulo). Dentre as formas variantes apontadas pela linguista, verificou-se que a preferida pelas gramáticas normativas (o pronome clítico) era a menos frequente entre os falantes e que a empregada com maior frequência era o objeto nulo. Estudos que seguiram ao de Duarte (1986), como os de Averbug (2000), Freire (2000), Matos (2005), Arruda (2006), corroboraram suas conclusões.

Ao verificar que o OD poderia ter como antecedente tanto uma oração, como um SN, implicando, assim em envelopes de variação específicos para cada caso, Matos (2005), ao desenvolver seu estudo baseado em dados da fala de informantes analfabetos e semi-alfabetizados da cidade de Itabi-SE, analisou cada um desses tipos de OD separadamente, para que houvesse um melhor controle dos dados. Tal perspectiva pode ser exemplificada em **(20)** e **(21)** abaixo, extraídos de Arruda (2006), apresentando antecedentes oracional e SN, respectivamente.

(20) como é que daquele aparelho podia sair a imagem tal ou eu eu filmando na rua e a se transmitir por aquele aparelho ou por aquela câmara que ia ver em casa ah entende eu não concebia **aquilo** direito (NURC – Porto Alegre / DID-021)

(21) porque eu gosto de música entende não podia estar em casa assim fazer tema qualquer coisa sem ouvir **música** (NURC – Porto Alegre / DID-021)

Esse controle permitiu observar, primeiro, que, com um antecedente oracional, apenas três variantes foram verificadas: **objeto nulo**, **pronome demonstrativo** e **sintagma pleno** (quando se tem a repetição da oração); segundo, que alguns grupos de fatores aplicados à análise (como o traço semântico do antecedente) só seriam considerados em se tratando de um antecedente **SN**. Uma comparação entre o estudo de Matos (2005) e o de Arruda (2006) (o primeiro desenvolvido a partir da fala de informantes com pouca ou nenhuma escolarização; o segundo, a partir da fala de informantes com nível superior de escolaridade) possibilitou a verificação de que as diferenças percebidas no primeiro se mantiveram no segundo, fato que nos leva a pensar, então, que se trata, no **PB** contemporâneo, de uma característica interna à língua.

Dentre as variantes percebidas para o OD anafórico com antecedente oracional, a que se mostra mais produtiva é o **objeto nulo**, aqui exemplificado em **(22)**. Duarte (1986) observou que, quando se tem o objeto direto de natureza “sentencial”, sua não realização lexical é quase categórica: **98,4%**.

(22) justamente por esse meu problema de equilibrar as refeições eu evito comer na rua sabe eu evito \emptyset justamente porque como eu tenho essa regularidade de alimentação (NURC – Rio de Janeiro / DID-328)

Em estudo desenvolvido sob a (e orientado pela) perspectiva diacrônica, Cyrino (1997) diagnostica que, já no século XIX, o uso de objeto nulo oracional atingia índices percentuais bastante altos: **83,9%**; chegando, no século XX, a **90%**. Segundo a pesquisadora, a posição nula com antecedente oracional é a primeira a ser atingida no processo de mudança (CYRINO, 1997, p. 246), permitindo, então, hipotetizar que a elipse sentencial se constitui no contexto de abertura para a implementação do objeto **direto nulo** no PB.

Sobre esse fato, Cyrino (1997, p. 17) afirma que

[...] seria um tipo de clítico nulo [...], que teria se desenvolvido através da análise da lacuna deixada pela elipse sentencial, a qual poderia ser substituída por um clítico “o”, ou não. Portanto, a estrutura que levaria à reanálise seria a que exhibe a opcionalidade de omissão do clítico “o”.

Os estudos de base sincrônica confirmam o fato verificado por Cyrino (1997). No estudo feito por Duarte (1986 e 1989), a autora identificou, em um *corpus*

constituído por **1.636** ocorrências de objeto direto anafórico, **128** casos de “OD sentencial”. Desse total, houve apenas **2** casos (correspondendo a um índice percentual de **1,6%**) em que sua realização se deu pelo clítico. Vale salientar, ainda, que a pesquisadora não observou nenhuma ocorrência de pronome lexical, em se tratando de objeto direto com natureza oracional. Em Arruda (2006) não se verificou sequer um caso em que a realização do fenômeno variável se desse por meio de uma forma pronominal (clítico ou pronome lexical).

Concorre com o objeto nulo para a realização do OD anafórico com referente oracional a variante “pronome demonstrativo”, como exemplificado a seguir, em **(23)**. Vale ressaltar que essa variante, tendo um antecedente SN, não se mostra tão produtiva (cf. Matos (2005) e Arruda (2006)).

(23) a maioria das pessoas pensam que saindo de uma faculdade com o diploma na mão você vai ter uma oportunidade maior não a concorrência é talvez muito pior é muito pior porque dentro da própria faculdade você já nota já sente **isso** (NURC – Recife / DID-256)³⁰

Também nos casos em que o **OD anafórico** tem seu antecedente na forma de um **SN**, a variante que se mostra mais produtiva entre os falantes do **PB** é o **objeto nulo** (conforme exemplificado em **(24)**), chegando a atingir um índice bastante superior à soma das demais formas variantes (cf. Arruda, 2006). Estudos anteriores, dentre os quais os de Duarte (1986 e 1989), o de Cyrino (1999), o de Freire (2000) e o de Matos (2005), também desenvolvidos a partir de dados da modalidade falada da língua, apontam para a preferência dos falantes pelo uso dessa forma variante como estratégia de realização do objeto direto no **PB**.

(24) guardar o dinheiro no banco é a coisa mais fácil desde que se tenha o dinheiro a ser guardado [...] claro se houver sobra o banco aceita **o** de muito bom grado (NURC – São Paulo / DID-250)³¹

Como forma concorrente da variante nula do **OD(SN)**, verifica-se, sobretudo na fala de informantes mais escolarizados, a realização do **OD** por um **SN** (conforme

³⁰ Exemplo extraído de Arruda (2006).

³¹ Exemplo extraído de Arruda (2006).

exemplificado em (26)). Vale ressaltar que nenhuma dessas variantes (**OD nulo** e **SN**) é considerada estigmatizada.

(25) O colarinho... Antigamente, o colarinho duro era ele tinha essa consistência devido à quantidade de goma empregada [...] quando havia quem fosse capaz de passar **o colarinho** e ficar impecável; mas isso foi desaparecendo. (NURC – Salvador / DID-159)³²

No que se refere à variante pronome clítico, Duarte (1989) argumenta que o índice mais elevado de casos em que se daria seu uso seria aproximadamente o de **5%**, em se tratando de falantes com formação superior. Tal argumento é confirmado por estudos que seguem ao da linguista, dentre os quais o de Freire (2000), o de Silva (2004), o de Matos (2005) e o de Arruda (2006).

Ao analisar a frequência dessas variantes a partir de um cruzamento com alguns grupos de fatores, Duarte (1986 e 1989) verificou que o traço semântico do antecedente [\pm animado] se mostra relevante para o preenchimento ou não da posição do objeto direto, principalmente em se tratando do preenchimento por uma forma pronominal (clítica ou tônica). Nesse sentido, a maior frequência de formas pronominais na posição de OD se dá nos casos em que seu antecedente apresenta o traço [+ animado].

Cyrino (1997), em seu estudo diacrônico, verificou, no percurso de expansão do objeto nulo, que, depois dos casos em que se tem o antecedente oracional, o próximo contexto a atingir maior frequência é aquele em que se tem um antecedente com o traço semântico [-animado]. Ainda que as formas de preenchimento do **objeto direto anafórico** não tenham sido objeto de estudo da linguista, sua verificação nos permite inferir que o traço [-animado] do antecedente não é um contexto que favorece o uso de formas pronominais funcionando como **objeto direto anafórico**.

Os resultados obtidos por Arruda (2006) mostram que a frequência da variante OD nulo tendo um antecedente com o traço semântico [+animado] superaram significativamente os apontados por Cyrino (1997). Ressalta-se, contudo, que o *corpus* organizado por esta linguista tomou por base textos escritos, apesar de seu caráter popular. Isso nos leva a pensar que as distinções quanto à natureza

³² Exemplo extraído de Arruda (2006).

semântica do antecedente não se mostram mais tão determinantes para a expressão nula do OD(SN). Esses resultados também indicam que a estratégia de realização do OD como objeto nulo já se encontra totalmente implementada no PB.

É possível, então, sistematizar o percurso que o objeto nulo seguiu, no PB, até que sua implementação fosse completada: **OD com antecedente oracional > OD(SN) com antecedente [-animado] > OD(SN) com antecedente [+animado]**.

O contexto acima esboçado permite perceber, em relação ao **OD nulo**, que o **PB**, ao contrário do **PE**, apresenta poucas restrições para sua ocorrência, fato que, como defendem alguns estudos, dentre os quais Galves (2001), Cyrino (1997 e 2001), Raposo e Kato (2005). Na variedade europeia, o **OD nulo**, de acordo com Raposo (1986), é uma variável (nos termos da Teoria Gerativa)³³, resultado de um vestígio, e possui características anafóricas tais que seu conteúdo pode ser recuperado no contexto linguístico ou pragmático. Dentre as restrições para a ocorrência de **OD nulo** no **PE**, Raposo (1986) apresenta os seguintes contextos: **i)** NP complexo; **ii)** sujeito sentencial; **iii)** extração de adjuntos; **iv)** construções de ilhas WH-; **v)** filtro de COMP preenchido duplamente; e **vi)** lacunas parísticas³⁴.

Ainda em relação ao **OD nulo** no **PE**, Cyrino (1997, p. 205), a partir da análise de Raposo (1986), afirma que, nessa variedade do português, “a reconstrução está presente no caso de objeto nulo, quando seu antecedente é não-específico/não referencial”, o que permitiria associar esse tipo de construção à elipse sentencial. A linguista diz ainda que, a exemplo do **PB**, o **PE** também apresenta **OD nulo** “quando o antecedente é um NP não específico/não-referencial”, elipse de VP e elipse sentencial (CYRINO, 1997, p. 209-2010).

Esboçadas algumas características do **OD anafórico** no português, passa-se à caracterização desse fenômeno no espanhol.

1.2.2 OD anafórico no espanhol

De acordo com Torrego (2007, p. 297-298), o **objeto direto** é um argumento do verbo, entendendo por argumento um complemento necessário ao verbo, isto é,

³³ De acordo com Raposo (1992, p. 148-149), “uma forma variável é essencialmente um argumento desempenhando uma função lógico-gramatical. Como tal, apenas pode ocupar uma posição A, e não uma posição A’.” Dessa forma, uma variável pode ser definida como “uma categoria vazia numa posição A localmente ligada por uma categoria em posição não-A (A’)”.

³⁴ Por fugir aos objetivos deste estudo, esses contextos não serão aqui discutidos. Para tanto, reporto o leitor a Raposo (1986).

regido por ele. O gramático diz, ainda, que esse elemento sintático se caracteriza, do ponto de vista semântico, por restringir ou delimitar a significação do verbo e, do ponto de vista formal, por: **i)** ser “el primer argumento interno selecionado por el verbo”³⁵; **ii)** poder ser substituído, se determinado, pelos clíticos **lo(s)**, **la(s)**; **iii)** em uma oração ativa, passar a sujeito em uma oração passiva, apesar de verbos como *haber* e *tener*, ainda que exijam objeto direto, não admitirem a passiva.

Yokota (2007) apresenta três variantes como formas para a realização do OD anafórico no espanhol: clítico acusativo, pronome tônico (e duplicação de OD) e objeto nulo.

Segundo a pesquisadora, a variante pronome clítico (clítico acusativo) é adquirida pelas crianças falantes de espanhol em processo natural de aquisição (fato que não acontece com as crianças que têm o PB como língua materna). A realização por meio dessa variante torna-se obrigatória se o referente, além de ser tópico, apresentar o traço [+determinado], conforme exemplificado pela linguista, aqui transcrito em **(26)**.

(26) ¿Hace cuánto tiempo conoces a ese chico?

Lo conozco (desde) hace mucho años.

Além de apresentar antecedente SN, o clítico também pode ter como referente uma oração. Para casos como esse, Yokota (2007) apresenta o exemplo seguinte, aqui transcrito em **(27)**.

(27) ¿Dijo que lo conocía?

Sí, **lo** dijo.

No entanto, conforme pode ser verificado em estudos como os desenvolvidos por Klein-Andreu (1981 e 2000) e Fernández-Ordóñez (1993; 1999, dentre outros), encontra-se aí uma variação devido à possibilidade de também poder se preencher a posição de OD anafórico com o clítico *le(s)* (cuja função original é de objeto indireto). O uso dessa forma pronominal em função de objeto direto está bastante difundido em alguns dialetos da Espanha e da América. Os estudos mostram que o

³⁵ “o primeiro argumento interno selecionado pelo verbo”.

funcionamento de *le(s)* como objeto direto é mais frequente em contextos em que se observa um antecedente com o traço semântico [+animado], podendo, porém, ser verificada, também, sua realização, embora com menor frequência, em contextos que apresentam o antecedente com traço semântico [-animado] (conforme exemplos dados por Klein-Andreu (2000), aqui transcritos em **(28)** e **(29)**, respectivamente).

(28) **le** conocí en la mili

(29) ... practicar algún idioma o bien, además no solamente practicar **un idioma** sino aprender**le** de nuevas si es posible...

A variante pronome tônico está restrita, primeiro, a contextos em que o pronome está antecedido pela preposição *a* e por um pronome clítico, devendo seu referente apresentar o traço semântico [+humano], como exemplificado em **(30)**, abaixo (exemplo dado por Klein-Andreu (2000)).

(30) **Lo** vi a **él** en el metro. (él = Juan)

Outra restrição para a ocorrência dessa variante está no fato de os pronomes tônicos, segundo Yokota (2007, p. 49), não poderem “fazer referência a um tópico; ao contrário, são interpretados como informação nova, foco neutro ou contrastivo”, conforme **(31)**, extraído de Yokota (2007, p. 50).

(31) ¿Hace cuánto conoces a María?

(i) A ella, la conozco (desde) hace muchos años.

(ii) La conozco a ella (desde) hace muchos años.

Tem-se, ainda, a obrigatoriedade da duplicação, segundo Fernández-Soriano (1999, p. 1249), nos casos em que se faz presente um quantificador ou a estrutura artigo+numeral (conforme **(32)**, exemplificado pela linguista).

(32) a. Lo sé todo.

b. Los conozco a los cuatro.

Já a variante **objeto nulo**, para a qual voltaremos um pouco mais a atenção, embora pouco frequente no espanhol, pode ser observada também nessa língua. Sobre essa possibilidade, RAE (2010, p. 665) argumenta que a realização desse fenômeno está vinculada a critérios sintáticos (quando corresponde a um elemento tácito cujo referente está lexicalizado em uma oração antecedente), bem como a critérios lexicais (nesse caso, o objeto direto está subentendido, sem que seja necessário o contexto sintático precedente para que se recupere a referência do complemento)³⁶.

Segundo Campos (1986, 1999), a ocorrência de OD nulo está restrita aos contextos em que seu referente apresenta o traço [-definido], como pode ser observado nos exemplos **(33)** e **(34)**, apresentados pelo linguista.

(33) a. ¿Compraste café_i?

b. Sí, compré e_i.

(34) a. ¿Compraste los regalos?

b. Sí, *(los) compré e_i.

Campos (1986) elenca, também, alguns contextos que oferecem restrições à ocorrência de OD nulo, mesmo que seu referente apresente o traço [-definido]. São eles:

i) orações subjetivas, desde que antepostas à oração matriz:

a. ¿Pepe necesita gafas_i?

b. Es obvio [que necesita e_i].

c. *[Que necesita e_i] es obvio.

Landa (1993) afirma que, para os falantes consultados em sua pesquisa, a sentença apresentada em **(i.c)** é aceitável, fato que a levará a questionar a explicação dada por Campos (1986).

ii) frases nominais complexas (complex NP constraint):

a. ¿Juan traerá cerveza_i a la fiesta?

b. Su novia me dijo que traería e_i.

³⁶ A ocorrência do fenômeno devido a critérios lexicais não será considerada em nossa investigação.

c. *Existe el rumor de que traerá e_i.

Também nesse caso, Landa (1993) afirma que a sentença tida como agramatical, para falantes de diferentes variedades do espanhol, é aceitável, fato que a levará a questionar a explicação dada por Campos (1986).

iii) sentenças adjuntas:

a. ¿Encontraron entradas_i para la película?

b. Sí, encontramos e_i.

c. *Sí, pudimos entrar al cine porque encontramos e_i. (A agramaticalidade aqui apresentada também é questionada por Landa, 1993.)

iv) perguntas WH, desde que o elemento WH não seja correferencial com o OD nulo:

a. ¿A quién le dirá Marta que Pepe traerá cerveza_i?

b. *Me pregunto [a quién le dirá Marta [que Pepe traerá e_i]]

c. *Yo no sé [por qué me pregunto [a quién le dirá Marta [que Pepe traerá e_i]]]

Em virtude dessas restrições, Campos (1986) afirma que, em español, ODs nulos que apresentam o traço [-definido], são variáveis em função do movimento feito por um operador abstrato para a posição inicial da oração (movimento à esquerda). Pelo menos em relação ao espanhol falado no País Basco, Landa (1993) questionará a validade de uma análise do **OD nulo** como variável (de acordo com a Teoria Gerativa) de um movimento à esquerda, buscando, para isso evidências empíricas.

Rodríguez Molina (2010, p. 272) afirmará que, aparecendo um SN objeto, sua presença restringirá a do clítico acusativo, “porém se em uma sentença transitiva aparece um objeto lexicalizado, a presença do clítico acusativo se torna obrigatória para recuperar a referência do objeto, salvo em algumas exceções: objetos não específicos genéricos ou plurais, nomes contínuos ou de matéria etc.”. Para tanto, o linguista apresenta os seguintes exemplos:

- a. Intenté comprar arroz / lentejas pero no había . (FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, 2006, p. 83, *apud* RODRÍGUEZ MOLINA, 2010, p. 272.)
- b. Bebo todos los días para olvidar mis problemas.
- c. ¿Compraste flores? Sí { / *las} compré. (CAMPOS, 1999, p. 1530, *apud* RODRÍGUEZ MOLINA, 2010, p. 272.)
- d. ¿Tienes perro? No { / *lo} tengo.

A realização do OD nulo em algumas variedades do espanhol pode, ainda, ser observada, segundo Landa (1993), em contextos em que sua realização esteja vinculada a um antecedente com traço semântico [+definido], sendo o contexto de maior frequência o das construções bitransitivas. Outra situação em que se nota ocorrência de objeto nulo em espanhol se dá com o chamado clítico neutro, ou seja, quando se tem um antecedente sentencial. Vale lembrar que, segundo Cyrino (1997), foi a partir desse contexto que se deu a implementação do objeto nulo no PB.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: OS RUMOS DA PESQUISA

Esta seção foi reservada à apresentação dos pressupostos teórico-metodológicos aqui adotados. Inicialmente, desenvolveu-se uma breve discussão acerca do quadro teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, discorrendo sobre a concepção de língua adotada por essa perspectiva, bem como sobre o tratamento dado a fenômenos linguísticos, a fim de situá-la nos estudos de Linguística Moderna. Em seguida, foi desenvolvida discussão sobre: **i)** a caracterização do gênero **programas de auditório**, gênero a partir do qual foram organizados os *corpora* deste estudo; **ii)** os critérios adotados para a organização dos *corpora*; e **iii)** os grupos de fatores a considerados na análise dos dados.

2.1 A realidade social da língua: reflexões em torno dos princípios teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança

Tomando como ponto de partida a clássica dicotomia saussureana *langue/parole*, é possível depreender das palavras do mestre genebrino que, pertencendo ao domínio individual, a fala será manifestada no uso que cada falante de uma dada comunidade linguística faz desse sistema, estando, contudo, em consonância com o que é aceito pelo grupo, ou seja, com as convenções estabelecidas pela comunidade linguística, refletindo, então, no caráter social da língua. Percebe-se, assim, que o reconhecimento de que a língua é um fenômeno social (mesmo que tal reconhecimento não venha a se constituir objeto e centro de investigação de alguns modelos teóricos) perpassa o pensamento linguístico já há algum tempo.

Sendo considerada, então, como social, e se se considera que a organização social se dá a partir da heterogeneidade de comportamentos e de atitudes dos indivíduos integrantes de uma comunidade, é possível entender que essa diversidade se refletirá na língua.

Nesse sentido, é possível tomar como ponto de partida para uma investigação linguística o fato de que mudanças/variações se processam em uma língua motivadas não só por fatores internos ao sistema linguístico, como também externos a ele. Isso por ser a língua um dos mecanismos responsáveis pelo retrato do comportamento sociocultural e, até mesmo, econômico de determinada

comunidade linguística. Sabendo que a cultura de um povo é formada a partir de sua heterogeneidade social – visto que não existe sociedade homogênea – a língua, sendo um elemento cultural, apresentará, quando posta em uso por seus falantes, aspectos que possibilitarão a identificação de diversidades linguísticas.

Conceber, então, a língua como fruto de manifestações socioculturais de uma comunidade significa relacioná-la,

[...] ao comportamento lingüístico de uma dada coletividade, aos padrões lingüísticos que se observam dentro dessa coletividade; padrões esses que são variáveis, donde a sua adequada representação como um sistema heterogêneo. (LUCHESEI, 2004, p.196)

Embora a concepção de língua como sistema variável se constitua, nos dias de hoje, como algo óbvio, é apenas na segunda metade do século XX que essa concepção ganha maior espaço. Será com o modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista que o contexto social em que a língua se constroi e suas funções sociais passam a ser incorporadas com efetivo sucesso na análise linguística.

Seguindo essa concepção, a língua deixa, então, de ser vista como “**um sistema homogêneo, unitário e autônomo**” (LUCHESEI, 2004, p. 157, grifos do autor), passando a ser concebida como um sistema heterogêneo, tendo a mudança linguística não como algo exterior ao sistema, mas como elemento decorrente de sua heterogeneidade.

No entanto, para o desenvolvimento de pesquisas dessa natureza, que focalizam o estudo da língua na vida cotidiana, Labov (2008, p. 13-14) afirma ter existido uma grande quantidade de obstáculos de caráter ideológico retringindo, assim, a possibilidade de se desenvolverem estudos linguísticos de base empírica. Dentre esses obstáculos, destacam-se: **i)** o fato de Saussure defender a separação entre uma linguística de estado (sincrônica) e uma linguística evolutiva (diacrônica); **ii)** as hipóteses de Bloomfield de que a mudança fonética não poderia ser observada diretamente, tampouco a variação livre poderia sofrer restrições, ou seja, não poderia estar sujeita a condicionamentos; e **iii)** uma forma não poderia ser empregada com mais frequência em um contexto que em outro, só podendo, assim, uma forma ou uma regra ocorrer sempre, opcionalmente ou nunca.

Frente a esse desconforto ideológico em relação aos estudos linguísticos, foi, então, proposto um novo modelo teórico-metodológico, ao qual se denominou

Sociolinguística, tendo como ícone representativo o linguista norte-americano William Labov. Esse modelo apresentou, como proposta, não compreender a estrutura linguística somente em sua natureza representacional, mas que também fossem compreendidos “[...] outros elementos variáveis que são percebidos ao nível da consciência do falante, pois incorporam uma determinada função na atividade linguística (refletem a escolha estilística, identificam socialmente o falante etc.)” (LUCHESE, 2004, p. 183). Ou, nos termos de Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 125), “a estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas”.

Assim sendo, o ato comunicativo passa a ser concebido a partir da utilização do referido sistema durante a construção de um discurso pertinente ao que se pretende informar, bem como ao contexto social em que o falante se encontra. Dessa forma, a língua constituir-se-á no seio da sociedade como sistema de representação e compreensão do mundo, exercendo função de eixo norteador para a expressão do pensamento, buscando a efetivação da comunicação.

Uma vez que se aceita esse processo como constituidor da língua, paralelamente se aceita a hipótese de que a heterogeneidade linguística é o reflexo da própria heterogeneidade social, estando as diferenças no uso das variantes linguísticas em relação com os diversos grupos sociais, assim como com a sensibilidade que esses grupos mantêm em relação à(s) norma(s) linguística(s).

Considerando, então, a inexistência de grupos sociais homogêneos, a língua, seguindo o raciocínio de Mattos e Silva (2002), será constituída por uma realidade linguística heterogênea, plural e polarizada, em que determinado sistema linguístico contemple tanto uma norma popular como uma culta, devendo, talvez, serem entendidas, ambas, de forma plural, dada a existência de um *continuum* constituidor da variação. A sustentação desse caráter se faz possível pelo fato de que “[...] as linhas que delimitam essas variedades, porém, são tão tênues que se entrecruzam [...]” (PRETI, 2004, p. 14), o que reforça os argumentos de Weinreich, Labov e Herzog (2006, p.100) de que a língua pode ser compreendida “como um ‘diassistema’ composto de dialetos-membros”.

Percebe-se, pois, que a língua, nessa nova perspectiva, passa a ter como elemento formador a heterogeneidade existente no interior da comunidade

linguística. É com a finalidade de se compreender a forma como se dá a organização das diferenças e, principalmente, de verificar a possibilidade de sistematização dessas diferenças, que a **Sociolinguística Variacionista** (modelo teórico-metodológico que norteia as considerações do estudo aqui proposto) se estrutura, pautando-se na relação **língua – sociedade**.

A esse respeito, Monteiro (2000, p. 83) se posiciona argumentando que

o variacionismo parte do pressuposto de que a heterogeneidade manifestada na fala pode ser analisada de forma coerente. O pesquisador deve, pois, desprezar a tentativa de confiar em sua intuição e basear-se em exemplos construídos por ele próprio para, em vez disso, colher uma boa soma de dados numa comunidade. Tais dados constituirão o material que será submetido a análises estatísticas para a testagem de sua hipótese.

Sendo assim, o modelo teórico-metodológico proposto por Weinreich, Labov, Herzog (1968) e Labov (1972, 1982, 1994, 2001) toma como ponto de partida para a investigação linguística a existência de variação no interior do sistema linguístico, podendo tal variação resultar (ou não) em mudança. Em consequência disso, o sistema linguístico deixa de ser visto como uma estrutura homogênea, na qual a mudança se processa de forma assistemática, passando a ser encarada, nesse novo modelo, como heterogênea, sendo a mudança processada de forma sistemática. E é justamente com o objetivo de “[...] processar, analisar e sistematizar o universo aparentemente caótico da língua falada [...]” (TARALLO, 2002, p. 5), verificando, a partir de investigação empírica, a relação existente entre os padrões linguísticos e sociais, que se desenvolverão os estudos alicerçados nos princípios teóricos da **Sociolinguística Variacionista**.

Como argumenta, então, o próprio Labov (2008, p. 151-152), o estudo da variação linguística pautado em aspectos sociais possibilitará a investigação das estruturas linguísticas variáveis, uma vez que, vistas sob a ótica social, proporcionar-se-á a “[...] comprovação empírica para resolver análises estruturais alternativas no nível funcional, dando soluções empíricas a problemas que, de outro modo, permanecem insolúveis.” Sustenta-se, ainda, essa perspectiva no fato de as estruturas variáveis estarem “[...] definidas por métodos quantitativos que permitem os estudos detalhados de mudanças lingüísticas em progresso”.

Nessa perspectiva, Lavandera (1984, p. 156), afirma que o objetivo de uma investigação que se pautar nesses princípios

va más allá de la descripción de la forma del código (gramática estructural) o del análisis de las intuiciones del hablante nativo y su capacidad para generar un número infinito de oraciones (gramática generativa). Apunta a desarrollar una teoría del lenguaje que define su objeto de estudio como el recurso más rico y más complejo para la comunicación humana, acumulado y manejado por la mente humana para utilizarlo con el propósito de lograr las formas de organización social y cultural que existen en las sociedades humanas.³⁷

Assumindo, então, como ponto de partida os pressupostos da teoria laboviana, este estudo procurará verificar como se processa a realização do objeto direto anafórico nas variedades europeia e brasileira do português, bem com nas variedades europeia e argentina do espanhol, na tentativa de compreender os fatores (linguísticos e extralinguísticos) que sistematizam a expressão variável desse fato sintático.

2.2 Pressupostos metodológicos: definindo o caminho percorrido da organização dos *corpora* à análise dos dados

Passa-se, agora, à discussão acerca da organização dos *corpora* deste estudo, assim como dos critérios adotados na análise dos dados e, principalmente (mas não mais relevante), sobre a caracterização do gênero a partir do qual foram obtidos os dados: os **programas de auditório**.

2.2.1 Caracterização do gênero *programas de auditório*: fonte dos dados

O desenvolvimento de estudos de natureza empírica pressupõe a organização de um *corpus* representativo, seguindo critérios que permitam o desenvolvimento coerente de análises, a fim de sustentar ou refutar as hipóteses do pesquisador. Em se tratando de um estudo linguístico (quer da língua em sua modalidade oral, quer em sua modalidade escrita), essa amostra deve possibilitar ao

³⁷ “vai além da descrição da forma do código (gramática estrutural) ou da análise das intuições do falante nativo e sua capacidade para gerar um número infinito de orações (gramática gerativa). Aponta para o desenvolvimento de uma teoria da linguagem que define seu objeto de estudo como o recurso mais rico e mais complexo para a comunicação humana, acumulado e usado pela mente humana para utilizá-lo com o propósito de se obter as formas de organização social e cultural que existem nas sociedades humanas.” (As traduções aqui constantes e apresentadas, sempre, em nota, são de minha inteira responsabilidade.)

linguista a observação de como se comportam os usuários de determinada língua em relação a fenômeno(s) que se proponha a estudar.

Em se tratando de estudos linguísticos que tomam como base o modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, proposto por Weinreich, Labov e Herzog (1968), Labov (1972, 1982, 1994, 2001), a base empírica que garantirá ao linguista o desenvolvimento de sua investigação se organiza, prioritariamente, a partir de amostras da língua em sua modalidade falada (principalmente nas já conhecidas entrevistas espontâneas), uma vez que, de acordo com esse modelo teórico-metodológico, é nessa modalidade de língua que poderão ser observadas as primeiras variações linguísticas.

Nesse sentido, dada a natureza descritivo-analítico-comparativa deste estudo – uma vez que se propõe a investigar um fenômeno linguístico de natureza sintática (a saber, a realização do objeto direto anafórico) em duas línguas e quatro variedades linguísticas distintas (português brasileiro, português europeu, espanhol argentino e espanhol europeu) – faz-se necessária, mais que a organização de um *corpus* de uma determinada língua (ou variedade linguística), a organização de *corpora* representativos das variedades linguísticas em estudo que permitam, principalmente, o estabelecimento da comparação entre tais variedades.

Para que seja, então, possível o desenvolvimento da comparação, a constituição dos *corpora* deve tomar como princípio o pressuposto de que os falantes estarão sujeitos a situações semelhantes de produção de fala, uma vez que a organização de cada amostra deve seguir os mesmo critérios (ou, pelo menos, critérios semelhantes).

Dada a dificuldade de se encontrar para as variedades em estudo amostras linguísticas que tenham sido organizadas de modo que permitissem estabelecer uma comparação fiável, surgiu, então, a necessidade da organização dos próprios *corpora*. Tal organização se deu, então, a partir de programas de auditório veiculados por emissoras de televisão de canal aberto e de circulação nacional nos países usuários das variedades acima referidas. Tal escolha se justifica pelo fato de esse gênero apresentar, em sua estrutura, uma rica variedade de perfis de falantes: informantes de ambos os sexos/gêneros, de idades diferentes e de diferentes níveis socioeconômicos, possibilitando, dessa maneira, uma melhor observação dos níveis de variação.

O trabalho com o gênero que aqui se denominará *programas de auditório* permitirá, ainda, verificar o uso linguístico, seguindo os passos de Duarte (1989, p. 20), em um registro de fala que atinge os países de ponta a ponta, exercendo sobre a comunidade linguística, simultaneamente, uma força inovadora e normalizadora.

Nessa mesma linha pensamento, Ávila (1999), referindo-se não só à televisão, mas também ao rádio, afirma que se constituem em meios de comunicação de massa que contribuem para a difusão de uma língua, da mesma forma que para sua consolidação como língua nacional, contribuindo para a normalização das línguas que transmitem. Essa afirmação toma como ponto de partida os dizeres de Dua (1985, *apud* ÁVILA, 1999, p. 77), ao sustentar a ideia de que

“Los medios orales de difusión (...) superan la barrera del analfabetismo, y al fomentar el conocimiento promoven la participación y el desarrollo sustentable. (...) La televisión, cada vez más extendida, a ejemplo de lo que pasa con la radio, permite que los mensajes lleguen instantáneamente a las aldeas más apartadas, buscando, así, cubrir áreas más extensas. No obstante su importancia (...), el uso del lenguaje en esos medios no ha sido considerado suficiente dentro de la política lingüística de la mayoría de los estados.”³⁸

Uma vez delimitado o contexto do qual se organizou os *corpora* deste estudo, necessário se faz um esclarecimento em torno do gênero utilizado. Tal esclarecimento se apresenta a seguir.

2.2.1.1 Programas de auditório: que gênero é esse?

Se estamos aqui considerando os **programas de auditório** como um gênero, é necessário, antes de mais nada, tecer alguns comentários acerca do que vem a ser um gênero, no intuito de justificar o tratamento dado a esse tipo de programa veiculado por uma rede de televisão, bem como de justificar o uso desse gênero na constituição dos *corpora* desta investigação.

³⁸ “Os meios orais de difusão (...) superam a barreira do analfabetismo e, ao fomentar o conhecimento, promovem a participação e o desenvolvimento sustentável. (...) A televisão, cada vez mais comum, a exemplo do que acontece com o rádio, permite que as mensagens cheguem instantaneamente aos lugares mais distantes, buscando, assim, cobrir áreas mais extensas. Não obstante sua importância (...), o uso da linguagem nesses meios não tem sido considerado suficiente dentro da política linguística da maioria dos estados.”

Embora seja antiga a discussão acerca dos gêneros, durante muito tempo tal discussão se desenvolveu no seio dos estudos literários. A partir das considerações de Mikhail Bakhtin sobre o que seria um gênero discursivo (e como viria a ser constituído), estudiosos de diversas áreas, dentre os quais linguistas, procuraram repensar os gêneros e, principalmente, refinar seu(s) conceito(s). Bakhtin (2003, p.262, grifos do autor), então, ao conceituar os *gêneros do discurso*, afirma que "cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados". Ainda para o autor (2003, p. 266), "uma determinada função [...] e determinadas condições de comunicação discursiva, específicas de cada campo, geram determinados gêneros, isto é, determinados tipos de enunciados estilísticos, temáticos e composicionais relativamente estáveis".

Seguindo o mesmo raciocínio, Marchuschi (2005, p. 20) afirma que os gêneros textuais "surgem, situam-se e integram-se funcionalmente nas culturas em que se desenvolvem. Caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades lingüísticas e estruturais". Além disso, os gêneros devem ser concebidos como dinâmicos, de complexidade variável, sendo constituídos sócio-historicamente (MARCUSCHI, 2008, p. 159).

Nessa perspectiva, é possível perceber os *programas de auditório* como constituídos sócio-historicamente. Tendo sua estrutura composta por entrevistas e debates e com sua origem em programas radiofônicos, incorporaram, na passagem para a televisão "traços específicos desse meio, entre os quais o do espetáculo orientado pelos recursos visuais-imagéticos" (ROSÁRIO, 2008, 151). Os programas de auditório ganham, assim, espaço em um momento em que a diversão dos espectadores não se limita apenas ao ouvir, mas se completa com o ver.

Os programas de auditório, segundo Souza (2004b, p. 93), se constituem, na programação das emissoras de televisão, nos que "mais aproximam o telespectador da realidade da produção em televisão (...), pois permitem a entrada do público nos estúdios ou nos locais preparados para gravação. Neles, o público é frequentemente convidado a participar do programa", tendo sido, na televisão brasileira, o primeiro a ter seu reconhecimento pela popularidade e pelo sucesso.

A garantia de sua popularidade se dá, muito provavelmente, pelo fato de que os programas dessa natureza trazem bem presentes uma formatação inspirada no espetáculo – "como carnaval, como festa popular e como espaço público das feiras da Idade Média". Isso se nota "tanto pela presença da platéia, como pelo uso do

cenário, que lembra um ambiente cotidiano, e pela presença de um apresentador icônico” (ROSÁRIO, 2008, p. 151). Esse tipo de produção é composto por uma “sucessão de quadros musicais, entrevistas, jogos e atrações diversas” que fazem com que o programa de auditório se configure em um “gênero que aceita vários formatos: há pequenas reportagens, debates, videoclipes e encenações que dão o ritmo da produção” (SOUZA, 2004a, p. 3). Nesse sentido, os programas de auditório se constituem em um gênero formado por outros gêneros (ou subgêneros), o que mostra seu caráter híbrido.

O apresentador assume, nesse contexto, papel fundamental, uma vez que é responsável por garantir a descontração de seus convidados, assim como por fazer com que os membros da plateia se sintam o mais cômodos possível, além de estabelecer interlocução com os que lhe assistem pelas milhares de telas espalhadas por todo um país, devendo, assim, estar a todo momento em interação com o público. Os convidados são recebidos em um ambiente que, embora descontraído, apresenta sofisticação e se mostra propício para que possam estabelecer um diálogo em que, seguindo o pensamento de Rosário (2008), “intimidades são reveladas e banalidades multiplicadas”.

Embora seja possível elencar alguns elementos que caracterizam um programa de auditório – como presença de plateia (fato que contribuirá para a manutenção de um clima alegre, aumentando o grau de interação do apresentador), tiradas de humor, preocupação com detalhes do cenário, presença marcante do apresentador, diversidade de temas abordados com os convidados –, são as entrevistas sua principal característica. “Sem ela não é *talk show* e, por isso, requer apresentador e entrevistados” (ROSÁRIO, 2008, p. 152). Ao assistir a um programa de auditório, o espectador tem a impressão, ainda de acordo com os argumentos apresentados por Rosário (2008, p. 155) de que o humor e a descontração são os elementos que “sustentam informações sobre assuntos do cotidiano”. No entanto, essa estratégia funciona apenas como “gancho de descontração”.

Nesse sentido, é possível pensar que a configuração desse ambiente proporcionará aos convidados/entrevistados tal descontração, deixando-os mais relaxados e, talvez, menos preocupados com o fato de que estão sob o foco de diversas câmeras e sob o olhar de milhares de pessoas.

Sendo a entrevista o principal elemento caracterizador de um programa de auditório, uma nova restrição se coloca à composição dos *corpora* deste estudo: não

serão consideradas todas as situações de produção de fala observadas ao longo de um programa, mas apenas as situações em que se estabelecem diálogos entre apresentador e convidado(s), mesmo que haja participação de membros da plateia.

Tal recorte se justifica pelo fato de: i) seguindo a perspectiva bakhtiniana, ser “a forma mais simples e clássica de comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003, p. 279); ii) se constituir, no interior dos estudos sociolinguísticos, na principal e mais conhecida forma de se conseguir dados de fala.

Do ponto de vista bakhtiniano, o diálogo se constitui no que o linguista denominará *gêneros discursivos primários*. Esses gêneros são formados “nas condições da comunicação discursiva imediata” e, uma vez integrados aos gêneros complexos (ou secundários), “se transformam e adquirem um caráter especial: perdem o vínculo imediato com a realidade concreta e os enunciados alheios” (BAKHTIN, 2003, p. 263). A perda desse vínculo permite hipotetizar que haverá um menor grau de formalidade, bem como de monitoramento por parte dos falantes, possibilitando, dessa forma, extrair uma situação de fala espontânea.

Do ponto de vista sociolinguístico, o estudo da língua deve tomar como ponto de partida a língua em seu contexto social, tendo como método básico, para se obter uma quantidade considerável de dados confiáveis da fala de uma pessoa, a aplicação de entrevista individual gravada (LABOV, 2008, p. 63). No entanto, a adoção desse método resultará em um problema: os meios empregados para coletar os dados interferem nos dados a serem coletados – o famoso “paradoxo do observador”. Ao constituir os *corpora* a partir de entrevistas (ou diálogos) veiculadas em programas de auditório – contexto em que se pressupõe encontrar uma produção relativamente espontânea de fala –, acredita-se que seja fornecida uma solução para tal paradoxo (ou, na pior das hipóteses, uma maneira de amenizá-lo), na medida em que os enunciados avaliados não sofreram qualquer interferência do pesquisador.

O material organizado permite, ainda, o acesso a informações de natureza sociolinguística sobre os falantes, uma vez que os programas de auditório apresentam em sua estrutura uma rica variedade de perfis de falantes: informantes de ambos os sexos/gêneros, pertencentes a faixas etárias distintas e a diferentes níveis sócio-econômicos, além de atuarem profissionalmente nas mais diversas áreas.

2.2.2 Organização dos *corpora*: o caminho percorrido até a obtenção dos dados

Dado o caráter descritivo-analítico-comparativo deste estudo, em que se pretendeu observar, em relação à realização do **objeto direto anafórico**, o comportamento linguístico dos falantes das variedades europeia e brasileira do português, bem como os das variedades europeia e argentina do espanhol, foi necessária a organização de *corpora* que nos permitissem desenvolver a comparação. Para tanto, considerando os pressupostos teórico-metodológicos aqui seguidos, foi necessário, primeiramente, pensar em um gênero a partir do qual pudessemos observar falantes das variedades linguísticas em uma mesma sincronia, bem como sujeitos a situações semelhantes de produção de fala.

Definido, então, os **programas de auditório** como gênero a partir do qual foram constituídos nossos *corpora*, deparamo-nos com a necessidade de se estabelecer outra delimitação: com que (sub)gênero trabalhar, já que o gênero escolhido apresenta, em seu interior, uma série de outros gêneros? Foi aí que, seguindo a proposta da Sociolinguística Variacionista, optou-se por se trabalhar com as entrevistas veiculadas nesse tipo de programa.

Feita essa delimitação, partiu-se para a etapa seguinte: a escolha dos programas. Por já ser conhecida a grade de programação da televisão brasileira (assim como, o formato dos programas que a integram), foram escolhidos, primeiramente, os programas a partir dos quais foi organizado o *corpus* da variedade brasileira, a saber: **Programa do Jô** (programa diário, cujo início se dá por volta da meia noite, estendendo-se até por volta de uma e meia da madrugada) e **Domingão do Faustão** (programa exibido nas tardes de domingo, iniciando-se por volta das quinze horas, estendendo-se até por volta das vinte horas, com intervalo entre dezesseis e dezoito horas, momento em que é transmitida partida de futebol). Ressalta-se que ambos os programas são produzidos e exibidos pela **Rede Globo de Televisão**, principal emissora brasileira de canal aberto.

Partindo da seleção dos programas brasileiros, foram escolhidos, nas televisões argentina, espanhola e portuguesa, programas cuja produção seguisse o mesmo formato (ou pelo menos semelhante). No intuito de conhecer de perto a grade de programação da televisão argentina, assim como de proporcionar uma imersão (ainda que por pouco tempo) nessa variedade linguística, passei, em janeiro

de 2010, um período de vinte dias na cidade de Buenos Aires. Ainda que, devido ao verão, fosse um período em que, a exemplo do que ocorre no Brasil, a grade de programação sofresse alteração, esse período possibilitou-nos eleger o **Programa Suzana Gimenez** (produzido por **Telefe**, a principal rede de televisão do país, apresentado semanalmente, às segundas-feiras à noite) e o programa **Este es el show** (produzido por **El Trece TV**, uma das principais redes de televisão, e apresentado nas tardes de segunda a sexta).

Em relação aos programas que constituíram o *corpus* da variedade linguística espanhola, o período de estágio de doutorado sanduíche, realizado na cidade de Madrid, permitiu que fossem conhecidas as principais redes de televisão da Espanha e, com isso, fossem escolhidos os programas com os quais se trabalharia. Para tanto, foram selecionados os programas **Buenafuente** (produzido pela rede de televisão **La sexta**, exibido à noite, de segunda a quinta-feira, com início por volta da meia noite), **La mañana de la 1** (produzido por **RTVE** e exibido durante o período da manhã, de segunda a sexta-feira, com início às dez horas, estendendo-se até por volta das duas horas da tarde) e **Que tiempo tan feliz** (produzido por **Telecinco**, exibido aos sábados, das dezoito às vinte e uma horas).

Para a constituição do *corpus* representativo da variedade europeia do português, em junho de 2010, passei um período de dez dias e, em julho do mesmo ano, outro período, agora de vinte dias, no intuito de conhecer a programação da televisão portuguesa e, assim, gravar os programas. Foram, então selecionados os seguintes programas: **Herman 2010** (produzido por **RTP**, uma das principais redes de televisão, e exibido diariamente, das vinte e duas às vinte e três horas), **Companhia das Manhãs** e **Vida Nova** (ambos produzidos por **SIC**, outra grande rede de televisão, e exibidos de segunda a sexta, este, entre catorze e dezessete horas, aquele, entre nove e doze horas).

Feita a seleção e a gravação (em DVD) dos programas, patiu-se, então para a seleção das entrevistas a serem transcritas. Para tanto, foram vistos (novamente) todos os programas gravados, com o objetivo de indentificar os períodos inicial e final dos trechos a serem transcritos, para, então, dar início às transcrições, trabalho demasiado duro, sobretudo em se tratando de variedades linguísticas não maternas.

Uma vez que o fenômeno aqui estudado é de natureza sintática, não foram levadas em consideração, no ato das transcrições, questões de natureza fonético-

fonológica (como, por exemplo, pausas longas ou breves). Nem por isso, o trabalho se tornou menos árduo.

Houve momentos em que, principalmente devido à sobreposição de falas, o entendimento do que os falantes diziam era praticamente impossível. Quando isso aconteceu, ouviu-se atenta e repetidamente o trecho, com a finalidade de verificar a existência ou não alguma ocorrência de **objeto direto anafórico**. Nos casos em que se percebia tal existência, só eram incorporadas aos *corpora* as ocorrências cujos trechos puderam ser transcritos. Nos casos em que, durante a transcrição, surgiram dúvidas, recorreu-se à ajuda de pessoas (muitas vezes, falantes nativas das variedades linguísticas aqui consideradas, outras vezes, ainda que não fossem falantes nativas, pessoas com considerável fluência nas variedades linguísticas). Porém, nos casos em que, mesmo depois de muito esforço e da audição por diferentes ouvintes, não foi possível compreender claramente o que era falado, o trecho foi desconsiderado.

Organizados os *corpora*, a análise dos dados se deu seguindo os pressupostos da Sociolinguística Variacionista, na busca por uma sistematização do “caos” linguístico, seguindo os procedimentos apresentados por Tarallo (2002, p. 10-11): “1) um levantamento exaustivo de dados de língua falada [...]; 2) descrição detalhada da variável [...]; 3) análise dos possíveis fatores condicionadores [...] que favorecem o uso de uma variante sobre a(s) outra(s)”.

Não se perdeu, entretanto, de vista o fato de que, para a definição da variável linguística, esses procedimentos estiveram atrelados aos critérios, apresentados por Labov (2008): 1) estabelecimento do conjunto de contextos em que ocorre a variável (fenômeno linguístico em estudo); 2) definição das possibilidades de realização dessa variável (suas variantes); e 3) elaboração de um índice quantitativo, a fim de que fosse possível medir os valores das variáveis internas e externas levantados para a análise do fenômeno variável.

Para o estabelecimento desses grupos de fatores, foram elencados (como se verá em seguida) aqueles que se configuram como motivadores do nosso fenômeno variável.

No entanto, como bem lembra Labov (2008, p. 144), a correlação entre as variáveis linguísticas e os indicadores individuais de *status* social revelam que nenhum indicador isoladamente pode estar “tão estreitamente correlacionado com o comportamento linguístico quanto o índice combinado”.

Isso nos leva ao entendimento de que, estabelecidos os grupos de fatores (internos e externos), fez-se necessário o desenvolvimento de cruzamentos entre esses grupos, a fim de que nos fosse proporcionado um retrato o mais fiel e abrangente possível do fenômeno variável em estudo.

2.2.3 Grupos de fatores considerados na análise

A análise dos dados se processará, inicialmente, considerando a natureza sintática do antecedente, controlando, assim, os casos em que o antecedente do OD é uma oração e, de outro, os que apresentam um antecedente SN. Tal opção se justifica pelo fato de que estudos desenvolvidos considerando a fala de informantes escolarizados (cf. Arruda, 2006) e não escolarizados (cf. Matos, 2005), ao investigar a realização OD anafórico, verificaram que, quando se tratava de objeto direto com antecedente oracional, o conjunto de variantes não era o mesmo de quando se tinha um antecedente SN (sintagma nominal).

Dessa forma, tendo um antecedente oracional, foram consideradas, dentre as variáveis dependentes, as seguintes formas de realização:

➤ não realização lexical do objeto (**objeto nulo**):

(35) eu nem sabia bem pra o que era, não sabia que era pra se fazer um filme sobre a dona Amália, eh... sobre a história da dona Amália. E... só descobri Ø depois de lá estar, na salinha (PE.F.12.11)

(36) Y después me hicieron sentarme entre... pusieron un tenedor y una cuchara en diferentes asientos sin que yo viera Ø (EA.F.13.01)

➤ realização por meio da repetição da oração (ao qual chamaremos **sintagma pleno**):

(37) não [a minha irmã Maria de São João] era moderna. Ela gostava muito de mim e achava que eu só podia ser feliz da maneira que eu queria **ser feliz**. (PE.M.05.05)

(38) La frase de la tarde la han puesto los controladores, que han dicho: "nos hemos rendido, pero somos..." A mí que me perdonen, pero esto sí que

podiera ser una broma pues tiene... después de todo tiene gracia que diga: "somos muy caros". O sea, reconocéis **que sois muy caro**. (EE.F.17.02)

➤ realização por meio do uso de pronome clítico:

(39) Se **o** [tocar Rachimaninoff] tivéssemos combinado eu teria muito gosto, mas como não combinamos, não... não... sei bem (PE.F.02.03)

(40) La Chica hacía una cosa que era... que fotografía el público, también **lo** hizo aquí (EE.M.01.02)

➤ realização por meio do uso de pronome demonstrativo:

(41) F.S. – Cê já entrou em navio, esse negócio, balançando tudo? S.J. – nunca fiz **isso**, é eu fiz um filme no navio (PB.M.05.01)

(42) El amor es conmovedor. A mí también me parece que sí, va muy bien en decir **eso** y aceptarlo y poder agradecerle públicamente porque a veces uno no puede. Entendés. (EA.F.21.04)

Já para os casos em que o antecedente é um **SN**, as formas de realização consideradas foram as seguintes³⁹:

➤ não realização lexical do objeto (objeto nulo):

(43) É a mesma coisa que... essa mania de deitar abaixo monumentos de pessoas que não... que não... não merecem o nosso respeito ou consideração, eu acho isso importante, esses monumentos e fotografias de homens de estado que foram maus, mas é bom que estejam num sítio onde nós possamos olhar \emptyset e dizer assim: olha o que este fez, mas ninguém deve fazer. Acho que é importante. O apagar a História é um erro crasso. (PE.F.06.09)

(44) cuando se nos acababa el tabaco teníamos que mandar alguien a comprar \emptyset porque allí no hay nada. (EE.F.08.04)

³⁹ As estratégias de realização aqui apresentadas seguem a proposta de Duarte (1986 e 1989). Para a realização do objeto direto em forma de pronome, só se considerará o que estiver em função de objeto direto, excluindo-se desse grupo os que, porventura, apresentarem função reflexiva.

➤ realização por meio do uso de pronome clítico:

- (45) Mas o negócio do Célio que eu tava te contando, o negócio do sotaque, ele foi homenageado em Itu na volta né e o prefeito se reuniu com o pessoal pra homenageá-**lo** (PB.H.07.03)
- (46) Y había una que se llamaba Campanita, que hacía equilibrio. Y yo **la** miraba (EA.M.05.03)

➤ realização por meio do uso de pronome tônico (lexical):

- (47) nesse primeiro caso, leucemia, anemia falciforme, são crianças que fazem tratamentos pesados, distúrbios relacionados ao sangue, né, então passam por um tratamento hospitalar é, muito pesado. Então assim, a gente leva **elas** pra lá, é um ambiente livre né (PB.M.04.03)
- (48) Eu acho que de... é de gostar e de... eu fico doido... agora, com o Youtube, eu já vi tudo o que há dela. Já vi **ela** a cantar em TelAviv (PE.F.09.06)

➤ realização por meio do uso de pronome demonstrativo:

- (49) eles têm, são ricos numa substância chamada caroteno, beta caroteno, e agente utiliza **isso** na dermatologia pra aumentar a resistência em relação ao sol (PB.M.02.09)
- (50) A.B.F. - Voy reivindicar el fracaso, un poquito. L.M. - Claro, eh... vas a reivindicar **eso** (EE.M.09.06)

➤ realização por meio do uso de sintagma anafórico pleno:

- (51) Fez o conservatório, que são nove anos, em três. E, portanto, quan... com quinze anos tinha **o conservatório** tirado. (PE.F.05.06)
- (52) esto acaba en que España gana el mundial, como no podía ser de otra manera, porque ya en este verano solo podía pasar eso: que ganáramos **el mundial**. (EA.M.06.4)

➤ realização por meio do uso de sintagma anafórico com determinante modificado:

- (53) quando nos acontece uma coisa má, nós, como primeira reação, ficamos desagradados. Depois, quando conseguimos vencer **essa coisa má** e transformá-la numa coisa melhor, nós ficamos satisfeitos por ter passado pela coisa má. (PE.M.06.04)
- (54) ella es muy buena estilista, y... el look, que a ti te parecerá que es muy fácil hacer **ese look**, pero el look de Natia Abascal tiene un mérito increíble (EE.M.10.04)

Como variáveis linguísticas independentes, foram considerados os seguintes grupos de fatores linguísticos:

I. **Estrutura sintática:** Duarte (1986 e 1989) verificou na fala de informantes paulistanos que possuíam desde o 1º grau (completo ou incompleto) ao ensino superior completo, bem como em gravações de fala veiculada pela televisão, a influência da estrutura sintática para a maior ou menor frequência da categoria vazia do objeto (objeto nulo), comprovando a relevância desse grupo de fatores. Em relação ao espanhol, sentenças bitransitivas, de acordo com Landa (1993 e 1995), podem se constituir em contexto favorável à realização do objeto nulo, pelo menos em algumas variedades dessa língua. Assumimos, então, essas constatações, a fim de verificar se o mesmo fenômeno ocorre nos dados que constituem nossos *corpora*. Os fatores considerados são os seguintes:

➤ objeto direto (**OD**) (estrutura simples):

- (55) isso era garota, era mulher da casa, cuidava, controlava \emptyset , era chata ainda inclusive (PB.F.03.12)
- (56) Cuando me dice: "mamá puedes cambiar de canción, me aburro" es que no. Pero cuando no para de cantar**la** es que sí. (EE.M.12.1)

➤ objeto direto + predicativo (**OD + pred**):

- (57) é de facto num... num grupo extraordinário de atores e cantores do Porto e músicos e estão, então, a fazer um espetáculo que eu acho \emptyset extraordinário (PE.M.07.05)
- (58) yo no creo, mirando a las modelos que son de Victoria Secret, no creo que tengan que tener una dieta estricta porque no **las** veo realmente esqueléticas. (EE.F.16.3)

➤ objeto direto + objeto indireto (sintagma nominal) (**OD + OI (SN)**):

- (59) vocês não podem ver, mas eh... a própria... continuação é mesmo um badalo no sentido... Eu posso lhes mostrar \emptyset , mas só daqui (PE.M09.03)
- (60) S.G. - No... pero... como... y... antes, ¿¿¿¿¿enseñanos????? como se garra la raqueta. Ahí, la clase... ¿cuál cámara? Ahí, para vos. ¿Cómo se agarra, entonces? J.M. - Cuando te **la** dan, la agarra como podés. (EA.M.20.08)

➤ objeto direto + oração (gerundiva ou infinitiva) (**OD + Or**):

- (61) P.B. - Tinha umas calças topeca, eu vestia umas calças topeca que já eram mais baixas assim que... [...] J.S.: eu lembro da rancheira [...] que era um azul forte, você usava \emptyset dobrando a bainha em baixo. (PB.M.07.02)
- (62) é a mesma coisa de ele querer decidir de ???? que eu vou fazer na direção do clube. Não pode. Por isso que o nosso amigo, o nosso amigo, eu... mandei **ele** passear, porque? Porque ele confunde as competências (PB.M.09.07)
- (63) Y fue increíble porque la niña, bueno, ni la niña ni todos de la aldea habían visto en su vida una cámara y... y... y... ni todas estas cosas que se llevan para rodar. Y... y... pero **la** veías trabajar y es como lo hubiera hecho toda la vida (EE.F.12.2)

II. Traço semântico do antecedente⁴⁰ (animacidade): Duarte (1986 e 1989) verificou que o traço semântico do antecedente (\pm animado) é um fator que muito influencia na seleção da variante representativa do objeto direto anafórico, estando “o uso do pronome clítico e do pronome lexical fortemente condicionado pelo traço [+animado]” do antecedente, enquanto que, em se tratando de objeto com antecedente [-animado], tem-se a preferência pelos sintagmas anafóricos. No tocante ao espanhol, Palacios Alcaine (1998) (em estudo sobre a variedade falada em Assunção) e Landa (1993 e 1995) (em seu estudo sobre a variedade falada no País Basco) também constataram a relevância desse grupo de fatores ao verificarem que a realização do objeto nulo nessas variedades estaria vinculada ao fato de o antecedente apresentar o traço [-animado]. Pretendeu-se, assim, verificar se os dados constituidores desta investigação reforçam as conclusões dessas pesquisadoras.

➤ animado (**[+animado]**):

- (64) E aí pernas insanas levam essa mulher, quer dizer, ela fica meio dividida no meio, assim tipo, daqui pra cima ela é uma mulher comunzinha, ela não quer ir e as pernas passam a ter vida própria, levam **ela** a viver entendeu (PB.F.06.01)
- (65) Filha! Ainda por cima... pois se eu não conheço \emptyset ! (PE.F.11.12)
- (66) Parece como que... que vestía, ¿no?, ese político. Yo incluso llegué a verlo en ..., me parece recordar, en televisión fumando también, ¿no? (EE.M.08.3)
- (67) ¿Cómo llegó lo de Madonna? Y... arrancó... fue medio raro... arrancó hace... por ahí de un año, cuando ella vino acá... [...] ... yo conocí \emptyset por medio un casting, Steven Klein, que fue el fotógrafo de la campaña (EA.M.14.01)

➤ não animado (**[-animado]**):

- (68) As rádios têm uma lei que têm que passar maioritariamente música portuguesa. E não passam. Portanto, por que que me pedem pra gravar

⁴⁰ Os grupos de fatores que se referem à natureza semântica do antecedente foram aplicados apenas nos casos em que o antecedente do OD é um SN.

discos se depois não há quem compre \emptyset ... porque as pessoas não ouvem, não é divulgado. (PE.F.11.12)

(69) a casa a gente pintou **ela** toda de cinza porque a gente precisava da cor certa (PB.F.06.04)

(70) Hombre, yo creo que como a cualquier persona. El que no esté a gusto en una ciudad como Barcelona, es que no sabe disfrutar \emptyset . (EE.M.13.4)

(71) I.S. - Esa mano maravillosa que tiene Miguel Romano, ¿viste?, me dejó bárbaro el pelo. S.G. - Sí. Me dijo que te cortó **el pelo**. (EA.F.10.03)

III. Traço semântico do antecedente (especificidade): Cyrino (1997), em seu estudo sobre a diacronia do objeto nulo no **PB**, verificou que, além dos traços semânticos referentes à animacidade, a especificidade do antecedente também se mostrou significativa para compreender, sobretudo, o processo de implementação do objeto nulo nessa variedade do português. De acordo com a linguista é possível perceber, no **PB**, a realização desse fenômeno sintático, tendo seu antecedente uma referência arbitrária ou genérica ([-específico]), bem como quando seu antecedente é definido, possibilitando uma interpretação específica ([+específico]). No entanto, como ressalta Berlinck (1995), ainda que os estudos sobre especificidade tenham ganhado espaço em “une littérature très vaste [...], ne peut pas parler d’un véritable consensus”⁴¹ em torno de seus conceitos. Entender-se-á, então, seguindo o caminho trilhado por Carvalho (2009, p.93-94), por referente de natureza arbitrária aquele “cujo referente pretendido é qualquer ocorrência arbitrária do conjunto designado pelo termo” (conforme (72) e (73)), enquanto que o referente de natureza específica é compreendido como sendo aquele “cujo referente pretendido é uma ocorrência particular do conjunto designado pelo termo” (conforme (74) e (75)).

➤ específico ([+específico]):

(72) ela tem 200 anos e é uma mulher, papel feito pela Cristina Pereira, que é a Harriet. Essa tartaruga existiu, ela morreu há uns três, quatro anos num zoológico na Austrália, uma coisa assim. Porque o Darwin levou é...

⁴¹ “uma literatura extremamente vasta, não é possível falar em um consenso verdadeiro”

bichinhos e principalmente as tartarugas que ele levou das Ilhas Galápagos pra Londres, então ele levou **a Harriet** (PB.M.07.03)

- (73) Parece como que... que vestía, ¿no?, ese político. Yo incluso llegué a verlo en ..., me parece recordar, en televisión fumando también, ¿no? (EE.M08.03)

➤ não específico ([-**específico**]):

- (74) Es que viste... ella buscaba un novio alto, no **lo** encontró (EA.M.08.03)

- (75) E nesses tribunais a acusação também (es)tá num plano superior aos desgraçados que vão lá que vão lá acusá-**los** ou (es)tá tudo mais ou menos...? (PE.M.07.02)

IV. Topicalização do antecedente: Galves (2001) defende que o **PB** tem se constituído em língua com estrutura sintática tópico-comentário, favorecendo a realização do objeto direto por meio de outras estratégias (principalmente o objeto nulo), que não apenas o uso do pronome clítico. A topicalização do objeto direto se dá, então, no **PB** a fim de atribuir referência principalmente à sua expressão nula. O PB, desse modo, estaria em oposição ao **PE**, que é uma língua com estrutura sintática sujeito-predicado, limitando a realização do objeto direto ao uso do pronome clítico, havendo, assim, fortes restrições à realização de outras estratégias de preenchimento dessa posição sintática, inclusive do objeto nulo. Pretende-se, dessa forma, verificar se os dados que constituem os *corpora* deste estudo, ao se cruzarem as formas variantes do objeto direto com este grupo de fatores, corroboram a hipótese defendida por Galves.

Foram considerados, pois, os seguintes fatores:

➤ antecedente topicalizado:

- (76) a casa a gente pintou **ela** toda de cinza porque a gente precisava da cor certa (PB.F.06.04)

- (77) tú eres el paso doble, pero si el paso doble **lo** tienes que llevar en la sangre. (EE.F.17.8)

➤ antecedente não topicalizado:

(78) Ah, um presentinho! Abro \emptyset já como compete ou abro mais daqui um bocadinho? (PE.M.09.01)

(79) S.G. - ¡¿A los tres te quedaste sin padre?! Se fue. I.S. - Se fue a Montevideo, dijo que iba a buscar trabajo... [...] Le gustaba tocar el violín y las farras. Nunca más **lo** vi, murió en Canadá. (EA.F.10.02)

V. Grau de transitividade da sentença: esse grupo de fatores está estruturado tendo como base o trabalho de Hopper e Thompson (1980), cuja proposta toma como ponto de partida a existência de **10** (dez) parâmetros sintático-semânticos, conforme apresentado na **seção 2.3.1**, a partir dos quais a transitividade verbal pode ser tratada de forma escalar e gradiente. Para esses linguistas, a ocorrência de uma sentença protipicamente transitiva está vinculada à ocorrência de, pelo menos, dois argumentos ocupando a posição de sujeito e objeto direto. Partindo da proposta dos linguistas norte-americanos, Rodríguez Molina (2010) estabelece uma relação entre esses parâmetros sintático-semânticos, apresentando uma organização, conforme a referências que fazem. Assim, a análise de Rodríguez Molina (2010, p. 237) distribui os parâmetros a partir: **i**) da referência que fazem ao agente (intencionalidade e agentividade do sujeito); **ii**) da referência que fazem ao paciente (participantes, afetamento do objeto e individualidade do objeto); **iii**) da referência que fazem ao aspecto (cinese, aspecto verbal e pontualidade verbal); **iv**) da referência que fazem à modalidade (modalidade da oração); e **v**) da referência que fazem à polaridade (polaridade da oração). Voltando a atenção especificamente para o segundo grupo, cuja referência diz respeito ao **objeto** (foco de nosso estudo), Rodríguez Molina (2010, p. 244) argumenta que “el mayor grado de afección del argumento **O** [objeto] incrementa la transitividad de la cláusula”⁴², enquanto a **individualização** “califica como más transitivo a los objetos individualizados frente a los no individualizados”⁴³. Aplicando esse raciocínio ao espanhol, o linguista afirma que “el grado de determinación del objeto (parámetro J) afecta a la configuración sintáctica de la transitividad, pues los objetos semánticamente definidos se relacionan necesariamente con los

⁴² “o maior grau de afetamento do argumento **O** aumenta a transitividade da sentença”.

⁴³ “qualifica como mais transitivos os objetos individualizados frente aos não individualizados”.

clíticos pronominales de acusativo (26a-b)⁴⁴, mientras que los objetos que semánticamente denotan nombres incontables o pluralidad indefinida pueden prescindir del clítico al ser pronominalizados (esto es, se pronominalizan con \emptyset), como se muestras en (26c-f)⁴⁵. En otras palabras, los objetos de determinación baja se asocian a las estructuras intransitivas, puesto que no se pronominalizan con los clíticos acusativos ni precisan el doblado obligatorio de clíticos (26g-i)^{46, 47} (RODRÍGUEZ MOLINA, 2010, p. 245)

- (80) a. ¿Has comprado el periódico?
 b. Sí, lo he comprado / *Sí, \emptyset he comprado.
 c. ¿Has comprado café?
 d. Sí, \emptyset he comprado.
 e. Agua, no bebo nunca.
 f. Libros, nunca leo.
 g. *Libro, no leo nunca.
 h. Los libros, los leí ayer.
 i. *Los libros, leí ayer.

Partindo, então, da hipótese de Rodríguez Molina (2010), aplicada ao espanhol europeu⁴⁸, foi contralado o grau de transitividade das sentenças, assumindo a hipótese de que o maior grau de transitividade favorecerá o preenchimento (sobretudo por uma forma pronominal) do **objeto direto**, ao passo que a realização do **objeto nulo** será favorecida pelo menor grau de transitividade.

Depois de levantados, analisados e codificados, os dados foram submetidos à análise estatística, tendo frequências brutas, assim como resultados de peso relativo, obtidos a partir do programa estatístico GoldVarb X (SANKOFF;

⁴⁴ Aqui transcritos em (80 a-b).

⁴⁵ Aqui transcritos em (80c-f).

⁴⁶ Aqui transcritos em (80g-i).

⁴⁷ “o grau de determinação do objeto (parâmetro J) afeta a configuração sintática da transitividade, pois os objetos semanticamente definidos se relacionam necessariamente com os clíticos pronominais de acusativo (26a-b), enquanto que os objetos que semanticamente denotam nomes incontáveis ou pluralidade indefinida podem abster-se do clítico ao ser pronominalizado (isto é, se pronominalizam com \emptyset), como se mostra em (26c-f). Em outras palavras, os objetos de determinação baixa se associam às estruturas intransitivas, posto que não se pronominalizam com os clíticos acusativos nem precisam da duplicação de clíticos (26g-i).”

⁴⁸ Em seu trabalho, Rodríguez Molina (2010) estuda, numa perspectiva diacrônica, a gramaticalização dos tempos compostos em espanhol antigo.

TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), com a finalidade de se observar os contextos que favorecem (ou não) determinadas estratégias de realização do **objeto direto**.

Feita a rodada dos dados, para a obtenção dos resultados de peso relativo, alguns rearranjos (como amálgamas e eliminação de fatores) foram necessários, devido à necessidade de eliminação de *knock-out*. A rodada para obtenção dos pesos relativos foi aplicada apenas aos casos de **OD(SN)**, pois, não só foram poucas as ocorrências de **OD(or)**, sobretudo nas variedades do português, como também foram considerados apenas **04** (quatro) os grupos de fatores.

Para a obtenção dos pesos relativos, passou-se a considerar, nas quatro variedades linguísticas, as variantes **nulo** e **preenchido** (considerando esse preenchimento por uma forma pronominal) como variável dependente. Além disso, no grupo de fatores **grau de transitividade**, foram amalgamados, de um lado, os fatores **03**, **04**, **05** e **06** (referentes aos respectivos graus de transitividade), formando o que na análise foi chamado de **1º nível de transitividade**, e, de outro, os fatores **07**, **08**, **09** e **10**, formando o **2º nível**. A necessidade de se realizar esse procedimento se justifica pela baixa ocorrência de dados, principalmente nos graus mais baixos.

No grupo de fatores **estrutura sintática**, foi desconsiderada a estrutura do tipo **OD+OI(SN)**, pois, no **PB**, ocorreu *knock-out*, e as estruturas **OD+predicativo** e **OD+oração** foram amalgamadas, passando a formar um fator compreendido como **estrutura complexa**. Esse amálgama se justifica pelo fato de que em estruturas transitivas em que o objeto aparece seguido de um predicativo, é possível considerar a existência de uma estrutura predicativa, denominada *small clause*.

Feitas essas considerações, apresenta-se, a seguir, a análise dos dados.

3. ANÁLISE DOS DADOS: O QUE ELES NOS TÊM A DIZER?

A esta seção, esta reservada a reflexão em torno dos dados de modo a verificar semelhanças e/ou diferenças entre variedades de uma mesma língua (de um lado **PB** e **PE** e, de outro, **EE** e **EA**), assim como entre duas línguas formadas a partir de um mesmo tronco linguístico, vizinhas geograficamente e que passaram por semelhantes processos de deslocamento entre continentes.

Os dados que constituem os *corpora* deste trabalho foram obtidos a partir de uma média de **05** (cinco) horas de gravação de programas de auditório veiculados nos países aqui considerados, de modo a buscar uma maior homogeneidade entre as variedades linguísticas em estudo. Buscou-se, ainda, distribuir, de forma o mais equilibrada possível, o tempo de gravação entre os informantes de acordo com seu sexo/gênero. O quadro abaixo permite uma melhor visualização dessa distribuição.

Quadro 1 – Organização dos *corpora*, tempo de gravação e distribuição das ocorrências, de acordo com a variedade linguística

| Variedade | Tempo de gravação | Número de ocorrências | Número de informantes |
|---------------------------|-------------------|-----------------------|-----------------------|
| Português brasileiro (PB) | 5h36'17" | OD SN – 227 | Homens – 11 |
| | | OD oracional – 20 | Mulheres – 10 |
| Portugal europeu (PE) | 5h08'28" | OD SN – 285 | Homens – 18 |
| | | OD oracional – 32 | Mulheres – 17 |
| Espanhol argentino (EA) | 5h07'28" | OD SN – 328 | Homens – 12 |
| | | OD oracional – 103 | Mulheres – 13 |
| Espanhol da Espanha (EE) | 5h04'32" | OD SN – 350 | Homens – 13 |
| | | OD oracional – 162 | Mulheres – 16 |

Pelo quadro acima, percebe-se que os *corpora* estão, assim, constituídos por um total de **1507** (mil quinhentas e sete) ocorrências, das quais **317** (trezentas e dezessete) são de OD com antecedente oracional e **1190** (mil cento e noventa) são de OD com antecedente SN.

Feitos, então, o levantamento, a codificação e a quantificação dos dados, apresenta-se, a seguir, a análise dos resultados obtidos para os *corpora* do estudo que aqui se desenvolve.

3.1 Apresentando os resultados do português: variedades brasileira e europeia

Analisando a expressão do **OD** anafórico na fala de informantes analfabetos e semi-alfabetizados da cidade de Itabi-SE, Matos (2005, p. 89, grifos da autora) verificou que o referido fenômeno sintático poderia ter como referente potencial um SN ou uma oração, havendo, para cada caso, envelopes de variação específicos. Dessa perspectiva, a autora analisou, de forma separada, no intuito de melhor controlar os dados, cada um desses casos. O mesmo caminho foi trilhado por Arruda (2006), ao analisar o mesmo fenômeno sintático na fala de informantes escolarizados de cinco capitais brasileiras⁴⁹. Dada a natureza distinta dos antecedentes SN e oracional (já observada nos estudos anteriormente citados), a análise que aqui se desenvolveu seguiu essa distinção, já atestada por Duarte (1986), ao verificar que, tendo um antecedente sentencial, a frequência de objeto nulo é quase categórica.

3.1.1 Objeto direto com antecedente sintagma nominal (OD(SN)): resultados gerais

A tabela apresentada a seguir possibilita uma visualização geral da distribuição das variantes do **OD(SN)** nas variedades brasileira e europeia do português (**PB** e **PE**, respectivamente), a partir dos dados levantados.

⁴⁹ Arruda (2006) desenvolveu seu estudo com base em um *corpus* estruturado a partir de inquéritos do projeto **NURC** (Norma Urbana Culta), cujas entrevistas foram feitas na década de 1970, em cinco capitais brasileiras: Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo. A referida pesquisa foi desenvolvida tomando por base inquéritos constantes da modalidade **DID** (diálogo entre informante e documentador).

Tabela 1 – Resultados gerais para a realização das variantes de OD(SN) no PB e no PE

| Variantes | Variedades | | | |
|------------------------------|------------|------|--------|-----|
| | PB | | PE | |
| | Quant. | % | Quant. | % |
| Nulo | 146 | 64,5 | 163 | 57 |
| Clítico | 07 | 3 | 71 | 25 |
| Pron. Lexical | 15 | 6,5 | 02 | 0,7 |
| SN Pleno | 39 | 17 | 24 | 8,5 |
| SN c/ Det. Modificado | 13 | 6 | 12 | 4,3 |
| Demonstrativo | 07 | 3 | 13 | 4,5 |
| TOTAL | 227 | 100 | 285 | 100 |

Os dados apresentados na tabela acima permitem verificar que, tanto no **PB** quanto no **PE**, o objeto nulo (cf. **(81)** e **(82)**) é a forma preferida pelos falantes para a realização do **OD** anafórico, tendo um SN como antecedente: a frequência verificada para o **PB** é de 64,5%, ao passo que para o **PE** essa frequência é um pouco menor: 57%. O resultado verificado para essa variante – ainda que com um percentual um pouco superior no **PB** – supera, tanto em uma quanto em outra variedade, a soma das demais variantes consideradas no estudo.

(81) mas em contra partida sou muito mais criterioso na forma como gasto meu tempo [...] mas saboreio Ø bem melhor (PE.M.04.02)

(82) esse é o autobronzeador, é aquele que, especialmente na Europa, italiano é doido por isso, ele usa Ø no inverno, no verão ele também usa e não precisa você ir, se esticar no sol não. (PB.M.01.03)

Em relação ao **PB**, os índices aqui apresentados convergem com os identificados por outros estudos, quer orientados pela perspectiva variacionista – como os de Duarte (1986 e 1989), Matos (2005) e Arruda (2006) –, quer pela perspectiva gerativista – como o de Cyrino (1999) –, ou ainda pela perspectiva da Sociolinguística Paramétrica – como o de Freire (2000). Esses estudos também apontam para a preferência dos falantes pela variante objeto nulo como forma de realização do **OD** em posição de anáfora. No entanto, chama-nos a atenção a alta frequência verificada no **PE**. Resta-nos, agora, a partir da análise de resultados obtidos pelo cruzamento entre grupos de fatores que serão apresentados nas

subseções seguintes, observar se os contextos que favorecem a manifestação dessa variante são os mesmos em ambas as variedades.

No que diz respeito às variantes **SN com determinante modificado** – 6% de realização no **PB** e 4,5%, no **PE** – (cf. (83) e (84)) e **Demonstrativo** – 3% de realização no **PB** e 4,3%, no **PE** – (cf. (85) e (86)), os índices percentuais apontam para a baixa frequência quando se trata de formas que sintaticamente funcionam como OD anafórico. No entanto, esses índices permitem perceber a existência de um equilíbrio entre a frequência dessas formas em ambas as variedades.

- (83) naquele dia eu tinha estado em exteriores de uma novela e apanhei tritões [...] Apanhei uns quatro pequeninos e meti dentro do copo. Mas achei que ela, quando visse o copo, via **os tritões** (PE.M.11.18)
- (84) eu pego como referência muito meu pai mesmo, sabe, essa coisa de você dar o limite, mas dar **um limite** de uma maneira amorosa (PB.F.03.05)
- (85) agora, como há computadores, isto é uma espécie de disco rígido que nós temos. Isso também tem os seus limites. Não posso carregar **isso** (PE.M.06.03)
- (86) Na verdade essas projeções elas são muito novas e modernas no Brasil né, então a gente ta apanhando pra fazer **isso** de uma maneira itinerante né. (PB.F.06.03)

A frequência apresentada pela variante **demonstrativo** assemelha-se à observada por Arruda (2006), que verificou, em estudo cujo *corpus* foi constituído a partir de inquéritos de cinco capitais brasileiras, uma frequência variando entre 1,5% e 4%. Esses resultados permite-nos, assim, pensar que, em relação a essa forma variante, ambas as variedades do português apresentam comportamento semelhante, não sendo percebidas diferenças significativas.

No entanto, a frequência aqui verificada para a variante **SN com determinante modificado** distancia-se significativamente da apresentada, para o **PB**, por Arruda (2006), cujos índices oscilam entre 12% e 19%. Ainda assim, uma vez que os índices aqui verificados apontam para um equilíbrio entre o **PB** e o **PE**, é possível, também, pensar em um comportamento semelhante nessas variedades.

Passando agora o foco às variantes **clítico**, **pronome lexical** e **SN pleno**, os índices verificados para as variedades do português não apresentam semelhança. Em relação à variante **SN pleno** (cf. **(87)** e **(88)**), enquanto no **PB** essa é a forma que apresenta segunda maior frequência (17%) – semelhante à frequência verificada por Arruda (2006): entre 15% e 21% –, no **PE** essa variante apresenta um índice significativamente inferior, correspondendo à metade do verificado no **PB**: 8,5%.

(87) (ele, por exemplo, economiza porque ele gasta com a namorada, sabe como é que é, ele é um homem que leva **a namorada** pra jantar toda hora (PB.M.02.11)

(88) Eu como... posso lhe dizer que vou fazer sessenta anos, nunca fui julgado, nunca ofendi as pessoas. Procuro sempre respeitar **as pessoas**. (PE.M.07.03)

No tocante à realização do **OD** anafórico por uma forma pronominal, duas variantes foram consideradas: **clítico** (cf. **(89)** e **(90)**) e **pronome lexical** (cf. **(91)**). No que diz respeito à primeira variante (forma prescrita pela Gramática Tradicional, portanto tida como de maior prestígio linguístico), os índices identificados se distanciam bastante quando comparadas as duas variedades do português: 3% no **PB** e 25% no **PE**. Em relação ao **PB**, tal frequência já era esperada, uma vez que se assemelha aos índices verificados por Arruda (2006) e confirma a afirmação de Duarte (1986 e 1989) de que o índice de uso de clíticos na posição de objeto direto, em se tratando do uso feito por falantes com maior grau de escolaridade, seria de aproximadamente 5%⁵⁰. No entanto, ainda que bastante superior à frequência do **PB**, não se esperava, para o **PE**, uma frequência inferior à identificada para a variante **OD nulo**.

(89) Uma mulher com uma vida comum e foi o que eu passei pro Veríssimo e ele então inventou esses absurdos todos do Diabo, dessas pernas que tem vida própria, uma pessoa que ela carrega, aliás as pernas **a** carregam né? (PB.F.06.03)

⁵⁰ Em estudo anterior aos de Duarte, Omena (1978) já aponta para o “desaparecimento” de clíticos acusativos de terceira pessoa no português brasileiro.

(90) há uma pleiade enorme de músicas que... de estilos musicais que eu aprecio e que me dão muita felicidade, muito prazer em ouvi-**los**. (PE.M.07.03)

(91) se ela [a irlandesa], chama super legítimo, se ela chama a polícia na minha casa eu também vou tomar medidas pra incomodar **ela** na medida em que ela tá me incomodando (PB.F.12.03)

Em relação ao uso do **pronome lexical** como manifestação do **OD anafórico** no **PB**, ainda que aponte para uma frequência baixa (6,5%), é possível verificar que esse índice supera o dobro do identificado quando se trata de um **clítico**. Em relação ao **PE**, ainda que os dados apontem para uma frequência inferior a 1% (apenas duas ocorrências), essa frequência pode ser, de fato, considerada **zero**, dados os casos em que se dão. Ambas se dão em contexto em que se tem, nos dizeres de Duarte (1986 e 1989) uma estrutura complexa, ou seja: verbo + objeto direto + infinitivo verbal (oração infinitiva) (cf. (92) e (93)).

(92) Eu acho que de... é de gostar e de... eu fico doido... agora, com o Youtube, eu já vi tudo o que há dela. Já vi **ela** a cantar em TelAviv (PE.F.09.06)

(93) a Amália, como não se ouvia, cá está a história, nunca se encheu dela, nunca achou que ela era extraordinária, mais tarde tinha descoberto o... casualmente ouviu **ela** cantar uma canção francesa (12.12)

Nesse sentido, o que se verifica é uma construção subordinada, em que “**ela a cantar em TelAviv**” e “**ela cantar uma canção francesa**” encaixam-se às formas verbais “**vi**” e “**ouvi**”, respectivamente, funcionando sintaticamente como objeto direto. Tal fato nos leva a perceber que à forma pronominal “**ela**” não está reservada a função de objeto direto, mas de sujeito dos referidos infinitivos verbais.

Feitas as explanações gerais acerca dos resultados gerais identificados para o **PB** e para o **PE**, no tocante à realização do **OD(SN)**, apresenta-se, na sequência, análise dos cruzamentos feitos entre as formas variantes e os grupos de fatores considerados neste estudo.

3.1.1.1 Análise dos dados a partir dos grupos de fatores considerados

A análise dos dados levantados para as variedades do português será desenvolvida, conforme apresentado na **seção 4.2**, levando em consideração os seguintes grupos de fatores: natureza semântica do antecedente (considerando, de um lado, o traço de **animacidade** e, de outro, o traço de **especificidade**), **estrutura sintática** em que se dá a realização do objeto direto, **topicalização (ou não) do antecedente**, **grau de transitividade da sentença** e **sexo/gênero do informante** (este, de natureza extralinguística).

Serão, então, apresentados, na sequência, os resultados obtidos a partir do cruzamento entre os referidos grupos de fatores com as formas variantes.

3.1.1.1.1 A natureza semântica do antecedente: o traço de animacidade

Estudando a manifestação do **OD** anafórico no PB, numa perspectiva sincrônica, Duarte (1986 e 1989) verificou que a animacidade do antecedente é de extrema relevância “na escolha da variante candidata à representação” desse fenômeno sintático. Em seus estudos, foi verificado que a realização do objeto nulo (ou, conforme terminologia usada pela linguista, categoria vazia) é favorecida pelo traço [-animado] do antecedente⁵¹ (76,3%), enquanto que a lexicalização do **OD** anafórico se mostra favorecida pelo traço [+animado] do antecedente, principalmente quando essa lexicalização se faz por meio de formas pronominais (78,4%, quando o preenchimento se faz por um clítico, e 92,4%, sendo feito o preenchimento por um pronome lexical).

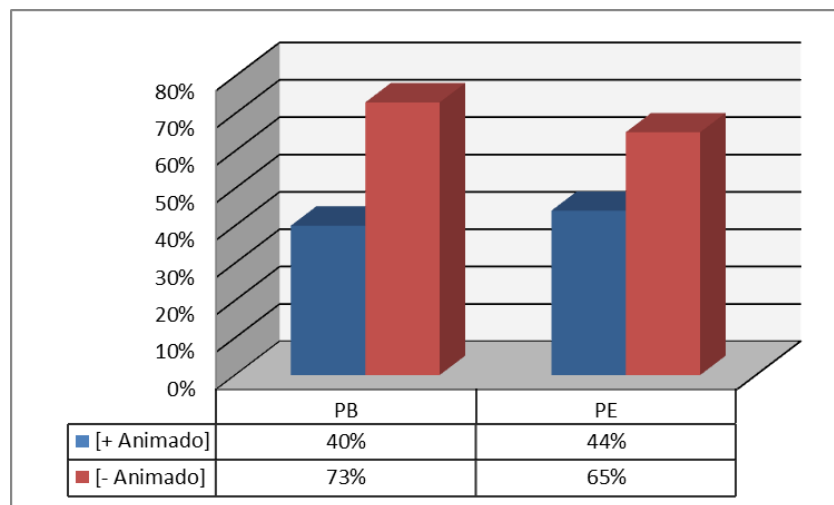
Semelhante constatação fez Cyrino (1999), em estudo sincrônico, ao verificar a frequência de 84,8% da variante **OD** nulo com antecedente [-animado]. Em estudo diacrônico, Cyrino (1997, p.214), afirma que, em dados do português brasileiro do século XX, obteve o resultado de 88,3% de objeto nulo com antecedente [-animado], índice semelhante ao obtido em seu estudo de base sincrônica. No entanto, a linguista foi um pouco além, ao combinar dois traços semânticos: animacidade e especificidade do antecedente. Essa combinação permitiu à linguista um refinamento da análise em torno dessa forma de realização do **OD** anafórico. Os

⁵¹ Fato observado anteriormente em Omena (1978).

resultados, então, obtidos pela pesquisadora apontam para maior frequência de **OD** nulo, quando o antecedente apresenta o traço [+específico, -animado], seguido de casos em que o antecedente apresenta o traço [-específico, -animado].

Os resultados obtidos a partir do cruzamento entre a animacidade do antecedente com as formas variantes (ilustrados no **gráfico 1**), se considerado o traço [-animado] do antecedente, confirmam, em relação ao **PB**, os resultados apresentados por Duarte (1986 e 1989) e por Cyrino (1997 e 1999). De acordo com os percentuais apresentados no **gráfico 1**, o índice de realização do **OD nulo** no **PB** é de **73%**, frequência bastante próxima à verificada por Duarte (1986 e 1989) e um pouco inferior à observada por Cyrino (1997 e 1999). No entanto, o índice aqui verificado para a realização do **OD nulo** no **PB** se mostra consideravelmente superior ao apresentado em Arruda (2006), uma vez que nesse estudo a frequência apresentada para essa variante fica entre 53% e 61%.

Gráfico 1 – Frequência do OD(SN) nulo no PB e no PE, segundo a animacidade do antecedente



Assim como no **PB**, os índices apresentados no gráfico acima permitem verificar que o traço [-animado] do antecedente também se mostra relevante aos falantes do **PE**, na realização da variante nula do **OD**. Observa-se aí que a frequência dessa variante no **PE**, ainda que um pouco inferior à outra variedade do português, atinge uma frequência majoritária: 65%.

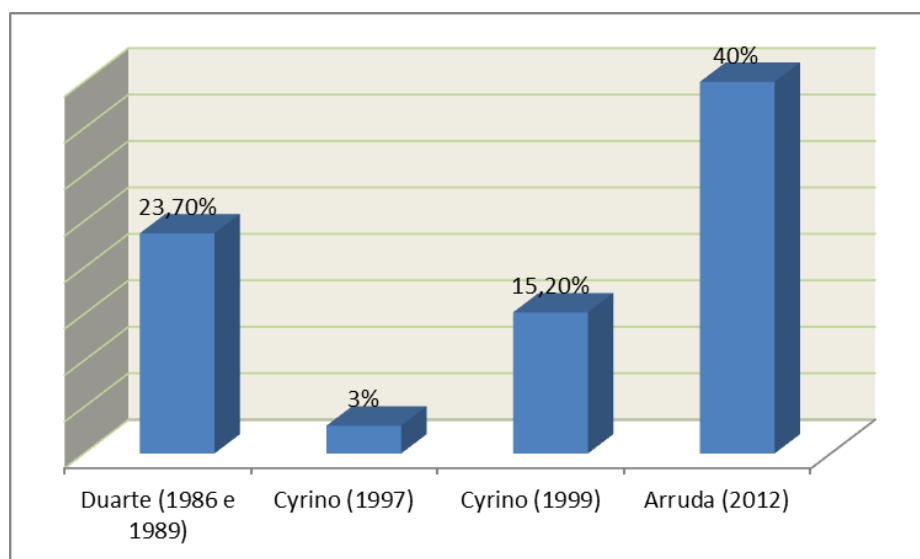
Passando agora o olhar ao **OD nulo** com antecedente [+animado], o que se verifica é a existência de um equilíbrio se comparadas as duas variedades linguísticas, uma vez que para o **PB** é apresentada uma frequência de **40%** e, para o

PE, essa frequência é de **44%**. Nesse sentido, essas duas variedades parecem comportar-se de maneira semelhante no tocante à antecedência do **OD nulo** por um referente cujo traço semântico é [+animado].

A frequência bruta apresentada no gráfico acima é confirmada pelos resultados de peso relativo, uma vez que, para ambas as variedades linguísticas, o programa GoldVarb X selecionou o grupo de fatores **animacidade do antecedente** como estatisticamente relevante⁵², eliminando os demais grupos. O resultado apresentado pelo programa estatístico foi de **0.776**, no **PB**, e de **0.665**, no **PE**, favorecendo o **OD nulo** nos casos em que o antecedente apresenta o traço [-animado], e de **0.032** e **0.276**, respectivamente, no **PB** e no **PE**, defavorecendo o uso dessa forma variante, sendo o antecedente [+animado].

Ao se estabelecer uma comparação entre os resultados obtidos por este estudo para os casos de **OD nulo** com antecedente [+animado] no **PB** aos resultados de Duarte (1986 e 1989) e de Cyrino (1997 e 1999) – conforme ilustrado no **gráfico 2** –, é possível perceber uma frequência significativamente superior ao apresentado por aqueles estudos. Esse fato já havia sido observado, principalmente em relação aos estudos de Cyrino, por Arruda (2006), cujos resultados superam também os apresentados por Duarte.

Gráfico 2 – Comparação entre os resultados de Duarte (1986 e 1989), Cyrino (1997 e 1999) e Arruda (2012)⁵³, para os casos de OD(SN) nulo com antecedente [+animado]

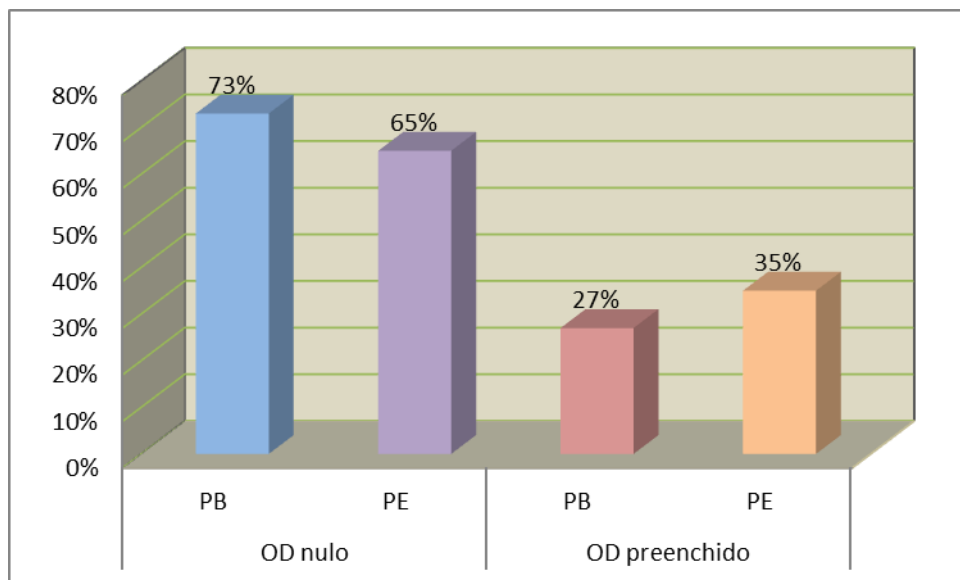


⁵² Para o **PB**, como se verá adiante, também foi selecionado, na rodada de peso relativo, o grupo de fatores **estrutura sintática**.

⁵³ Resultados finais desta investigação.

Verificando, agora, a correlação entre o traço [-animado] do antecedente e o preenchimento do **OD**, ao se opor **objeto nulo** vs **objeto preenchido**, é observada uma diferença quantitativa considerável, conforme ilustrado no **gráfico 3**. Tem-se, assim, para o **PB**, uma frequência de **73%** de objeto nulo e, para o preenchimento do objeto direto, essa frequência é de **27%**, sendo, então, percebida uma diferença percentual de **46%**. No tocante ao **PE**, a variante objeto nulo apresenta uma frequência de **65%**, contra a frequência de **35%** de objeto direto preenchido, resultando, dessa forma, em uma diferença percentual de **30%**. Esses índices permitem perceber que os fatores atuam no mesmo sentido nas duas variedades.

Gráfico 3 – Frequência de uso de OD(SN) nulo vs OD(SN) preenchido, com antecedente [-animado]



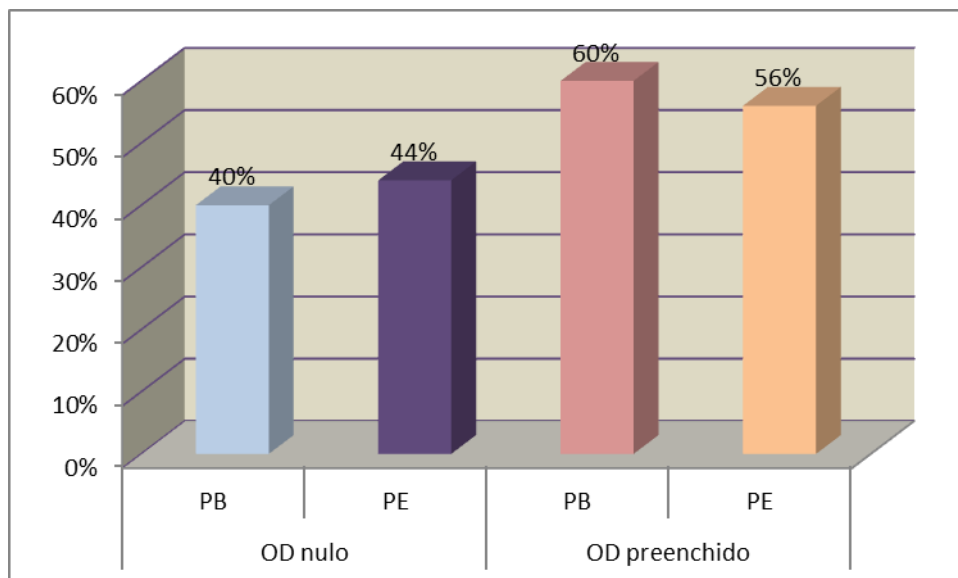
Observando a realização do **OD(SN)** por uma forma pronominal (clítico, no **PE** e clítico e tônico, no **PB**), verifica-se que o traço [-animado] do antecedente, na variedade brasileira do português, se mostra como um contexto que restringe a realização dessa variante, uma vez foi encontrada apenas **01** (uma) ocorrência dentre as **167** (cento e sessenta e sete) levantadas, correspondendo a um índice de **0,5%**. Esse fato confirma os resultados já obtido anteriormente por outros estudos, dentre os quais Duarte (1986 e 1989), Matos (2005) e Arruda (2006).

Já em relação ao **PE**, ainda que o resultado de **13%** (**23** ocorrências em **176** levantadas) verificado, nesse contexto, para o preenchimento do **OD(SN)** por uma forma pronominal (exclusivamente clítico) seja significativamente inferior à

frequência verificada para o **OD nulo**, mostrando-se, de certa forma, como um contexto resistente ao preenchimento do **OD**, essa frequência é consideravelmente superior à verificada para o **PB**.

Em contrapartida, no tocante aos casos em que o antecedente do **OD(SN)** apresenta o traço [+animado] (conforme representado no **gráfico 4**), o que se verifica é um contexto favorável ao preenchimento do **OD(SN)** em ambas as variedades linguísticas, uma vez que a frequência majoritária de **60%** de preenchimento no **PB** e de **56%**, no **PE**, supera consideravelmente os índices de **OD nulo**.

Gráfico 4 – Frequência de uso de OD(SN) nulo vs OD(SN) preenchido, com antecedente [+animado]



Ao olhar detalhadamente para as formas de preenchimento utilizadas pelos falantes, tendo o antecedente o traço semântico [+animado], de acordo com a distribuição representada na tabela 2, é possível verificar algumas distinções no comportamento dos falantes do **PB** e do **PE**. Em relação ao uso da variante **clítico**, observa-se, como já era de se esperar, que o **PE** apresenta uma frequência consideravelmente superior ao **PB**: **11,5%** nesta e **44%** naquela (mesmo índice apresentado pela variante **OD nulo**). De outro lado, em relação à variante **pronom lexical**, observa-se uma inversão. Enquanto o **PB** apresenta um índice de **23,5%**, o índice verificado para o **PE** é consideravelmente inferior: **2%**, podendo esse índice, por razões já explicadas anteriormente, ser considerado **zero**.

Tabela 2 - Resultados de frequência das variantes de OD(SN) com antecedente [+animado], no PB e no PE

| Variantes | Animado | | | |
|------------------------------|---------|------|--------|-----|
| | PB | | PE | |
| | Quant. | % | Quant. | % |
| Nulo | 24 | 40 | 48 | 44 |
| Clítico | 07 | 11,5 | 48 | 44 |
| Pron. Lexical | 14 | 23,5 | 2 | 2 |
| SN Pleno | 14 | 23,5 | 5 | 4,5 |
| SN c/ Det. Modificado | 1 | 1,5 | 6 | 5,5 |
| Demonstrativo | -- | -- | -- | -- |
| TOTAL | 60 | -- | 109 | -- |

As variedades linguísticas aqui consideradas distinguem-se, ainda, quando a estratégia selecionada para o preenchimento do **OD(SN)** é um sintagma nominal pleno. No **PB**, ao lado da variante pronome lexical, o uso de um **SN pleno** é a variante com segunda maior frequência: **23,5%**. Já no **PE**, essa variante apresenta uma das menores frequências: **4,5%**.

Comparados os índices apresentados na **tabela 2** aos expostos nos resultados gerais (aqui distribuídos na **tabela 1**), o que se percebe, para ambas as variedades linguísticas é a relevância do traço semântico **[+animado]** do antecedente do **OD(SN)** para o preenchimento por uma forma pronominal (clítico ou lexical). Enquanto os resultados gerais apontam para uma frequência, no **PB**, de **3%** de clíticos e **6,5%** de pronomes lexicais, tendo seu antecedente o traço [+animado], esses índices sobem, respectivamente, para **11,5%** e **23,5%**. Fato semelhante é verificado em relação ao **PE**, embora nessa variedade seja considerada apenas a realização por meio de um **clítico**: a frequência de **25%**, apresentada nos resultados gerais, quase dobra quando se trata de um antecedente [+animado]: **44%**.

Outro grupo de fatores semânticos considerado no estudo que aqui se apresenta foi a **especificidade** do antecedente, cujos resultados se mostram a seguir.

3.1.1.1.2 A especificidade do antecedente: outro traço semântico

A relevância da especificidade do antecedente para o preenchimento ou não do **OD(SN)**, como também para a compreensão do processo de implementação do **OD nulo** no **PB**, já foi atestada por Cyrino (1997), em seu estudo diacrônico. De

acordo com a linguista, o **OD nulo** sempre foi possível em **PB**, no entanto “sofre uma mudança em sua incidência. Essa mudança atinge primeiramente a posição nula com antecedente ‘sentencial’, seguindo-se a posição com antecedente predicativo, o NP [+específico], e, finalmente, o objeto nulo com antecedente NP [-específico]” (CYRINO, 1997, p. 246). Os dados de sua pesquisa diacrônica, cujas frequências estão abaixo apresentadas na **figura 1**, evidenciam esse fato.

Figura 1 – Evolução do OD nulo de acordo o tipo de antecedente, extraído de Cyrino (1997, p. 246)

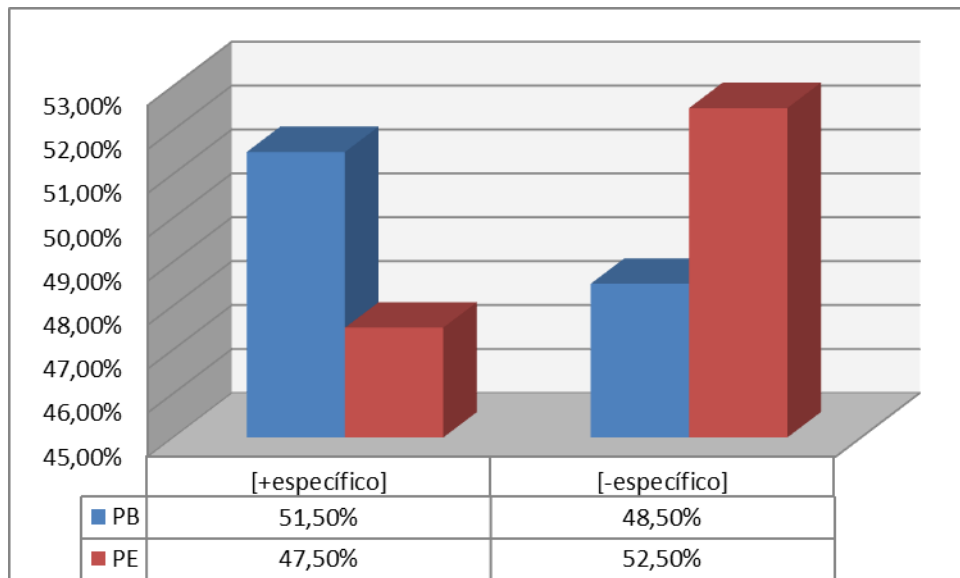
| | XVI | XVII | XVIII | XIX | XX |
|------------|-----------------|------------------|------------------|-------------------|------------------|
| NP [+esp.] | 4/139 (2.9%) | 4/100 (4%) | 9/120 (7.5%) | 38/121 (31.4%) | 64/95 (67.4%) |
| NP [-esp.] | 3/34 (8.8%) | 16/90 (17.8%) | 2/33 (6.1%) | 1/24 (4.2%) | 31/36 (86.1%) |
| sentencial | 18/90 (20%) | 10/56 (17.9%) | 37/80 (46.3%) | 73/87 (83.9%) | 90/100 (90%) |
| predicado | 5/9 (55.6%) | 4/12 (33.3%) | 4/10 (40%) | 8/11 (72.7%) | 7/7 (100%) |
| gen./arb. | 1 / 2 (50%) | 3/12 (33.3%) | 1 / 4 (25%) | 1 / 3 (33.3%) | 0/0 |

TABELA 2. Ocorrência de posições nulas (vs. preenchidas) de acordo com o tipo de antecedente, através do tempo

Em outro estudo, agora sincrônico e com dados constituídos a partir da modalidade falada da língua, Cyrino (1999) verifica uma frequência de **73,2%** de **OD nulo** quando seu antecedente apresenta o traço [+específico], apresentando-se, de certa forma, semelhante à frequência apresentada pelos dados referentes ao século XX em seu estudo diacrônico: **67,4%**. No entanto, a frequência apresentada para os casos de **OD nulo** com antecedente [-específico] no estudo sincrônico (**26,8%**) se mostra significativamente inferior à obtida na pesquisa diacrônica (**86,1%**).

Os resultados obtidos neste estudo (conforme representação no **gráfico 6**) revelam, para a variante **OD nulo** com antecedente [+específico] no **PB**, uma frequência de uso inferior à verificada nos dois estudos anteriormente referidos. Enquanto os estudos de Cyrino (1997 e 1999) obtiveram, respectivamente, um índice de **67,4%** e **73,2%**, o índice aqui verificado é de **51,5%**. Esse índice se apresenta em equilíbrio com a frequência apresentada quando se trata de um antecedente com traço [-específico]: **48,5%**. Isso permite, então, pensar que se a expansão do **OD nulo** principiou em contextos de antecedente [+específico], já se encontraria bastante avançado em contextos em que o antecedente é [-específico].

Gráfico 6 – Frequência de OD(SN) nulo no PB e no PE considerando a especificidade do antecedente

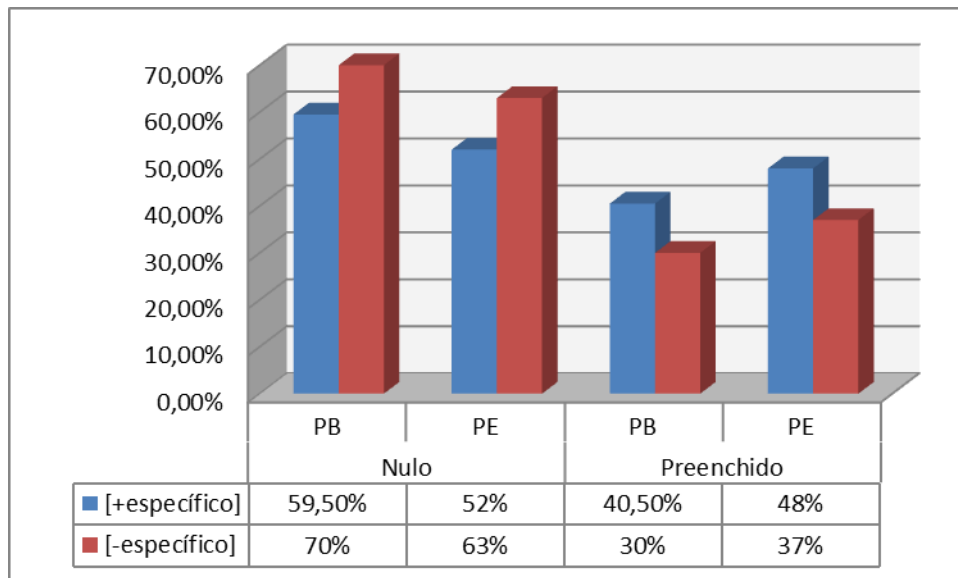


No que diz respeito ao **PE**, a existência do **OD nulo**, segundo Raposo (1986), estaria vinculada a uma interpretação determinada específica, cuja identificação é possível no discurso (devido a um tópico discursivo) ou no contexto pragmático. Pela análise de Raposo (1986) (assumida por Cyrino (1997)), a ocorrência de objeto nulo em PE estaria restrita a contextos cujo antecedente apresenta o traço [+específico]. No entanto, a frequência apresentada no gráfico acima, obtida a partir dos dados deste estudo, revela certo equilíbrio na realização do **OD nulo** considerando a especificidade do antecedente, com um índice superior, ainda que discretamente, para os casos em que o antecedente apresenta o traço semântico [-específico]: **52,5%**.

Ao se estabelecer um contraste entre o preenchimento⁵⁴ do **OD(SN) vs OD nulo**, levando em consideração a especificidade do antecedente (conforme pode ser conferido no **gráfico 7**), verifica-se que, tanto no **PB** quanto no **PE**, o índice obtido para o **OD nulo** é majoritário independentemente do traço semântico de seu antecedente. No entanto, esse índice é maior, em ambas as variedades linguísticas, quando se trata de um antecedente com traço semântico [-específico]: **70%** no **PB** e **63%** no **PE**.

⁵⁴ A frequência de OD preenchido foi aqui obtida a partir da soma entre as variantes **clítico**, **pronome lexical**, **SN pleno**, **SN com determinante modificado** e **demonstrativo**.

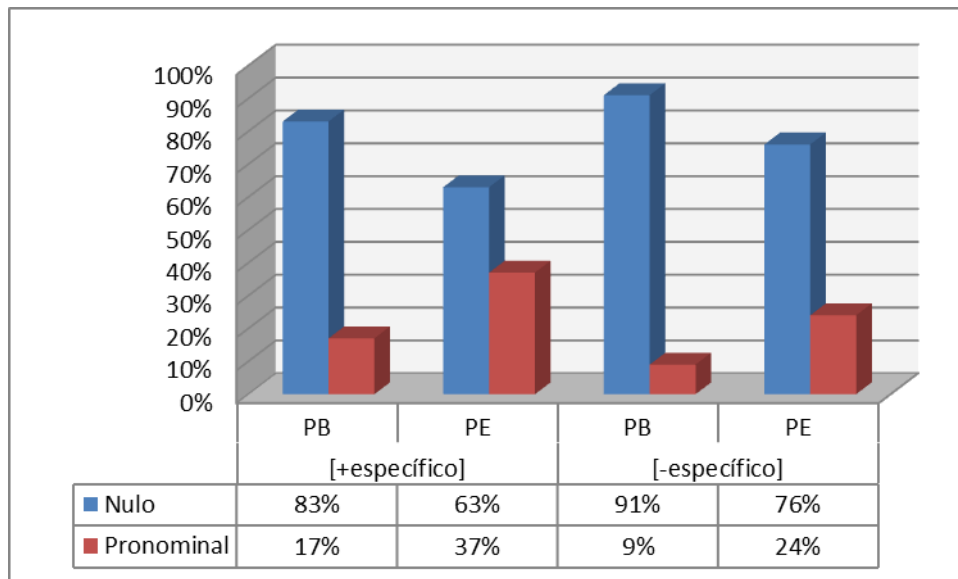
Gráfico 7 – Frequência de uso de OD(SN) nulo vs OD(SN) preenchido em relação à especificidade do antecedente



Os índices apresentados no gráfico acima permitem, ainda, verificar a existência de um equilíbrio nos percentuais apresentados por essas variedades linguísticas, se comparado o preenchimento ou não da posição de **OD(SN)**. Quando se tem um antecedente com o traço semântico [+específico], a frequência de **OD nulo** é de **59,5%** no **PB** e de **52%** no **PE**, enquanto que o preenchimento apresenta um índice de **40,5%** para o **PB** e de **48%** para o **PE**. Já quando se considera o traço semântico [-específico], os índices obtidos para **PB** e **PE**, respectivamente, são de **70%** e **63%** de **OD nulo**, contra **30%** e **37%** de preenchimento do objeto. Esses índices se mostram bastante próximos dos índices gerais, apresentados na **tabela 1**: **64,5%** e **57%** de **OD nulo** e **35,5%** e **43%** de **OD preenchido**, respectivamente, no **PB** e no **PE**.

Porém, o mesmo equilíbrio não é notado se o contraste **OD nulo vs OD preenchido** levar em consideração a incidência de preenchimento por uma forma pronominal (clítico ou pronome lexical), conforme distribuído no gráfico abaixo.

Gráfico 8 – Frequência de uso de OD(SN) nulo vs OD(SN) pronominal no PB e no PE considerando a especificidade do antecedente



No contraste exibido nesse gráfico, é possível verificar que os índices apresentados para variante **OD nulo** são consideravelmente superiores aos de **OD pronominal**, sendo ainda maiores, em ambas as variedades, quando seu antecedente apresenta o traço semântico [-específico]: **91%** no PB e **76%** no PE. Em contrapartida, o traço semântico [+específico] favorece (ainda que não supere os índices de **OD nulo**) a realização de **OD pronominal**.

Esse gráfico permite, ainda, notar, pela frequência aí distribuída, que o mesmo equilíbrio verificado no **gráfico 7** entre as variedades linguísticas do português não se mantém quando o preenchimento considerado é apenas por meio de uma forma pronominal. Apresentando o antecedente do **OD(SN)** o traço semântico [+específico], a frequência de **OD nulo** é de **83%** no **PB** e de **63%** no **PE**, enquanto que o preenchimento por uma forma pronominal é de **17%** no **PB** e de **37%** no **PE**: uma diferença de **20%**. Com um antecedente [-específico], ainda que essa diferença seja de **15%**, apresentando uma pequena redução, ainda se nota uma considerável diferença entre as variedades linguísticas. Ainda que os índices percentuais apontem para a existência de diferenças quantitativas entre as duas variedades do português, em um nível significativo, é possível perceber que a **especificidade do antecedente** atua no mesmo sentido em ambas.

Ao verificar a relevância do traço de especificidade do antecedente para a realização do **OD anafórico**, assim como para compreender o processo de

implementação e expansão do **OD nulo** no **PB**, Cyrino (1997) não descarta a relevância de outro traço semântico – já atestado por Duarte (1986) – para o entendimento desse fenômeno sintático: a animacidade do antecedente. Nesse sentido, Cyrino (1997, p. 229) afirma que não sendo o **OD nulo** no **PB** com antecedente específico/referencial uma variável (nos termos da teoria gerativa), “pode ocorrer livremente em qualquer contexto”. No entanto, conforme já atestado por Duarte (1986), o antecedente [-animado] é que favorecerá a realização do **OD nulo** e o uso de uma forma pronominal funcionando sintaticamente como **OD** será favorecido pelo traço semântico [+animado] do antecedente. A partir desse fato, Cyrino (1997, p. 47) certifica, nos dados de sua pesquisa diacrônica, que a animacidade do antecedente é “relevante para a ocorrência do objeto nulo através do tempo”.

Nesse sentido, ao combinar esses dois traços semânticos (animacidade e especificidade) Cyrino (1997, p. 247) apresenta o seguinte percurso para o **OD nulo** com antecedente [+específico] no **PB**: surge no século XIX; o aumento em sua frequência se dá apenas com antecedente [-animado], traço que favorece o aumento na frequência de **OD nulo** sendo o antecedente um **SN** [+específico]; o **OD nulo** com antecedente **SN** [+animado, +específico/referencial] tem frequência baixa, apresentando uma estabilidade nos índices por algum tempo, caindo, na sequência, chegando a **zero** no século **XX**. É o que se observa na **figura 2**, extraída de Cyrino (1997, p. 247).

Figura 2 – Evolução do OD(SN) nulo de acordo com antecedente [+específico], extraído de Cyrino (1997, p. 247)

| séc. | NP [+esp., +ani] | | | | TOTAL | | NP [+esp., -ani] | | | | TOTAL | |
|-------|------------------|-----|------------|------|-------|-----|------------------|------|------------|------|-------|-----|
| | nulo | | preenchido | | No. | % | nulo | | preenchido | | No. | % |
| No. | % | No. | % | No. | | | % | No. | % | No. | | |
| XVI | 1 | 1.3 | 77 | 98.7 | 78 | 100 | 3 | 4.9 | 58 | 95.1 | 61 | 100 |
| XVII | 2 | 6.5 | 29 | 93.5 | 31 | 100 | 2 | 2.9 | 67 | 97.1 | 69 | 100 |
| XVIII | 1 | 4.8 | 20 | 95.2 | 21 | 100 | 8 | 8.1 | 91 | 91.9 | 99 | 100 |
| XIX | 1 | 2.2 | 45 | 97.8 | 46 | 100 | 37 | 49.3 | 38 | 50.7 | 75 | 100 |
| XX | 0 | 0 | 21 | 100 | 21 | 100 | 64 | 86.5 | 10 | 13.5 | 74 | 100 |

TABELA 3. Objetos nulos vs. preenchidos (pronomes clíticos e tônicos) com antecedentes NP [+específico] versus traço "animacidade"

No tocante ao **OD nulo** com antecedente **SN** [-específico] (conforme se verifica na **figura 3**), o que a linguista identifica em seus dados diacrônicos é o aumento na frequência de **OD nulo** apenas no século XX, século no qual, segundo

Cyrino (1997, p. 247-248), o traço “animacidade” parece não ser relevante, uma vez que a frequência de **OD nulo** com antecedente [-específico, +animado] supera a de **ODs** preenchidos, parecendo, assim, que o fator crucial para o aumento está associado ao traço [-específico].

Figura 3 – Evolução do OD(SN) nulo de acordo com antecedente [-específico], extraído de Cyrino (1997, p. 248)

| | NP [-esp., +ani] | | | | TOTAL | | NP [-esp., -ani] | | | | TOTAL | |
|-------|------------------|------|------------|------|-------|-----|------------------|------|------------|------|-------|-----|
| | nulo | | preenchido | | | | nulo | | preenchido | | | |
| séc. | No. | % | No. | % | No. | % | No. | % | No. | % | No. | % |
| XVI | 1 | 2.5 | 7 | 87.5 | 8 | 100 | 2 | 7.7 | 24 | 92.3 | 26 | 100 |
| XVII | 1 | 4.2 | 23 | 95.8 | 24 | 100 | 15 | 22.7 | 51 | 77.3 | 61 | 100 |
| XVIII | 0 | 0 | 1 | 100 | 1 | 100 | 2 | 6.3 | 30 | 93.7 | 32 | 100 |
| XIX | 0 | 0 | 12 | 100 | 12 | 100 | 1 | 8.3 | 11 | 91.7 | 12 | 100 |
| XX | 4 | 57.1 | 3 | 42.9 | 7 | 100 | 27 | 93.1 | 2 | 6.9 | 29 | 100 |

TABELA 4. Objetos nulos vs. preenchidos (clíticos e repetição de NP), com antecedentes NP [-específico] versus o traço "animacidade"

Verificando apenas a frequência de **OD nulo** em dados do século XX e comparando-a à apresentada em Cyrino (1999), tem-se o que se distribui na **tabela 3**, abaixo:

Tabela 3 – Comparação entre os resultados de Cyrino (1997 e 1999) para a variante OD(SN) nulo no PB

| | | Cyrino (1997) | | Cyrino (1999) | |
|------------|---------------|---------------|-------|---------------|-------|
| | | Quant. | % | Quant. | % |
| [+animado] | [+específico] | 0/95 | 0% | 10/112 | 8,9% |
| | [-específico] | 4/95 | 4% | 7/112 | 6,3% |
| [-animado] | [+específico] | 64/95 | 67,5% | 72/112 | 64,3% |
| | [-específico] | 27/95 | 28,5% | 23/112 | 20,5% |

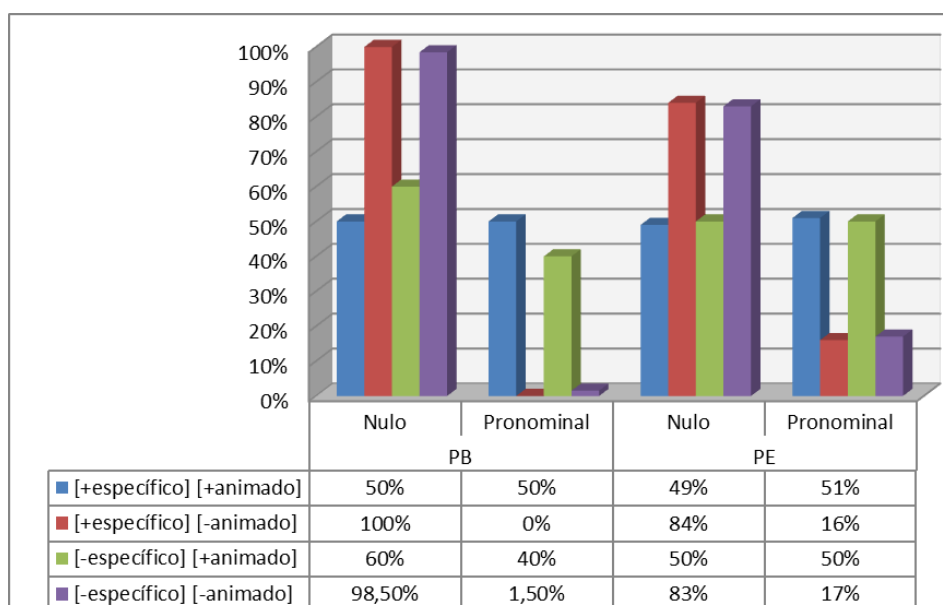
Os resultados apresentados para o estudo de Cyrino (1999) confirmam, ainda que parcialmente, os resultados de Cyrino (1997). Percebe-se, pela tabela acima apresentada, que o índice apresentado para o antecedente [-animado, +específico] mantém-se estável, constituindo-se, no **PB**, em um contexto favorável à realização do **OD(SN) nulo**. No tocante ao contexto em que o antecedente apresenta os traços semânticos [+animado, -específico] o que se verifica é um equilíbrio entre os resultados. No entanto, ao verificar os índices apresentados para os casos em que o antecedente apresenta os traços semânticos [+animado, +específico] e [-animado, -

específico], o que se tem é uma diferença percentual (ainda que modesta) se comparados os dois estudos, apresentando um percurso inverso: enquanto o primeiro contexto apresenta um aumento de **8,9%** em sua frequência, o segundo contexto apresenta uma redução de **8%** em seu índice percentual. Chama-nos, ainda, a atenção o fato de, em Cyrino (1997), não se verificar sequer uma ocorrência de **OD(SN) nulo** nos casos em que o antecedente é [+animado, +específico] e em Cyrino (1999) serem apresentadas **10** (dez) casos para esse contexto.

Ao verificar os resultados deste estudo (conforme **gráfico 9**), o que se nota, em relação à realização do **OD(SN) nulo** no **PB**, considerando os traços semânticos de animacidade e especificidade do antecedente, é um equilíbrio entre os casos em que o antecedente apresenta o traço semântico [-animado]: sendo o antecedente [+específico], verifica-se uma frequência categórica, enquanto que tendo um antecedente [-específico] esse índice é quase categórico: **98,5%**; índices que se distanciam consideravelmente dos apresentados em Cyrino (1997 e 1999), sobretudo se o antecedente apresenta os traços semânticos [-animado/-específico].

Observando, agora, os casos em que o antecedente apresenta o traço semântico [+animado], nota-se que a frequência obtida por este estudo também supera consideravelmente a obtida por (Cyrino, 1999): com o traço semântico [+específico], o índice é de **50%** e de **60%** se o antecedente apresenta o antecedente apresenta o traço semântico [-específico].

Gráfico 9 – Frequência de uso de OD(SN) nulo vs OD(SN) pronominal no PB e no PE a partir do cruzamento entre animacidade e especificidade do antecedente



Pelo gráfico acima apresentado, é possível, ainda, observar, em relação ao **PE**, como se dá a distribuição do **OD(SN) nulo**, considerando os traços semânticos do antecedente. É possível dizer, pelos índices aí apresentados, que a realização dessa forma variante do **OD(SN)** é fortemente favorecida pelo traço semântico [-animado] do antecedente, uma vez que se verifica um equilíbrio entre os índices percentuais, independentemente de o antecedente apresentar o traço [\pm específico]: apresentando o traço semântico [+específico], a frequência é de **84%**, e com o traço semântico [-específico], de **83%**. Também se verifica uma frequência equilibrada para os casos em que os traços de especificidade são combinados ao traço semântico [+animado] do antecedente: sendo combinado ao traço [+específico], a frequência obtida é de **49%** e de **50%**, quando combinado ao traço [-específico].

Duarte (1986 e 1989), em seu estudo sobre a expressão anafórica do **OD** no **PB**, verificou que a realização da variante **OD(SN) nulo** é favorecida pelo traço [-animado] do antecedente. Os resultados aqui obtidos (e distribuídos no gráfico acima) não só confirmam, em relação ao **PB**, os resultados apresentados pela linguista, como nos permitem verificar que, em relação ao fenômeno variável em questão, o **PE** segue na mesma direção, uma vez que, independentemente de o antecedente ser [\pm específico], é com o antecedente [-animado] que se obtém, em ambas as variedades, os maiores índices percentuais.

Nesse sentido, os resultados aqui verificados para o **PE** vão de encontro à afirmação de Cyrino (1997, p. 2004) de que, nessa variedade do português, a realização do **OD(SN) nulo** é uma possibilidade restrita “a NPs com antecedentes não-específicos/não referenciais”.

Os resultados distribuídos no **gráfico 9** permitem, ainda, verificar a distribuição de **OD(SN) pronominal**⁵⁵ nas duas variedades do português. Em relação ao **PB**, verifica-se, novamente, que parece exercer maior influência na manifestação dessa variante o traço semântico [+animado] do antecedente: combinado ao traço semântico [+específico], o índice é de **50%**, ao passo que sendo o antecedente [-específico], esse índice é de **40%**. Ainda que esses índices sejam iguais ou menores que os verificados para os casos de **OD(SN) nulo**, superam consideravelmente os verificados nos casos em que o antecedente apresenta o traço semântico [-animado]. Nesses casos, não se verifica, para o **PB**, sequer uma

⁵⁵ Os resultados apresentados para essa variante é a soma entre os casos de clítico e pronome lexical, seguindo procedimento adotado por Cyrino (1997).

ocorrência de **OD(SN) pronominal** se o antecedente apresenta o traço [+específico] e, combinado ao traço [-específico] do antecedente, tem-se apenas uma ocorrência no *corpus*, correspondendo ao índice de apenas **1,5%**. Esses resultados confirmam os estudos de Duarte (1986 e 1989) que afirmam que essa característica do antecedente se constitui em contexto favorável ao uso de uma forma pronominal sintaticamente **OD(SN)**.

No entanto, esses resultados não confirmam totalmente os apresentados em Cyrino (1997), referentes ao século XX. O antecedente [+específico, +animado] se mostra, nos dois estudos, como o contexto que mais favorece o uso de uma forma pronominal funcionando como **OD(SN)**, no entanto, não se verifica um equilíbrio entre os índices: enquanto aqui, a frequência atinge o percentual de **50%**, os resultados da linguista apontam para uma frequência categórica.

No que se refere aos outros contextos, nossos resultados apontam para uma frequência de **40%** de **OD(SN) pronominal** quando o antecedente apresenta os traços semânticos [-específico, +animado], aproximando-se dos **42,9%** identificados por Cyrino (1997). Contudo, em relação à frequência de **OD(SN) pronominal** com antecedente [-animado] (independentemente do traço de especificidade apresentado), observa-se um relativo distanciamento quando comparados os índices percentuais dos dois estudos. Enquanto aqui não se identificou nenhuma ocorrência quando o antecedente apresenta o traço [+específico] e apenas uma frequência de **1,5%** tendo o antecedente o traço [-específico] (conforme se pode verificar no **gráfico 9**, acima), os dados de Cyrino (1997) apontam para uma frequência de **13,5%** para o primeiro caso e de **6,9%**, para o segundo.

Observando, agora, a relação entre os índices obtidos por este estudo para o **PB** e para o **PE**, nota-se que os traços semânticos do antecedente aqui considerados parecem funcionar de forma análoga nas duas variedades (conforme já apresentado anteriormente, em relação ao **OD(SN) nulo**). Os índices apresentados para o **PE**, a exemplo do que se verificou no **PB**, apontam para o favorecimento do traço semântico [+animado] na seleção, pelo falante, da variante **pronominal**: combinado ao traço [+específico] do antecedente, obtém-se um percentual de **51%** (frequência assemelhando-se aos **50%** apresentados pelo **PB**) e de **50%**, se combinado ao traço semântico [-específico] (frequência é superada em **10%** pela obtida no **PB**).

Em direção oposta apontam os índices dos casos em que o antecedente apresenta o traço semântico [-animado]: nesse contexto, a frequência verificada no **PE** supera consideravelmente a verificada no **PB**. Enquanto os dados referentes a esta variedade não apresentaram sequer **01** (uma) ocorrência com antecedente [+específico] e apenas um índice de **1,5%** com antecedente [-específico], os índices referentes àquela variedade apontam para uma frequência de **16%**, se o antecedente é [+específico], e de **17%**, se o antecedente é [-específico].

Feitas essas explanações acerca dos traços semânticos do antecedente, a discussão segue, então, para outro grupo de fatores: a **estrutura sintática**.

3.1.1.1.3 A relevância do condicionamento sintático

Outro grupo de fatores considerado na análise dos dados é o contexto sintático em que ocorre o **OD(SN)**, por acreditar que a realização de uma ou de outra variante esteja condicionada à estrutura sintática em que a variável se manifesta, fato já verificado por Duarte (1986 e 1989).

Os resultados obtidos do cruzamento entre as formas de manifestação do **OD(SN)** aqui consideradas e a estrutura sintática em que é projetado o objeto direto, nas duas variedades do português, mostram-se distribuídos na **tabela 4**, abaixo.

Tabela 4 - Resultados de frequência das variantes de OD(SN) no PB e no PE em função da estrutura sintática

| Estrutura sintática | | | Variantes | | | | | | |
|---------------------|----|--------|-----------|---------|---------------|----------|-------------------|------------|-------|
| | | | Nulo | Clítico | Pron. Lexical | SN Pleno | SN c/ Det. Modif. | Pron. Dem. | Total |
| OD | PB | Quant. | 132 | 05 | 09 | 33 | 12 | 05 | 196 |
| | | % | 67,5 | 2,5 | 4,5 | 17 | 6 | 2,5 | -- |
| | PE | Quant. | 143 | 63 | -- | 21 | 12 | 12 | 251 |
| | | % | 57 | 25 | -- | 8 | 5 | 5 | -- |
| OD + Pred. | PB | Quant. | 04 | -- | 02 | 01 | -- | 01 | 08 |
| | | % | 50 | -- | 25 | 12,5 | -- | 12,5 | -- |
| | PE | Quant. | 05 | -- | -- | 01 | 01 | -- | 07 |
| | | % | 71 | -- | -- | 14,5 | 14,5 | -- | -- |
| OD + OI (SN) | PB | Quant. | 07 | -- | -- | 04 | 01 | -- | 12 |
| | | % | 58 | -- | -- | 33,5 | 8,5 | -- | -- |
| | PE | Quant. | 13 | 03 | -- | 01 | -- | -- | 17 |
| | | % | 76,5 | 17,5 | -- | 6 | -- | -- | -- |
| OD + Or. | PB | Quant. | 03 | 02 | 04 | 01 | -- | 01 | 11 |
| | | % | 27,5 | 18 | 36,5 | 9 | -- | 9 | -- |
| | PE | Quant. | 02 | 05 | 02 | 01 | -- | -- | 10 |
| | | % | 20 | 50 | 20 | 10 | -- | -- | -- |

Pelos resultados apresentados na tabela acima, é possível, a princípio, verificar que em estruturas simples, em que é projetado apenas o objeto direto (cf. (93) e (94)), a forma variante preferida pelos falantes é o **OD nulo**, cuja frequência, em ambas as variedades (67,5%, no **PB** e 57%, no **PE**), supera a soma de todas as outras variantes. Essa diferença se mostra ainda mais significativa se se consideram apenas as variantes **OD nulo** e **OD pronominal**.

(94) Então chegava à altura da noite... à noite, depois de ouvir-lhe os fados, ainda mais me tocava pra eu ensaiar Ø. (PE.F.12.12)

(95) eles voltaram a se falar, eles não precisaram mais de um terceiro pra ajudar Ø. (PB.F.12.04)

Semelhante constatação foi feita, em relação ao **PB**, por Duarte (1986 e 1989) e por Arruda (2006), ainda que o índice apresentado por esses estudos se mostrem um pouco distintos do apresentado na tabela acima: os estudos de Duarte apontam, nesse tipo de estrutura, para uma frequência de **76,2%**, enquanto a frequência identificada na investigação de Arruda é de **53%**⁵⁶.

Embora **PB** e **PE** apresentem um índice maior para a variante **OD nulo**, essas variedades se diferenciam quando se observa a forma variante concorrente: enquanto o **PB** apresenta como forma concorrente o preenchimento do **OD(SN)** por meio de um **SN** (aqui considerada a soma entre a frequência de **SN pleno** e **SN com determinante modificado**) – **23%** –, no **PE**, a forma concorrente é a variante **clítico**: **25%**. No **PB**, a frequência dessa variante é consideravelmente inferior à do **PE**: **7%** (frequência que compreende a soma entre as formas pronominais **lexical** e **clítico**). Esses resultados, quer de **OD nulo**, quer de **SN** ou **clítico**, confirmam os verificados nos resultados gerais.

Chama a atenção, porém, apesar da baixa ocorrência, a frequência apresentada para os casos em que se tem **OD** seguido de **predicativo** (cf. (96) e (97)) e **OD** seguido de **OI** (cf. (98) e (99)). Em ambos os casos, o índice apresentado no **PE** para a variante **OD nulo** é consideravelmente superior ao do **PB**. Enquanto

⁵⁶ Arruda (2006) desenvolve sua análise considerando, separadamente, as 5 (cinco) variedades do **PB** consideradas em seu estudo. Outro fato a ser mencionado é que, além das formas variantes aqui consideradas, Arruda (2006) inclui outra variante, à qual denomina **OD SN totalmente modificado**. Para se estabelecer a comparação entre os resultados deste e daquele estudo, foram somados os resultados apresentados pelas variedades daquele estudo, sendo considerada apenas a frequência apresentada para as variantes comuns aos dois estudos.

para a primeira estrutura, o **PE** apresenta um índice de **71%**, o índice apresentado pelo **PB** é de **50%**. Em relação à segunda estrutura, a frequência de **76,5%** do **PE** supera significativamente os **58%** apresentados pelo **PB**.

- (96) É indiano. Isso é uma coisa indiana que eu comprei em Nova Deli. E... ah... e... e... e... havia coisas lindíssimas nessa loja. E eu achei **isso**, além de bonito, é um pouco... tem lá alguma coisa de... diferente. (PE.F.06.04)
- (97) ela procura um historiador, ela quer voltar pras Ilhas Galápagos, então ela procura um historiador que é o papel que eu faço pra contar, ela leu os livros dele, achou **aquilo** muito fraco, tinha muito erro e ela resolve ajudá-lo transmitindo a experiência que ela tem (PB.M.07.04)
- (98) o pai falava já muito devagar naquela altura, mas há uma coisa que... que... que é importante, se me permitires dizer \emptyset , é... é... é extraordinária a paixão da Amália pelas palavras, pelos... pelos textos. (PE.M.08.05)
- (99) já estreei. Então, vou fazer um bolo maior entendeu?! E aí um pedaço vai ser pra você, vou dedicar \emptyset (PB.F.11.01)

A frequência observada no **PB** para a referida variante é consideravelmente inferior aos índices apresentados em Arruda (2006), para quem os resultados foram de **62%** para os casos em que o **OD** aparece seguido de um predicativo e, para os casos em que o **OD** está seguido de um **OI(SN)**, a frequência apresentada é de **61%**. Já ao comparar os resultados deste estudo aos de Duarte (1986 e 1989), o que se nota é uma semelhança em relação ao índice identificado por aquela linguista no tocante aos casos em que se é projetado um **OD** seguido de predicativo: **52,9%**; porém, em relação à estrutura do tipo **OD+OI(SN)**, a frequência de **93%** apresentada nos estudos de Duarte aponta para um uso quase categórico de **OD(SN) nulo**.

Em relação ao **PE**, apesar da baixa ocorrência dessas construções, os índices apresentados na tabela acima nos levam a pensar que essas estruturas sintáticas – **OD+predicativo** e **OD+OI** – parecem se mostrar como contexto favorável à realização de **OD(SN) nulo**.

Examinando agora os casos em que se tem **OD(SN)+oração (infinitiva ou gerundiva)** (cf. **(100)** e **(101)**), os índices apresentam, para as duas variedades linguísticas, uma superioridade significativa do preenchimento do **OD(SN)**, principalmente se esse preenchimento se faz por meio de uma forma pronominal (clítico, no **PE** e lexical, no **PB**). Em relação ao **PB**, a maior frequência do uso de pronome lexical nesse contexto é entendido, conforme já apontou Duarte (1986), pelo fato de ser um contexto em que o pronome funciona como sujeito do verbo da oração subordinada.

(100)ela procura um historiador, ela quer voltar pras Ilhas Galápagos, então ela procura um historiador que é o papel que eu faço pra contar, ela leu os livros dele achou aquilo muito fraco, tinha muito erro e ela resolve ajudá-lo transmitindo a experiência que ela tem (PB.M.07.04)

(101)quase todos eles [os modelos] passaram pelas mãos dum booker que há em Portugal, que tem essa noção de **os** pôr a trabalhar lá fora (PE.M.10.08)

Como mencionado anteriormente, para o **PB**, também foi selecionado pelo programa estatístico GoldVarb X, na rodada de peso relativo, o grupo de fatores **estrutura sintática** como estatisticamente relevante para a realização do **OD nulo**. Os resultados obtidos confirmam a frequência bruta distribuída na tabela acima: favorecendo o **OD(SN) nulo**, a estrutura simples obteve peso relativo de **0.553** e, desfavorecendo a ocorrência dessa variantes, o resultado obtido foi de **0.112** para os casos de estrutura complexa (aqui considerada, pelas razões apresentadas na **seção 4.2**, a soma dos casos de **OD+predicativo** e **OD+oração**).

Passa-se, agora, à verificação de outro grupo de fatores considerado neste estudo: a topicalização (ou não) do antecedente.

3.1.1.1.4 A topicalização (ou não) do antecedente

Ao discutir fenômenos sintáticos que caracterizam o **PB**, Galves (2001) defende a hipótese de que a organização dessa variedade do português tem se dado na forma tópico-comentário, favorecendo, assim, maior frequência na

realização do objeto nulo, distinguindo-se do **PE**, por se caracterizar como uma língua com estrutura do tipo sujeito-predicado.

Movido por essa hipótese, este estudo estabeleceu a topicalização (ou não do antecedente) como um grupo de fatores a ser controlado, organizando, dessa maneira, os dados em relação à topicalização do antecedente. Tem-se, assim, de um lado, os casos em que o antecedente do **OD(SN)** encontra-se em posição de tópico (cf. **(102)** e **(103)**) e, de outro, as ocorrências de **OD(SN)** cujo antecedente não se encontra topicalizado (cf. **(104)** e **(105)**).

(102)Nós temos um vocabulário muito característico. Eh... dizemos umas coisas... algumas [coisas] eu não posso repetir \emptyset aqui (PE.F.11.09)

(103)daí eu estudei o Stanislavski, o Eugênio Kusnet eu já tinha estudado \emptyset (PB.M.07.07)

(104)o credor tem que cobrar seu crédito em tribunal e não recorrer a seguranças privados, que vão espancar o devedor, ou... ou... ou assassiná-lo, ou raptar-lhe um filho (PE.M.07.02)

(105)nesse primeiro caso, leucemia, anemia falciforme, são crianças que fazem tratamentos pesados, distúrbios relacionados ao sangue, né, então passam por um tratamento hospitalar eh... muito pesado. Então assim, a gente leva **elas** pra lá, é um ambiente livre né (PB.M.04.03)

Contudo, vale ressaltar que, de acordo com Van Dijk (1980), não é fácil estabelecer uma definição para **tópico** e **comentário**, levando em consideração o nível sintático. Por essa razão, o valor de tópico deve ser atribuído a uma expressão a partir do momento em que há uma identidade entre o valor semântico do referente e a expressão identificada em alguma das sentenças anteriormente apresentadas no discurso. Sua definição se dá, portanto, em função da repetição de uma referência a um determinado referente discursivo.

A consideração desse condicionamento linguístico nos leva a compreender que o tópico estabelecerá “um quadro de referência para o que vai ser dito a seguir”, importando, dessa forma, que o comentário seja feito por uma sentença completa (Li e Thompson, *apud* PONTES, 1987, p. 13).

Ressalta, pois, que esta pesquisa levou em consideração apenas casos em que o **tópico** compõe, com a sentença que representa o comentário, uma mesma unidade sintática, conforme exemplificado anteriormente em (102) e (103).

A inserção desse grupo de fatores à análise dos dados foi movida pela hipótese de que construções que apresentassem o antecedente **OD(SN)** topicalizado mostrar-se-iam, tanto no **PB** quanto no **PE**, como um contexto favorável à realização da variante **objeto nulo**.

No entanto, como mostram os resultados distribuídos na **tabela 5**, abaixo, essa hipótese não se confirmou totalmente, dada a alta frequência do preenchimento do **OD(SN)**, sobretudo no **PB**, em contextos em que seu antecedente encontra-se topicalizado.

Tabela 5 – Resultados de frequência das variantes de OD(SN) no PB e no PE em função da topicalização (ou não) do antecedente

| Variantes | Topicalizado | | | | Não topicalizado | | | |
|------------------------------|--------------|----|--------|----|------------------|-----|--------|-----|
| | PB | | PE | | PB | | PE | |
| | Quant. | % | Quant. | % | Quant. | % | Quant. | % |
| Nulo | 10 | 50 | 7 | 64 | 136 | 66 | 156 | 57 |
| Clítico | -- | -- | 2 | 18 | 7 | 3,5 | 69 | 25 |
| Pron. Lexical | 2 | 10 | -- | -- | 13 | 6 | 2 | 0,5 |
| SN Pleno | 6 | 30 | -- | -- | 33 | 16 | 24 | 9 |
| SN c/ det. Modificado | 1 | 05 | -- | -- | 12 | 5,5 | 12 | 4,5 |
| Pron. Demonstrativo | 1 | 05 | 2 | 18 | 6 | 3 | 11 | 4 |
| TOTAL | 20 | -- | 11 | -- | 207 | -- | 274 | -- |

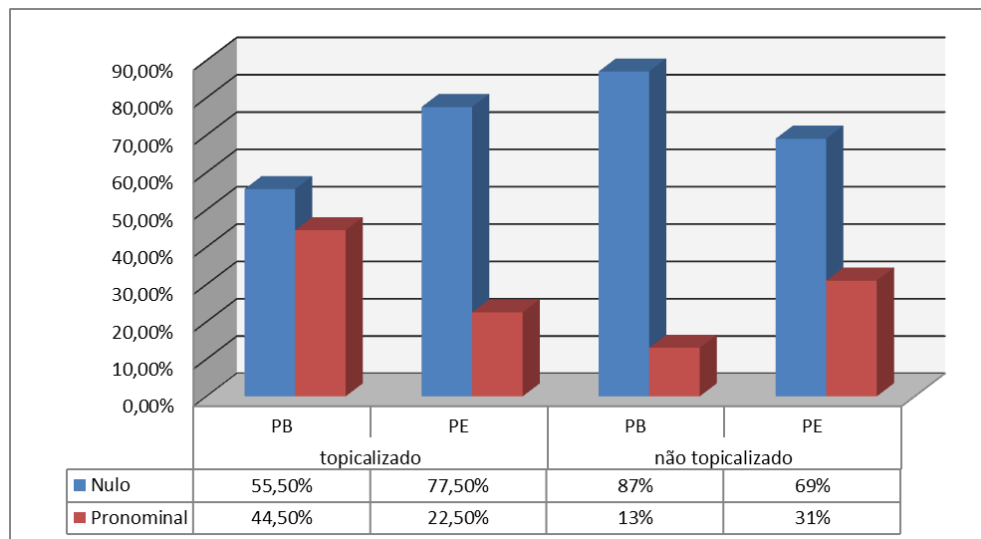
Apesar de ambas as variedades linguísticas apresentarem baixa frequência de **OD(SN)** com antecedente topicalizado, os resultados apresentados na tabela acima permitem estabelecer um contraste entre **OD nulo** vs **preenchimento** (resultado da soma de todas as outras formas variantes). O que se observa, em relação ao **PB**, é um equilíbrio na frequência apresentada, uma vez que tanto **OD nulo** quanto o preenchimento do **OD(SN)** apresentam um índice de **50%**. Semelhante equilíbrio não é verificado no **PE**, uma vez que essa variedade apresenta uma frequência de **OD nulo (64%)** significativamente superior ao índice apresentado para os casos em que se dá o preenchimento do **OD(SN)**: **36%**. Ainda assim, chamou-nos a atenção o índice consideravelmente elevado de

preenchimento do **OD(SN)** em contextos em que seu antecedente encontra-se topicalizado apresentado pelo **PE**.

No tocante aos casos em que o antecedente não se encontra topicalizado, ressalta-se a semelhança entre os resultados apresentados na tabela acima e os resultados gerais (**64,5%** de **OD nulo** e **35,5%** de preenchimento, no **PB**, e **57%** de **OD nulo** e **43%** de preenchimento, no **PE**). Tal equilíbrio se reflete na frequência de todas as formas variantes.

Considerando, agora, apenas o contraste **OD(SN) nulo** vs **OD(SN) pronominal** (conforme ilustrado no **gráfico 10**), os índices apresentados pelo **PB** para os casos em que se tem a topicalização do antecedente, apresentam um aumento modesto na frequência do **OD nulo** (se comparada à frequência apresentada na tabela acima), porém nota-se um aumento significativo no preenchimento por meio de uma forma pronominal: de uma frequência de **10%** (considerando-se todas as formas variantes), passa-se a uma frequência de **44,5%**. No entanto, ainda é possível verificar certo equilíbrio, já que ambas as formas variantes (**OD nulo** e **OD pronominal**) apresentam frequência próxima aos **50%**.

Gráfico 10 – Frequência de uso de OD(SN) nulo vs OD(SN) pronominal no PB e no PE considerando a topicalização (ou não) do antecedente



Semelhante ao que se verifica no **PB**, o **PE** também apresenta um aumento, porém um pouco mais considerável, na frequência de **OD nulo** tendo o antecedente topicalizado (o índice passa de **64%** a **77,5%**). Aumento um pouco menor pode ser

verificado se considerado o preenchimento por uma forma pronominal, indo de **18%** a **22,5%**.

Os índices aqui apresentados para o **OD(SN)** com antecedente topicalizado se mostram bastante distintos dos verificados em Arruda (2006). Nesse estudo, os resultados apontam para um uso quase categórico (**97%**) de **OD nulo** nesse contexto, apresentando o preenchimento por meio de uma forma pronominal a modesta frequência de **3%**.

Embora Duarte (1986) não desenvolva uma análise estatística da realização do **OD(SN)** considerando a topicalização (ou não) do antecedente, a linguista faz referência à grande frequência de construções de tópico no **PB**. Ressalta, ainda, que, devido à existência de relação de identidade entre o elemento sintático, construções de tópico são possíveis em qualquer tipo de oração.

Passa-se, agora, às considerações em torno do **grau de transitividade da sentença**.

3.1.1.1.5 Relação entre **OD(SN)** anafórico e grau de transitividade da sentença

A inserção desse grupo de fatores na análise dos dados se deu motivada pela hipótese de que o grau de transitividade verbal se mostraria relevante na seleção feita pelo falante por uma ou outra variante do **OD(SN)**. Ainda mais especificamente, que quanto maior o grau de transitividade verbal, menor seria a produtividade da variante **OD nulo** e, em contrapartida, maior seria o percentual de preenchimento do **OD(SN)**, sobretudo por uma forma pronominal.

As **tabelas 6 e 7**, abaixo, ilustram a distribuição das variantes no **PB**, de acordo com o grau de transitividade. Nelas, as variantes **SN pleno** e **SN com determinante modificado**, consideradas nos resultados gerais, têm suas frequências reunidas na variante **SNs**⁵⁷.

⁵⁷ Essa junção se deu devido à baixa ocorrência de dados nessas formas variantes, assim como por serem categorias morfológicamente próximas.

Tabela 6 – Resultados de frequência das variantes de OD(SN) no PB em função do grau de transitividade da sentença

| Grau de transitividade | Variantes – PB | | | | | | | | Total |
|------------------------|----------------|------|---------|-----|---------------|------|--------|------|-------|
| | Nulo | | Clítico | | Pron. Lexical | | SNs | | |
| | Quant. | % | Quant. | % | Quant. | % | Quant. | % | |
| 03 | 02 | 100 | -- | -- | -- | -- | -- | -- | 02 |
| 04 | 01 | 20 | -- | -- | -- | -- | 04 | 80 | 05 |
| 05 | 02 | 67 | -- | -- | -- | -- | 01 | 33 | 03 |
| 06 | 07 | 100 | -- | -- | -- | -- | -- | -- | 07 |
| 07 | 37 | 72,5 | 02 | 4 | 01 | 2 | 11 | 21,5 | 51 |
| 08 | 45 | 58,5 | 05 | 6,5 | 09 | 11,5 | 18 | 23,5 | 77 |
| 09 | 41 | 67 | -- | -- | 03 | 5 | 17 | 28 | 61 |
| 10 | 11 | 79 | -- | -- | 02 | 14 | 01 | 7 | 14 |

Tabela 7 – Resultados de frequência das variantes de OD(SN) no PE em função do grau de transitividade da sentença

| Grau de transitividade | Variantes – PE | | | | | | | | Total |
|------------------------|----------------|-----|---------|------|---------------|----|--------|------|-------|
| | Nulo | | Clítico | | Pron. Lexical | | SNs | | |
| | Quant. | % | Quant. | % | Quant. | % | Quant. | % | |
| 03 | 03 | 100 | -- | -- | -- | -- | -- | -- | 03 |
| 04 | 07 | 78 | 02 | 22 | -- | -- | -- | -- | 09 |
| 05 | 13 | 68 | 03 | 16 | -- | -- | 03 | 16 | 19 |
| 06 | 22 | 56 | 10 | 26 | -- | -- | 07 | 18 | 39 |
| 07 | 51 | 64 | 23 | 29 | -- | -- | 06 | 7 | 80 |
| 08 | 49 | 56 | 24 | 27 | 02 | 2 | 13 | 15 | 88 |
| 09 | 14 | 52 | 07 | 26 | -- | -- | 06 | 22 | 27 |
| 10 | 04 | 57 | 02 | 28,5 | -- | -- | 01 | 14,5 | 07 |

Os resultados dispostos nas tabelas acima permitem perceber que a variante **OD(SN) nulo**, em ambas as variedades, se mostra com frequência majoritária independentemente do grau de transitividade (exceção feita ao grau **04** no **PB**, cujo índice é de apenas 20%). No entanto, conforme se verifica pelas tabelas, há uma quantidade significativa de células vazias, o que nos leva, então, a conduzir a análise reunindo os graus de transitividade em dois níveis: o primeiro, compreendendo os graus **03**, **04**, **05** e **06** (conforme **(106) a-d**, respectivamente) e o segundo, os graus **07**, **08**, **09** e **10** (conforme **(107) a-d**, respectivamente).

(106)

- a. se você puder ter orientação do dermatologista, seria o ideal, tá. Mas vamos supor que você não tenha \emptyset . (PB.M.02.11)
- b. hoje também há uma coisa... eh... está todo mundo preocupado em saber os defeitos. Isso dona Amália tinha \emptyset . (PE.F.12.05)

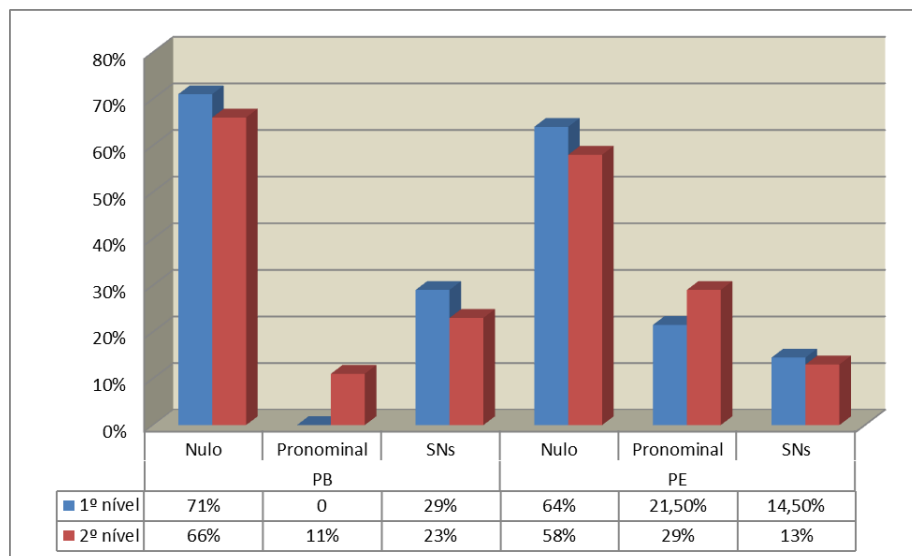
- c. Fez o conservatório, que são nove anos, em três. E, portanto, quan... com quinze anos tinha **o conservatório** tirado. (PE.M.05.06)
- d. Quero muito que você vá ver **Ø** [a peça], viu. (PB.F.10.03)

(107)

- a. Eu acho que Portugal nos últimos anos melhorou muito na produção de vinho, vinho de qualidade, e um bom copo de vinho à refeição... até os médicos recomendam **Ø** pra o coração. (PE.M.09.03)
- b. Aí eu to muito insegura porque na verdade eu fiquei com o cabelo comprido, curto muito tempo, né?, aí o Lauro veio e falou acho que tá na hora de mudar **Ø** e tal aí Homem gosta normalmente mais de cabelo de mulher mais cumprido né. (PB.F.11.02)
- c. dona Amália tinha segredos d'alma... Era aqueles segredos d'alma que **a** faziam cantar quando era sofrido (PE.F.12.04)
- d. eu nunca tive esse tipo de situação, já tive situações das pessoas ficarem muito é... nervosas e aí eu separo **as pessoas** (PB.F.12.03)

Feito isso, os resultados estão apresentados no **gráfico 11**, abaixo, em que a variante **pronominal** compreende a soma de pronomes **clíticos** e **lexicais** e a variante **SNs**, a soma de ocorrências de **SN pleno**, **SN com determinante modificado** e **demonstrativo**.

Gráfico 11 – Frequência de uso de OD(SN) no PB e no PE considerando o nível de transitividade verbal



Verifica-se, pelos resultados apresentados no gráfico acima, que tanto no **PB**, quanto no **PE**, a variante **OD nulo** se mostra mais frequente, independentemente do nível de transitividade, porém apresentando índices um pouco superiores no primeiro nível de transitividade: **71%** no **PB** e **64%** no **PE**, em se tratando do primeiro nível de transitividade, e **66%** e **58%** (no **PB** e no **PE**, respectivamente), em se tratando do segundo nível de transitividade.

Ainda contrastando as duas variedades linguísticas do português, os resultados apresentados no gráfico acima permitem verificar que, considerando o nível de transitividade, **PB** e **PE** apresentam comportamento distinto em relação à forma concorrente do **OD nulo**. A primeira variedade apresenta como forma concorrente o preenchimento do **OD(SN)** por meio de **SNs**, independente de qual seja o nível de transitividade, com índices de **29%** de frequência, no primeiro nível, e de **23%** no segundo. Já a segunda variedade tem como forma concorrente o preenchimento do **OD(SN)** por meio de uma forma pronominal (especificamente clítico), apresentando uma frequência um pouco maior no segundo nível: **21,5%**, no primeiro nível, e **29%**, no segundo.

Esses resultados confirmam a frequência já apresentada nos resultados gerais, considerando-se as uniões aqui feitas: **64,5%** de OD nulo no **PB** e **57%**, no **PE**; **11%** de uso de uma **forma pronominal** no **PB** e **26%**, no **PE**; **26%** de uso de **SNs** como forma do **OD(SN)** no **PB** e **17%** no **PE**. No entanto, o alto índice de **OD nulo** nos dois níveis de transitividade, em qualquer que seja a variedade do português, não confirmou a hipótese inicialmente apresentada.

Na sequência, passa-se à observação do fenômeno em estudo, considerando a variável extralinguística **sexo/gênero dos informantes**.

3.1.1.1.6 Verificação dos dados em relação à variável sexo/gênero dos informantes

Observando agora como se apresentam os dados em relação ao gênero/sexo do informante, o que se verifica, conforme disposto na **tabela 8**, é um equilíbrio nos índices apresentados tanto para o **PB** quanto para o **PE**, se comparadas as frequências dos falantes que compõem a amostra analisada das variedades.

Tabela 8 – Resultados de frequência das variantes de OD(SN) no PB e no PE em função do sexo/gênero dos informantes

| Variantes | PB | | | | PE | | | |
|--------------------------|-----------|------|----------|------|-----------|------|----------|------|
| | Masculino | | Feminino | | Masculino | | Feminino | |
| | Quant. | % | Quant. | % | Quant. | % | Quant. | % |
| Nulo | 88 | 62,5 | 58 | 67,5 | 94 | 56,5 | 69 | 58 |
| Clítico | 04 | 3 | 03 | 3,5 | 43 | 26 | 28 | 23,5 |
| Pron. Lexical | 09 | 6,5 | 06 | 7 | 01 | 0,5 | 01 | 1 |
| SN Pleno | 29 | 20,5 | 10 | 11,5 | 12 | 7,5 | 12 | 10 |
| SN c/ Det. Modif. | 05 | 3,5 | 08 | 9,5 | 10 | 6 | 02 | 2 |
| Demonstrativo | 06 | 4 | 01 | 1 | 06 | 3,5 | 7 | 5,5 |
| Total | 141 | 100 | 86 | 100 | 166 | 100 | 119 | 100 |

Nota-se, assim, em relação ao **PB**, que, tanto para os homens, quanto para as mulheres, o **OD** nulo é a variante que se mostra mais frequente, apresentando um índice percentual de **62,5%** na fala de informantes masculinos e de **67,5%** na fala de informantes femininos. Para a realização do **OD(SN)** por meio de uma forma pronominal, os índices indicam uma frequência de **3%** e **3,5%** na fala, respectivamente, de homens e mulheres se se trata de um clítico. Em se tratando de um pronome lexical, essa frequência é de **6,5%** para os homens e de **7%** para as mulheres. Uma aparente diferença percentual pode ser observada em relação às variantes **SN pleno** e **SN com determinante modificado**. No entanto, considerando a soma da frequência apresentada para essas duas variantes, já que se trata de **SNs**, o que resultado é um índice de **24%** na fala masculina e de **21%** na feminina. Em relação ao uso do **Demonstrativo** como forma variante do **OD(SN)**, apesar da maior frequência na fala de informantes do sexo/gênero masculino, dado o baixo número de ocorrências, não se pode afirmar muita coisa.

Passando agora as observações aos dados do **PE**, também nessa variedade linguística a opção pelo **OD nulo** não só se mostra majoritária entre homens e mulheres, como também reflete um equilíbrio na frequência: os índices percentuais são de **56,5%** na fala dos homens e de **58%** na fala das mulheres. Mesmo equilíbrio se verifica no uso de formas pronominais: se a variante do **OD(SN)** é um clítico, os índices apresentados na fala de informantes masculinos e femininos são, respectivamente, de **26%** e **23,5%**; se se trata de uma **pronome lexical**, forma pouco produtiva nessa variedade linguística, o número de ocorrências é idêntico: **1** (um) para cada sexo/gênero. Sendo a forma variante um **SN** (aqui também se considera a soma entre as ocorrências de **SN pleno** e **com determinante modificado**), sua frequência é de **13,5%** na fala de homens e de **12%** na de

mulheres, equilíbrio que também se reflete quando se trata do **demonstrativo** como forma variante: **3,5%** e **5,5%**, respectivamente, para homens e mulheres.

Esse equilíbrio nos permite pensar que, em relação ao sexo/gênero do informante, não há uma distinção no comportamento linguístico dos falantes. Vale, ainda, ressaltar que tanto os resultados do **PB** quanto os do **PE** confirmam os índices apresentados nos resultados gerais.

Estabelecendo, agora, uma comparação entre as duas variedades, verifica-se, de início, que, apesar de o **OD nulo** ser a variante mais frequente entre os falantes, os percentuais indicam uma maior frequência na fala dos brasileiros que na dos portugueses: entre os homens, pode-se dizer que os índices se mostram bastante próximos, uma vez que a diferença é de apenas **6%**; no entanto, entre as mulheres essa diferença se mostra bem mais acentuada, uma vez que há aí uma diferença de **9,5%**.

Chamam a atenção, ainda, as variantes que se apresentam como forma concorrente do **OD nulo**. No **PB**, a variante que se coloca como segunda mais frequente é **SN** (somando-se as duas categorias de **SN** aqui consideradas como forma variante do **OD(SN)**), cuja frequência no **PE** é bastante inferior: na fala dos homens, essa diferença é de 10% e, na das mulheres, de **9%**. Já no **PE**, a variante concorrente do **OD nulo** é o **clítico**, com uma frequência significativamente superior à do **PB**: a diferença na fala de informantes masculinos é de **23%** e de **20%** na fala de informantes femininos.

Apresentados (e discutidos) os resultados de **OD(SN)** nas variedades do português, passa-se aos casos em que o fenômeno em estudo tem como antecedente uma oração (**OD(or)**).

3.1.2 Objeto direto com antecedente oracional (OD(or)) – análise dos resultados

Uma vez que **OD com antecedente oracional (OD(or))** apresenta características tais que o distinguem do **OD(SN)**, a análise, como já apontado no início desta seção, tratará essas duas estruturas separadamente. Segue, assim, a análise dos dados de **OD(or)** que compõem os *corpora* desta investigação, apresentando os resultados obtidos para as variedades do português.

3.1.2.1 Objeto direto com antecedente oracional (OD(or)): resultados gerais

A **tabela 9**, abaixo, permite uma visualização geral da distribuição das variantes do **OD(or)** no **PB** e no **PE**.

Tabela 9 - Resultados gerais para a realização das variantes de OD(Or) no PB e no PE

| Variantes | VARIEDADES | | | |
|-------------------------------------|------------|-----|--------|-----|
| | PB | | PE | |
| | Quant. | % | Quant. | % |
| Nulo | 13 | 68 | 16 | 50 |
| Clítico | -- | -- | 01 | 3 |
| Sintagma Pleno ⁵⁸ | -- | -- | 02 | 6 |
| Demonstrativo | 06 | 32 | 13 | 41 |
| TOTAL | 19 | 100 | 32 | 100 |

Os números apresentados na tabela acima revelam uma baixa quantidade de ocorrências **OD(or)**, em ambas as variedades. No entanto, os índices aí apresentados permitem-nos o desenvolvimento de algumas reflexões.

Inicialmente, é possível verificar que, em ambas as variedades do português, o **OD nulo** (cf. **(108)** e **(109)**) é a variante mais frequente.

(108)H.J. - Mas mas vais fazer em peça ou vai se transformar em musical?

F.F. - Não, não, não. Em teatro. [...] Não, não tem nada a ver com musical [...] H.J. - Mas podias... mas podias se quiseses \emptyset .
(PE.M.07.10)

(109)hoje as novas gerações têm essa permissão de já transar em casa com os seus namorados e namoradas né, os pais permitem \emptyset (PB.M.08.06)

Sua frequência, no **PB**, é de **68%** e, no **PE**, de **50%**. O percentual aqui apresentado pelo **PB** se mostra bastante próximo aos **61%** identificados por Arruda (2006)⁵⁹. No entanto, esse índice se mostra bem abaixo do identificado em outros estudos, como o de Duarte (1986) – cuja frequência para os casos de **OD**

⁵⁸ Chamo **sintagma pleno** o equivalente, em **OD(SN)**, à variante **SN pleno**: a repetição da oração referente do **OD**.

⁵⁹ Esse índice refere-se à frequência da variante **OD nulo**, considerando a soma das ocorrências levantadas nas variedades do **PB** consideradas em seu estudo.

“sentencial” (termo usado pela autora) foi quase categórica: **98,4%** – e o de Matos (2005) – cuja frequência foi de **83,3%** –, ambos de base sincrônica.

Numa perspectiva diacrônica, Cyrino (1997) encontrou, em dados do século XIX, um percentual de **83,9%** de **OD(or) nulo**, chegando, no século XX, a atingir o índice de **90%**. A linguista ressalta que, no **PB**, o primeiro contexto em que se dá a mudança é justamente o contexto em que o **OD anafórico** tem como antecedente uma oração. Nesse sentido, Arruda (2006, p. 87) assume a hipótese de que “a elipse sentencial se constitui no contexto de abertura para a implementação do objeto nulo no PB”.

Esses resultados gerais em relação ao **OD(or) nulo** chamam-nos a atenção para o fato de que a frequência do **PB** se assemelha à de **OD(SN) (64,5%)** apresentada neste estudo, enquanto que a frequência do **PE** é um pouco inferior ao de **OD(SN) (57%)**.

Como forma concorrente do **OD(or) nulo**, ambas as variedades apresentam a lexicalização por um **demonstrativo** (cf. (110) e (111)): **32%** no **PB** (índice bem próximo aos identificados por Arruda (2006)) e **41%**, no **PE**. O que se verifica agora, em relação a essa variante, é um comportamento inverso aos resultados de variante majoritária: o índice percentual do **PE** se mostra superior ao do **PB**.

(110) Aqui até eles são mais comportados, eles são menos agressivos na reclamação, cê percebeu isso não? (PB.M.09.06)

(111) E então há aí já esse olho... há aí esse já olho clínico, também, que sabe que a filha tem os mesmo passos pra dar e que vai no bom caminho, só que não quer dizer isso publicamente. (PE.M.11.17)

Vale, ainda, ressaltar a baixa produtividade das variantes **clítico** e **sintagma pleno**: no **PB** não foi encontrada sequer uma ocorrência para qualquer dessas variantes, ao passo que no **PE** foram encontradas apenas **03** (três) ocorrências, **01** (uma) de **clítico** (cf.(112)) e **02** (duas) de **sintagma pleno** (cf. (113) e (114)).

(112) Se o [tocar Rachimaninoff] tivéssemos combinado eu teria muito gosto, mas como não combinamos, não... não... sei bem (PE.F.02.03)

(113) não [a minha irmã Maria de São João] era moderna. Ela gostava muito de mim e achava que eu só podia ser feliz da maneira que eu queria **ser feliz**. (PE.M.05.05)

(114) A.N. - São diferentes... A.M. - Não, eu sei **que são diferentes**, mas quais é que são as características que... [...] que realçam. (PE.F.10.01)

Feitas essas reflexões de caráter geral, passa-se à observação dos resultados obtidos a partir do cruzamento das formas variantes com os grupos de fatores considerados para a variável **OD(or)**.

3.1.2.2 Análise dos dados a partir dos grupos de fatores considerados

Dentre os grupos de fatores apresentados na **seção 4.2**, foram considerados, na análise do **OD(or)**, **estrutura sintática e topicalização ou não do antecedente** (como variáveis linguísticas) e **sexo/gênero dos informantes** (variável extralinguística). Dado o número reduzido de grupos de fatores, assim como o baixo número de ocorrências (sobretudo nas variedades do português) não serão apresentados resultados de peso relativo para os casos de **OD(or)**.

Os resultados dos cruzamentos desenvolvidos apresentam-se na sequência.

3.1.2.2.1 A relevância do condicionamento sintático

A partir do cruzamento entre as formas variantes do **OD(or)** e a estrutura sintática em que é projetada a variável linguística foco de nosso estudo, conforme pode ser verificado logo a seguir, na **tabela 10**⁶⁰, observa-se a ocorrência das seguintes estruturas: **OD(or)** (cf. (115) e (116)), **OD(or)+predicativo** (cf. (117)) – estrutura verificada apenas no **PB** – e **OD(or)+OI(SN)** (cf. (118) e (119)). É possível, ainda, perceber que, dentre as formas variantes do **OD anafórico** consideradas neste estudo, tendo um antecedente oracional, ocorrem apenas as variantes **nulo** e **demonstrativo**, em ambas as variedades do português.

⁶⁰ Dada a baixa produtividade das variantes **clítico** e **sintagma pleno**, conforme apresentado nos resultados gerais, essas variantes não foram consideradas nas tabelas e nos gráficos estruturados a partir dos cruzamentos realizados.

- (115)me perguntaram se a peça não taria superada, se por exemplo a peça trata de bissexualismo né, do homossexualismo, de um triângulo amoroso, da vida... da vida oculta dos artistas né, da classe artística, que dizer “Ah não tá superado, hoje os tabus acabaram” eu disse “não, não acho Ø” (PB.M.08.05)
- (116)A.L. - Foi o primeiro desafio. Era o "Fado da solidão" que a Amália não canta. A Amália nunca cantou o "Fado da solidão". [...] D.L. - Cantou, mas cantou. A.L. - Cantou? Ah, então também cantou, pronto. Mas eu não sabia Ø. (PE.F.12.07)
- (117)J.S.: o importante é que comece a fazer espetáculos também às quintas. M.P.: eu acho Ø muito importante. (PB.M10.01)
- (118)H.J.: da Ana Vidal, e é uma cantiga muito fora, muito engraçada, porque não é muito ao teu estilo, não! L.R.: eu trouxe de propósito, porque tu uma vez me encontraste e comentaste **isso**... (PE.M.03.15)
- (119)tinha uma portinha, ele abriu a porta, afastou, foi afastando, entrou pra dentro do vestiário, veio um vento, bateu a porta, fechou, trancou o Pepe. O Pepe ficou trancado durante o jogo dentro do vestiário, é hilário, ele me contou **isso**. Eu não vi, mas ele, o Pepe, lançou um livro sobre o tempo dele (PB.M.07.10)

Tabela 10 – Resultados de frequência das variantes de OD(Or) no PB e no PE em função da estrutura sintática

| Estrutura sintática | | Variantes | | | | |
|---------------------|----|-----------|------|---------------|------|-------|
| | | Nulo | | Demonstrativo | | Total |
| | | Quant. | % | Quant. | % | |
| OD(or) | PB | 09 | 69 | 04 | 31 | 13 |
| | PE | 13 | 62 | 08 | 38 | 21 |
| OD(or) + Pred. | PB | 03 | 100 | -- | -- | 03 |
| | PE | -- | -- | -- | -- | -- |
| OD(or) + OI (SN) | PB | 01 | 33 | 02 | 67 | 03 |
| | PE | 03 | 37,5 | 05 | 62,5 | 08 |

Os resultados apresentados na tabela acima permitem verificar que, em ambas as variedades do português, a estrutura simples (**OD(or)**) é a que apresenta o maior número de ocorrências. Nesse tipo de estrutura, tanto no **PB** quanto no **PE** a preferência dos falantes é pelo **OD(or) nulo**, cuja frequência é, respectivamente,

69% e **62%**. Já quando o **OD(or)** se realiza por meio de um **demonstrativo**, sua frequência é de **31%** no **PB** e de **38%** no **PE**. Apesar dos poucos dados levantados para ambas as variedades, a diferença de apenas **07** (sete) pontos percentuais permite verificar certo equilíbrio nos índices apresentados por ambas as variedades.

Nesse tipo de estrutura sintática, os índices de **OD(or) nulo** e de **demonstrativo** do **PB** se mostram bastante equilibrados com os **68%** e **32%** (respectivamente, **nulo** e **demonstrativo**) apresentados nos resultados gerais. O mesmo não se verifica em relação ao **PE**, uma vez que, considerando a estrutura sintática em que o fenômeno variável se realiza, a frequência de **OD(or) nulo** se mostra, ainda que modestamente, acima dos **55%** e a de **demonstrativo** se mostra inferior aos **45%** dos obtidos nos resultados gerais⁶¹.

Em relação à estrutura **OD(or)+OI(SN)** (segunda estrutura em número de ocorrências, tanto no **PB** quanto no **PE**), é possível notar uma inversão nos índices se comparados aos índices da estrutura simples. Aqui, a variante **demonstrativo** tende a se mostrar mais produtiva que o **OD(or) nulo**: a frequência verificada no **PB** é de **67%** e no **PE**, de **62,5%**, quando o **demonstrativo** é a forma de realização do fenômeno variável em estudo; enquanto que tendo como forma de realização o **OD(or) nulo**, os índices apontam para uma frequência de **33%** no **PB** e de **37,5%** no **PE**. No entanto, seria necessária uma amostra com número maior de ocorrências para verificar se essa tendência se confirma.

Os resultados dispostos nessa tabela, apesar dos poucos dados, dão indícios de que o grupo de fatores estrutura sintática parece funcionar de forma semelhante nas duas variedades do português.

Analisa-se, na sequência, a relevância da topicalização (ou não) do antecedente.

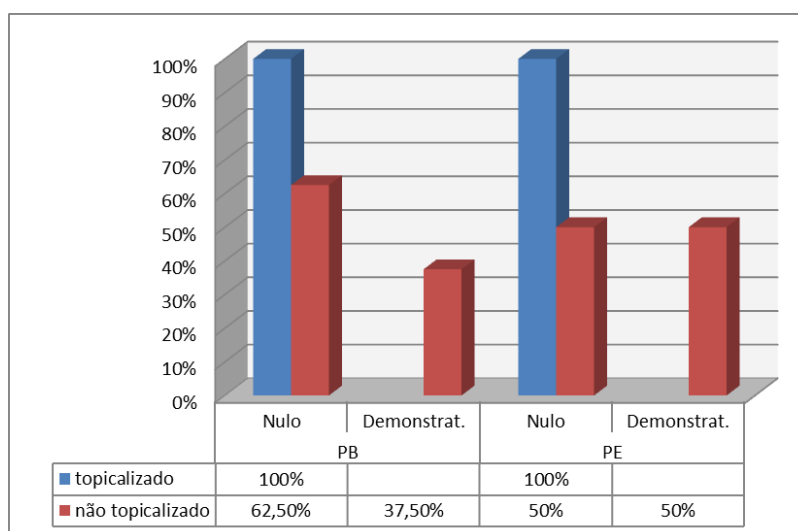
3.1.2.2.2 A topicalização (ou não) do antecedente

Considerando as formas variantes **nulo** e **demonstrativo**, pelo **gráfico 12**, é possível visualizar os resultados para os casos em que o antecedente do **OD(or)** encontra-se topicalizado (cf. **(120)** e **(121)**) ou não (cf. **(122)** e **(123)**).

⁶¹ Esse índice leva em consideração apenas as ocorrências de **OD(or) nulo** e **demonstrativo**.

- (120) eu não escrevi o livro, tem o escritor a quem pedi pra escrever o livro... eh... porque isso eu não sabia fazer \emptyset (PE.F.05.07)
- (121) passei seis meses, é, foi diferente, até porque era uma situação de filmar, a gente filmava em alto mar. Agora conduzir, tocar, isso eu nunca fiz \emptyset (PB.M.05.01)
- (122) C.P. - não, mas eu tenho visto a novela das 8 F.S. - tem conseguido \emptyset ? (PB.M.03.05)
- (123) Acho que começaram eh... no início, quando começaram, muito novos, eles sabem **isso**, têm essa noção e foram inteligente para tirar partido disso. (PE.M.10.03)

Gráfico 12 – Distribuição do OD(or) nulo e demonstrativo, considerando a topicalização (ou não) do antecedente



Ainda que os resultados apresentem uma frequência categórica de **OD(or) nulo** estando antecedente topicalizado, vale ressaltar que se trata de um contexto pouco produtivo em ambas as variedades, uma vez que apenas **03** (três) ocorrências foram encontradas nos *corpora*. No entanto, é curiosa a forma como se dá essa topicalização no **PE**. Em todas as ocorrências verificadas (uma na fala de informante do sexo/gênero masculino e as outras duas na fala de informantes do sexo/gênero feminino), o que se encontra topicalizado é o **demonstrativo isso**, correferente a uma oração (conforme exemplificado em **(120)**, acima).

Já em relação aos casos em que o antecedente não está topicalizado, os índices mostram que as duas variedades do português não apresentam um mesmo

comportamento. Enquanto no **PB** o que se verifica é a preferência da variante **nulo** nesse contexto (**62,5%**, superando consideravelmente os **37,5%** da variante **demonstrativo**), no **PE** esse contexto aponta para um equilíbrio entre as formas variantes, cujas frequências é de **50%**.

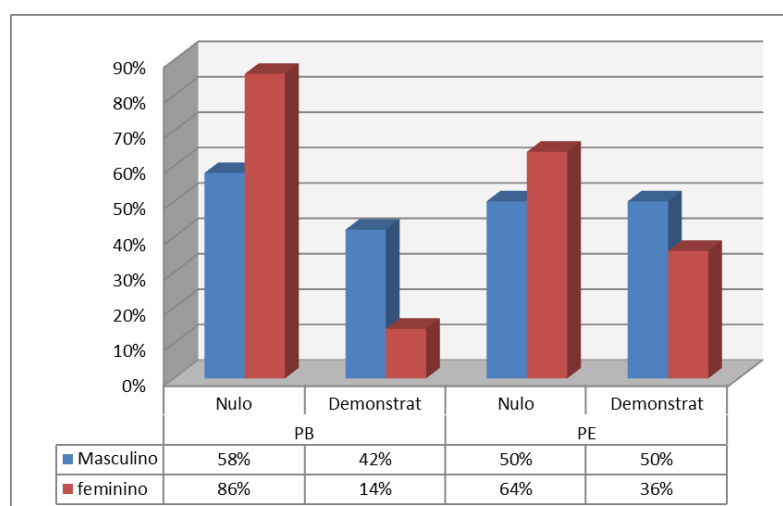
Vale, ainda, ressaltar, que os índices aqui apresentados, para ambas as variedades, não estando o antecedente topicalizado se mostram bastante próximos aos verificados nos resultados gerais.

Observada a relação existente entre esse grupo de fatores e o fenômeno variável em estudo, passa-se à observação desse fenômenos em relação à variável **sexo/gênero dos informantes**.

3.1.2.2.3 Verificação dos dados em relação à variável sexo/gênero dos informantes

Considerando, agora, a distribuição dos dados em relação ao gênero/sexo do informante, os resultados podem ser verificados no **gráfico 13**, abaixo.

Gráfico 13 – Distribuição do OD(or) nulo e demonstrativo, segundo o sexo/gênero dos informantes



Pelo exposto nesse gráfico, é possível perceber que, em ambas as variedades, a variante **nulo** se mostra mais produtiva entre as mulheres (**86%**, no **PB** e **64%**, no **PE**) que entre os homens (**58%** e **50%**, respectivamente, **PB** e **PE**). Esses índices superam consideravelmente (exceção feita à frequência obtida de informantes do sexo/gênero masculinos do **PE**, em que ambas as formas variantes

apresentam frequência de **50%**) os casos em que se dá o preenchimento do **OD(or)** por meio de um **demonstrativo**. No **PB**, na fala de informantes do sexo/gênero masculino, a frequência para essa forma variante é de **42%**, caindo bruscamente para uma frequência de **14%** na fala de informantes do sexo/gênero feminino. Já no **PE**, o preenchimento do **OD(or)** se faz em **36%** dos casos em que o informante é uma mulher.

Se comparados esses resultados aos gerais, o que se nota, nas frequências de informantes do sexo/gênero masculino, é um relativo equilíbrio entre os índices de informantes do **PE**, cujos resultados gerais apontam para um percentual de **55%** e de **45%** (respectivamente, **nulo** e **demonstrativo**) e uma diferença relativamente significativa entre os índices de informantes do **PB**, para os quais os resultados gerais apontam para um percentual de **68%** para os casos em que o fenômeno variável se realiza por meio da variante **nulo** e de **32%** para os casos de **demonstrativo**.

Já as frequências obtidas na fala de informantes do sexo/gênero feminino de ambas as variedades superam consideravelmente os percentuais verificados nos resultados gerais. No que diz respeito à variante **nulo**, a frequência aqui obtida supera, na fala de informantes do **PE**, em **9%** a obtida nos resultados gerais, diferença que se acentua substancialmente no **PB**: **18%**. Em contrapartida, o uso do **demonstrativo** entre mulheres se mostra abaixo da frequência verificada nos resultados gerais, em ambas as variedades.

Esses resultados, seguindo o raciocínio de Labov (2008), permitem sustentar a hipótese de que, em ambas as variedades do português, as mulheres se mostram mais sensíveis à forma inovadora (assumindo, aqui, o **OD(or) nulo** como sendo essa forma), permitindo, ainda, pensar que trata-se de uma forma que, principalmente no **PB**, não goza de estigma social, dada a maior sensibilidade desses informantes a formas linguísticas, ainda que inovadoras, de maior prestígio.

3.2 Apresentando os resultados do espanhol: variedades argentina e europeia

De maneira análoga à análise feita das variedades do português, também em relação ao espanhol serão analisados separadamente os dados referentes ao **OD** com antecedente oracional e os com antecedente **SN**.

Apresentam-se, então, os resultados obtidos para o **OD anafórico** tendo um **SN** como antecedente (**OD(SN)**).

3.2.1 Objeto direto com antecedente sintagma nominal (OD(SN)): resultados gerais

A tabela abaixo possibilita uma visualização geral da distribuição das formas de realização do **OD(SN)** anafórico nas variedades argentina e europeia do espanhol (**EA** e **EE**, respectivamente), a partir dos dados levantados.

Tabela 11 – Resultados gerais para a realização das variantes de OD(SN) no EA e no EE

| Variantes | VARIEDADES | | | |
|------------------------------|------------|-----|--------|------|
| | EA | | EE | |
| | Quant. | % | Quant. | % |
| Nulo | 31 | 9,5 | 40 | 11,5 |
| Clítico | 275 | 84 | 278 | 80 |
| SN Pleno | 19 | 5,6 | 18 | 5 |
| SN c/ Det. Modificado | 2 | 0,6 | 07 | 2 |
| Demonstrativo | 1 | 0,3 | 04 | 1,5 |
| TOTAL | 328 | -- | 347 | -- |

Os resultados apresentados na tabela acima permitem verificar que, tanto no **EA** quanto no **EE**, o uso do **clítico** como forma de realização do **OD** cujo antecedente é um **SN** (cf. (124) e (125)) é a forma preferida pelos falantes, apresentando, ambas as variedades, uma frequência bastante próxima: para o **EA**, esse índice é de 84%, e, para o **EE**, o índice é de 80%. O resultado verificado para essa variante supera consideravelmente, tanto em uma quanto em outra variedade, a soma das demais variantes consideradas no estudo.

(124)muchas veces con un poquito de ayuda, un poquito de tiempo, ya ves lo que me puede costar firmar dos camisetas y enviarlas a Chile (EE.M.13.5)

(125)Nunca más. Armando desde que lo conocí... cada día de mi vida lo quise. Lo quise, lo quiero y lo querré. (EA.F.10.03)

O equilíbrio verificado na frequência de **clíticos** se reflete quando observados os índices das outras formas variantes nas duas variedades do espanhol: os índices apresentados para o **OD nulo** apontam para uma frequência de **9,5%** no **EA** e de **11,5%** no **EE**; sendo a forma variante um **SN pleno**, essa frequência no **EA** e no **EE** é, respectivamente, de **5,6%** e de **5%**. Uma diferença percentual um pouco mais acentuada, apesar da baixa produtividade, é verificada em relação às variantes **SN com determinante modificado** e **demonstrativo**: para esta variante, a frequência apresentada é de **0,3%** no **EA** e de **1,5%** no **EA**, e, para aquela, de **0,6%** no **EA** e de **2%** no **EE**. No entanto, considerando as três variantes – **SN pleno**, **SN com determinante modificado** e **demonstrativo** – como um grupo maior composto por **SNs**, o equilíbrio percentual volta a ser verificado, uma vez que a soma resultará em um índice de **6,5%** no **EA** e de **8,5%** no **EE**.

O alto índice na frequência de **clíticos** e uma frequência significativamente baixa de **OD nulo** (se comparada à da outra variante) contribuem para sustentar a caracterização do espanhol como língua acusativa⁶², uma vez que tal tipologia, proposta por Morales (1992) se faz justamente devido à escassez⁶³ de contexto em que se admite **OD nulo** que essa língua apresenta (independentemente da variedade).

Outro fato que merece destaque (e que já era esperado) é a ausência, em ambas as variedades, de **OD(SN)** tendo como variante um **pronome lexical**. A expressão de fenômeno sintático por meio desse tipo de pronome só é admitida, em espanhol, caso o pronome esteja antecedido pela preposição **a**, tendo como referente um **SN** cujo traço seja [+humano]⁶⁴. No entanto, chamou-nos a atenção a seguinte ocorrência (embora se trate de apenas um caso, não computado entre os dados):

(126) Este hombre con esta voz maravillosa y que yo pude imitarlo y cantar con él siendo una niña y la gente al mismo tiempo que me veía me

⁶² Entende-se por língua acusativa aquela em que a realização do objeto direto anafórico se faz, majoritariamente, pelo pronome oblíquo (também denominado **clítico acusativo** por algumas perspectivas linguísticas).

⁶³ Ainda que uma frequência de aproximadamente **10%** apresentada por ambas as variedades não se mostra assim tão escassa. Resta-nos, porém, verificar, conforme será apresentado na sequência, se os contextos que favorecem esses “poucos” casos de **OD nulo** são os mesmos aos quais fazem referência alguns linguistas.

⁶⁴ Esse é o tipo de construção esperada na variedade padrão do espanhol, conforme Fernández Soriano (1999).

decía: "cantas como él". Yo estaba recordando a él y lo que seguían queriendo **a él** e yo, a través de esa gente, lo quería a él (EE.F.17.14))

Conforme se verifica no exemplo acima, em “lo que seguían queriendo **a él**” é possível identificar a forma tônica do pronome pessoal de terceira pessoa antecedida pela preposição **a**, tendo um referente humano, requisitos que legitimam, em espanhol, o uso dessa forma pronominal na função de objeto direto. No entanto, de acordo com apontamentos de Fernández Soriano (1999), nesse tipo de construção, é necessário que seja empregado também o **clítico** antes da forma tônica: “lo que **lo/le** seguían querendo **a él**”. Infelizmente, como foi encontrada no *corpus* do **EE** apenas uma ocorrência desse tipo, não é possível afirmar se se trata de um fenômeno variável nessa variedade.

Feitas essas considerações acerca dos resultados gerais identificados para o **EA** e para o **EE**, no tocante à realização do **OD(SN)**, apresenta-se, na sequência, análise dos cruzamentos feitos entre as formas variantes e os grupos de fatores considerados neste estudo.

3.2.1.1 Análise dos dados a partir dos grupos de fatores considerados

A exemplo do procedimento adotado para a análise do **OD(SN)** nas variedades do português, a análise dos dados levantados para as variedades do espanhol será desenvolvida seguindo os mesmos procedimentos. Serão considerados os grupos de fatores natureza semântica do antecedente (**animacidade** e **especificidade**), **estrutura sintática** em que se realiza o objeto direto, **topicalização (ou não) do antecedente**, **grau de transitividade da sentença** e **sexo/gênero do informante** (este, de natureza extralinguística).

Dessa forma, apresentam-se, na sequência, os resultados obtidos a partir do cruzamento entre os referidos grupos de fatores com as formas variantes.

3.2.1.1.1 A natureza semântica do antecedente: o traço de animacidade

Os resultados obtidos a partir do cruzamento entre a animacidade do antecedente e as formas variantes do **OD(SN)** (conforme distribuição apresentada na **tabela 12**, abaixo), a exemplo do que foi apresentado nos resultados gerais,

revelam um índice consideravelmente superior no uso do **clítico** funcionando sintaticamente como **OD**.

Tabela 12 – Frequência do OD(SN) no EA e no EE, segundo a animacidade do antecedente

| Variantes | Animado | | | | Não animado | | | |
|------------------------------|---------|------|--------|-----|-------------|-----|--------|------|
| | EA | | EE | | EA | | EE | |
| | Quant. | % | Quant. | % | Quant. | % | Quant. | % |
| Nulo | 03 | 2,5 | 07 | 10 | 28 | 13 | 33 | 12 |
| Clítico | 107 | 95,5 | 60 | 87 | 168 | 78 | 218 | 78,5 |
| SN Pleno | 01 | 1 | -- | -- | 18 | 8 | 18 | 6,5 |
| SN c/ Det. Modificado | 01 | 1 | 01 | 1,5 | 01 | 0,5 | 06 | 2 |
| Demonstrativo | -- | -- | 01 | 1,5 | 01 | 0,5 | 03 | 1 |
| TOTAL | 112 | -- | 69 | -- | 216 | -- | 278 | -- |

Pela distribuição apresentada na tabela acima, percebe-se, independentemente do traço [\pm animado] do antecedente, a preferência pelos falantes no uso do **clítico** como expressão do **OD(SN)**, em ambas as variedades do espanhol. Apresentando o antecedente o traço [+animado], os índices apresentados são de **95,5%** no **EA** (frequência quase categórica) e de **87%** no **EE** (uma frequência um pouco abaixo da verificada para a outra variedade). Já tendo o antecedente o traço [-animado], o que se nota é um equilíbrio na frequência apresentada pelas duas variedades do espanhol: **78%** para o **EA** e **78,5%** para o **EE**.

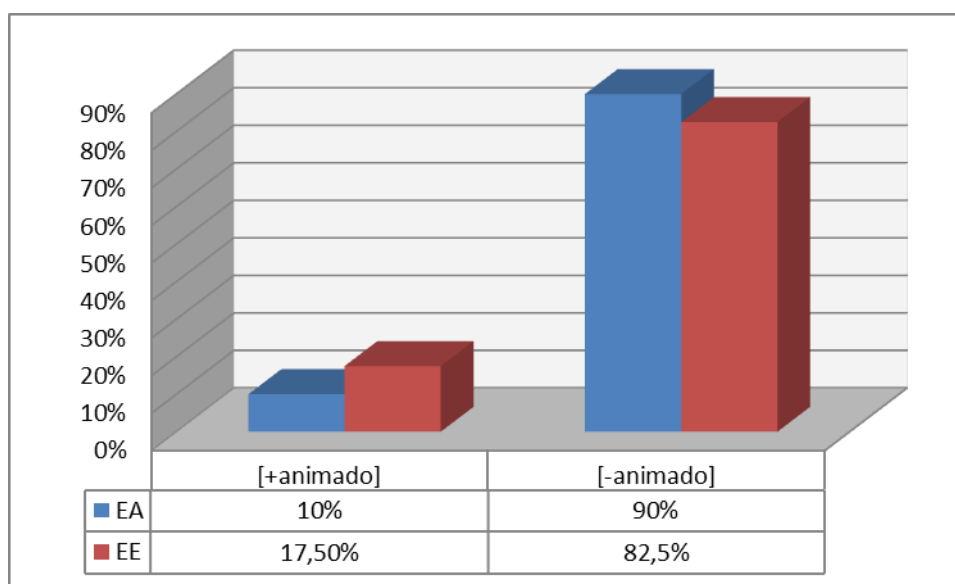
Deve-se destacar, porém, uma diferença entre as duas variedades: a animacidade do antecedente se mostra mais relevante para o **EA** que para o **EE**. É possível perceber uma diferença maior entre os índices de **clítico** com antecedente [+animado] ou [-animado] no caso argentino que no espanhol: essa diferença é de **17,5%** no **EA** e de **8,5%** no **EE**.

Ainda que essas frequências se mostrem consideravelmente superiores à soma da frequência obtida para as demais formas variantes, é curioso o fato de que, em ambas as variedades, o índice percentual no uso de **clítico** tendo o antecedente o traço [+animado] supera (com uma diferença mais significativa no **EA**) a frequência apresentada nos resultados gerais para essa variante (**84%**, no **EA** e **80%**, no **EE**). No entanto, se comparada a frequência dos resultados gerais à dos casos em que antecedente apresenta o traço [-animado], essa diferença se mostra reduzida, equilibrando-se, principalmente no **EE**.

Os resultados apresentados na **tabela 12** permitem-nos, agora em relação às outras formas variantes (**SNs** e **demonstrativo**), perceber uma baixa frequência, mostrando-se como opções menos usadas pelos falantes na realização do **OD(SN)**. Apesar da baixa frequência, considerando a soma dos resultados dessas formas variantes, é possível verificar que o traço [-animado] do antecedente favorece o preenchimento do **OD**, com uma frequência bastante equilibrada se comparadas as duas variedades linguísticas: o **EA** apresenta um índice percentual de **9%** e o **EE**, de **9,5%**. Tendo o traço [+animado], esse preenchimento é de apenas **2%** no **EA** e de **3%** no **EE**.

Ainda que as variedades do espanhol em estudo apresentem baixa frequência no uso do **OD nulo**, acredita-se ser relevante uma verificação um pouco mais detalhada. Nesse sentido, o **gráfico 12**, abaixo, permite a visualização da frequência dessa forma variante do **OD(SN)**, tendo em conta o traço [**±**animado] do antecedente.

Gráfico 12 – Frequência do OD(SN) nulo no EA e no EE, segundo a animacidade do antecedente



Os índices apresentados no gráfico acima permitem verificar que a realização do **OD nulo**, em ambas as variedades do espanhol, é favorecida pelo traço [-animado] do antecedente. Os índices aí dispostos apontam, em relação ao **EA**, para uma frequência de **90%** tendo o antecedente o traço [-animado], superando significativamente a frequência de **10%** em que o antecedente apresenta o traço

[+animado]. Em relação ao **EE** a frequência apresentada no gráfico é de **82,5%** para os casos em que o antecedente apresenta o traço [-animado] (índice um pouco inferior ao apresentado pelo **EA**), e de **17,5%** para os casos em que o antecedente apresenta o traço [+animado] (índice modestamente superior ao do **EA**).

A frequência bruta confirma, no caso do **EA**, o que aponta resultado com peso relativo, cuja rodada selecionou o grupo de fatores **animacidade do antecedente** como único grupo relevante na seleção do **OD nulo**, eliminando os demais grupos. A rodada com peso relativo considerou apenas as variantes **nulo** e **clítico**, compondo, dessa forma, a variável dependente. O peso relativo fornecido pelo programa GoldVarb X foi de **0.655** favorecendo o **OD nulo** quando o antecedente apresenta o traço [-animado] e, em contrapartida, o peso relativo de **0.242** desfavorecendo essa variante tendo o antecedente o traço [+animado].

O favorecimento do traço [-animado] para a realização do **OD nulo** no **EA** aqui verificado converge com a referência feita por Fernández Soriano (1999) sobre a existência de **OD nulo** no espanhol falado em Quito (Equador), assim como com o estudo de Palacios Alcaine (1998, p. 437), ao verificar, na variedade paraguaia do espanhol, que o **OD nulo** com traço semântico [-animado] é um fenômeno generalizado⁶⁵, não apresentando restrições, uma vez que esse fenômeno pode ocorrer em “oraciones transitivas cuyos CDs tienen referencia [+definida o determinada] [...]; pero también [-definida o indeterminada]”⁶⁶.

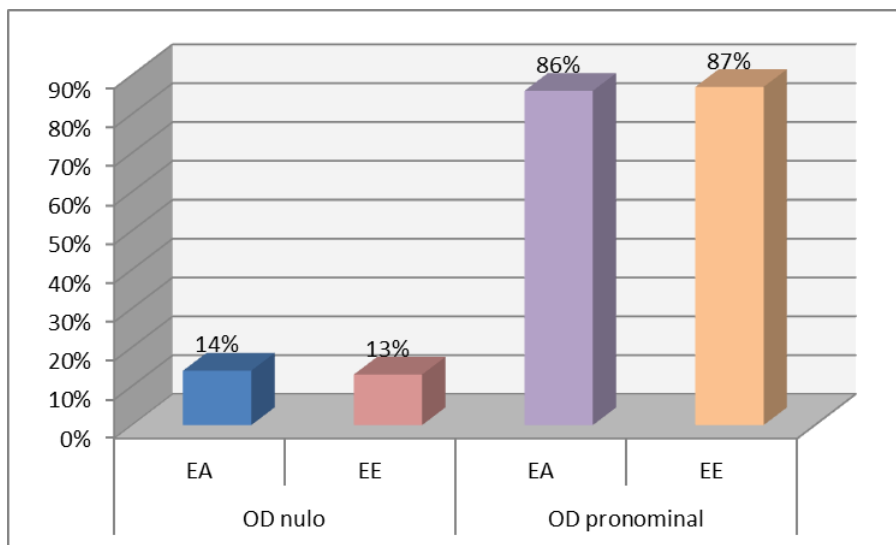
Apesar de os índices dispostos no gráfico acima apontarem para uma significativa diferença estatística, na rodada com peso relativo, esse grupo de fatores não foi selecionado como estatisticamente relevante para o **EE**.

Passando, agora, a observar a correlação entre o traço [-animado] do antecedente e o preenchimento do **OD** por uma forma pronominal (no caso das duas variedades do espanhol, trata-se do **clítico**), ao se opor **objeto nulo vs objeto pronominal**, a diferença quantitativa é considerável, conforme ilustrado no **gráfico 13**, abaixo.

⁶⁵ A autora elenca em seu trabalho uma série de contextos em que o **OD nulo** [-animado] ocorre no espanhol paraguaio, no intuito de comprovar a não restrição nessa variedade do espanhol. Por razões próprias deste estudo, tais contextos não serão aqui descritos, no entanto, reporto o leitor ao referido trabalho.

⁶⁶ “oraciones transitivas cuyos CDs [complementos directos] têm referencia [+definida ou determinada] [...]; como também [-definida ou indeterminada].”

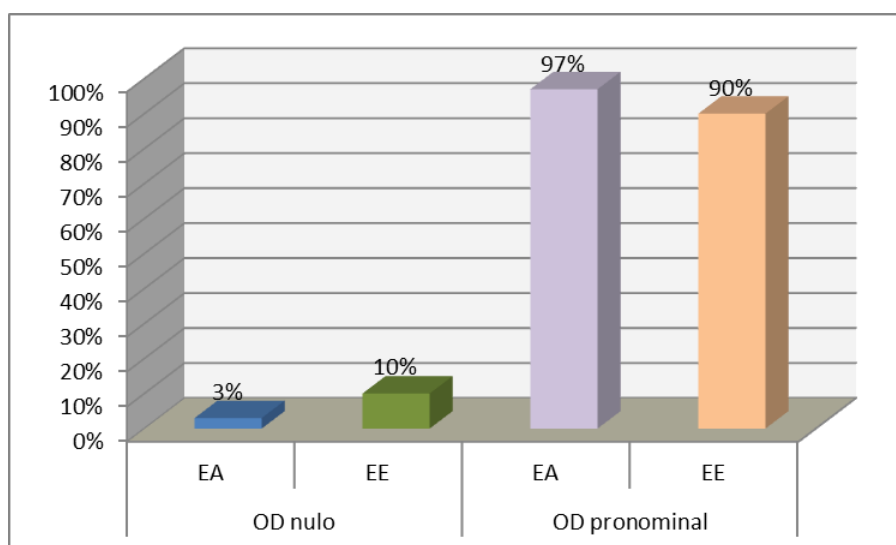
Gráfico 13 – Frequência de uso de OD(SN) nulo vs OD(SN) pronominal, com antecedente [-animado]



Os índices apresentados no gráfico acima revelam um equilíbrio na frequência, tanto de **OD nulo** quanto de **OD pronominal**, em ambas as variedades, quando o antecedente apresenta o traço [-animado]. Tem-se, assim, para os casos de **OD nulo**, a frequência de **14%**, para o **EA** e de **13%**, para o **EE**. Já para os casos de **OD pronominal**, a frequência é, respectivamente, de **86%** e **87%**.

Semelhante equilíbrio não se verifica quando a oposição **OD nulo vs OD pronominal** se faz levando em consideração o traço [+animado] do antecedente, conforme representado no **gráfico 14**, abaixo.

Gráfico 14 – Frequência de uso de OD(SN) nulo vs OD(SN) preenchido, com antecedente [+animado]



É possível perceber, pelos resultados apresentados no gráfico acima, que, em ambas as variedades do espanhol, a realização do **OD(SN)** pronominal é fortemente favorecida pelo traço [+animado] do antecedente, com uma frequência quase categórica no **EA**. Em contrapartida, a presença de um antecedente animado se apresenta como um contexto que restringe, sobretudo no **EA**, a realização do **OD nulo**.

Apresentam-se, na sequência, os resultados obtidos a partir do cruzamento com outro grupo de fatores semânticos considerado no estudo que aqui se apresenta: a **especificidade** do antecedente.

3.2.1.1.2 A especificidade do antecedente: outro traço semântico

Estudos que se ocupam em investigar o fenômeno do **OD nulo** no espanhol, dentre os quais Campos (1986) e Landa (1993 e 1995), tendem a considerar a definitude (traço [\pm definido] do antecedente) como traço semântico ao qual estaria associada a realização ou não desse fenômeno sintático, principalmente no **EE**. González (1994, p. 339) afirma que esse traço semântico “recebe, por parte de diferentes autores, diferente nomes”: [\pm determinado] e [\pm específico]. No entanto, de acordo com observação feita em nota pela linguista, essa terminologia refere-se a “uma mesma coisa”.

É sabido que, embora seja possível estabelecer uma relação entre **determinação, definitude e especificidade** do antecedente, trata-se de aspectos semânticos distintos, cujo limite é bastante tênue⁶⁷.

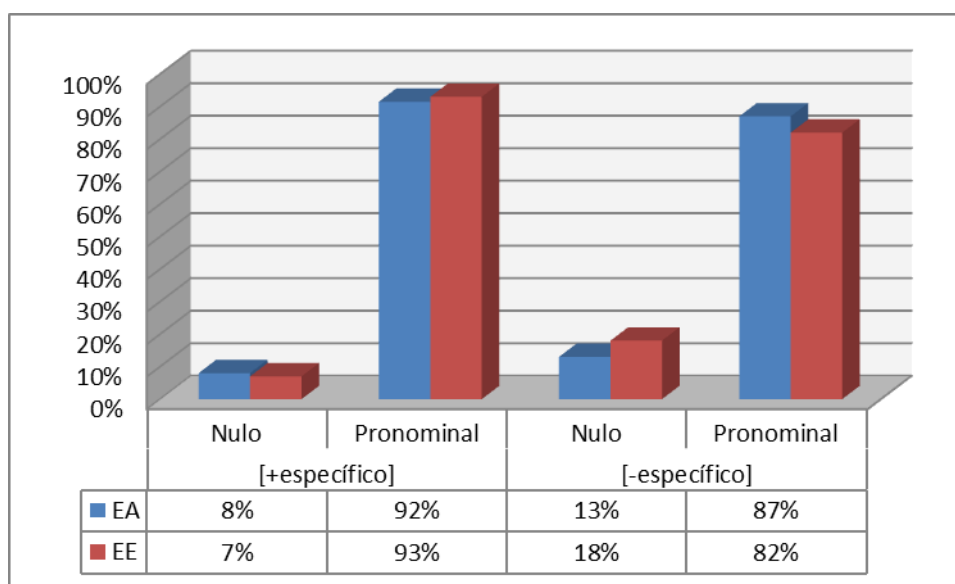
No intuito, então, de seguir nossa análise sobre a expressão anafórica do **OD(SN)** no espanhol, outro grupo de fatores aqui considerado, por acreditar ser relevante, sobretudo, para a compreensão do **OD nulo**, é a especificidade do antecedente.

O **gráfico 15**, apresentado logo a seguir, permite visualizar a frequência de **OD nulo vs OD pronominal** nas duas variedades do espanhol aqui consideradas, tendo em conta a especificidade do antecedente. Vale ressaltar que, conforme apresentados nos resultados gerais, as variantes **SN pleno, SN com determinante**

⁶⁷ Por fugir aos objetivos deste trabalho, não será, aqui, discutida a distinção entre esses fatores semânticos. No entanto, reporto o leitor a Berlinck (1995), que, estudando a posição do sujeito, fornece uma breve e esclarecedora distinção.

modificado e **demonstrativo** se mostraram pouco produtivas nos *corpora*, principalmente quando se trata de um antecedente [+específico] (fato verificado após o cruzamento das formas variantes com a especificidade do antecedente). Por essa razão é que se estabelece o contraste entre o **OD nulo** e o preenchimento por um **clítico** (forma altamente produtiva no **EA** e no **EE**).

Gráfico 15 – Frequência de uso de OD(SN) nulo vs OD(SN) preenchido em relação à especificidade do antecedente

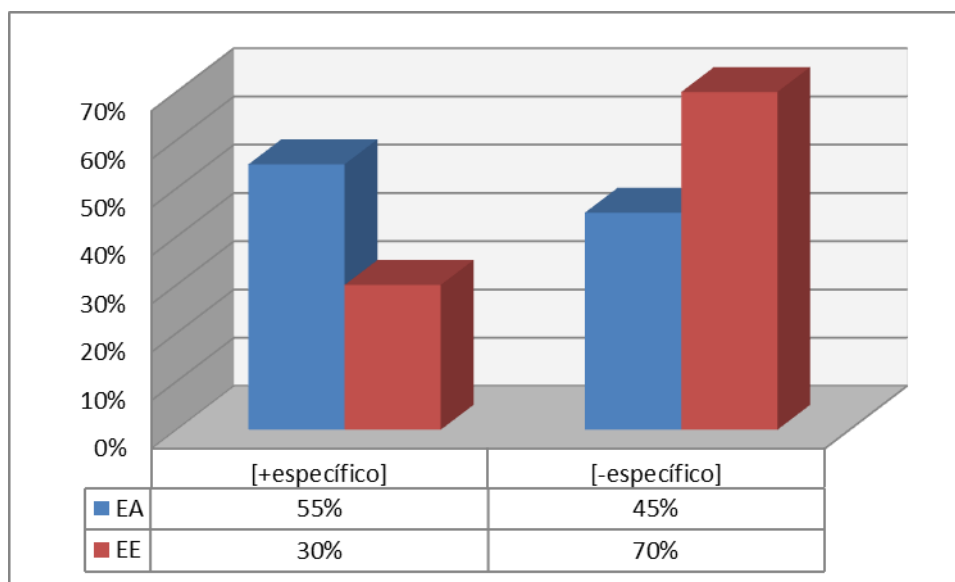


Pelo disposto nesse gráfico, o que se verifica é um equilíbrio nos índices tanto de **OD nulo** quanto de **OD pronominal** de ambas as variedades. Apresentando o antecedente o traço [+específico], a frequência para o **OD nulo** é de **8%** no **EA** e de **7%** no **EE**, passando, respectivamente, a **92%** e **93%** caso o **OD** se realize por meio de uma forma pronominal (**clítico**). Já para os casos em que o antecedente apresenta o traço [-específico], os índices apresentados apontam, no **EA**, para uma frequência de **13%** de **OD nulo** e de **87%** de **OD pronominal**, ao passo que, no **EE**, essa frequência é de, respectivamente, **18%** e **82%**.

Comparando as frequências apresentadas por ambas as variedades, é possível verificar, em relação ao traço [-específico] do antecedente, um aumento (moderado no **EA** e mais significativo no **EE**) na frequência do **OD nulo** e, conseqüentemente, uma redução na frequência do **OD pronominal**.

Visando, então, a observar o quão significativo se mostra esse grupo de fatores na realização do **OD nulo**, é que o **gráfico 16** (abaixo) apresenta a frequência dessa forma variante em relação à especificidade do antecedente.

Gráfico 16 – Frequência de OD(SN) nulo no EA e no EE, considerando a especificidade do antecedente



Da forma como se apresentam os resultados, é possível perceber, em relação ao **EA**, certo equilíbrio na frequência do **OD nulo**, independentemente de o antecedente apresentar o traço [\pm específico]. Assim, tem-se um índice de **55%**, com antecedente [+específico], e de **45%**, com antecedente [-específico]. Ainda que haja uma diferença de **10%**, ambos os índices se mostram muito próximos dos **50%**, revelando que, apesar da pouca produtividade dessa forma variante, sua distribuição se faz de forma semelhante com antecedente [\pm específico].

No entanto, ao serem observados os índices do **EE**, esse equilíbrio não se mantém. O que se nota é um favorecimento do traço [-específico] antecedente à realização do **OD nulo**, uma vez que sua frequência é de **70%**, enquanto que apresentando o antecedente o traço [+específico], a frequência é significativamente inferior: **30%**. Essa frequência bruta confirma, para o **EE**, o que aponta o peso relativo, em cuja rodada foram selecionados dois grupos de fatores como estatisticamente relevantes para a realização do **OD nulo**, um deles sendo a especificidade do antecedente⁶⁸.

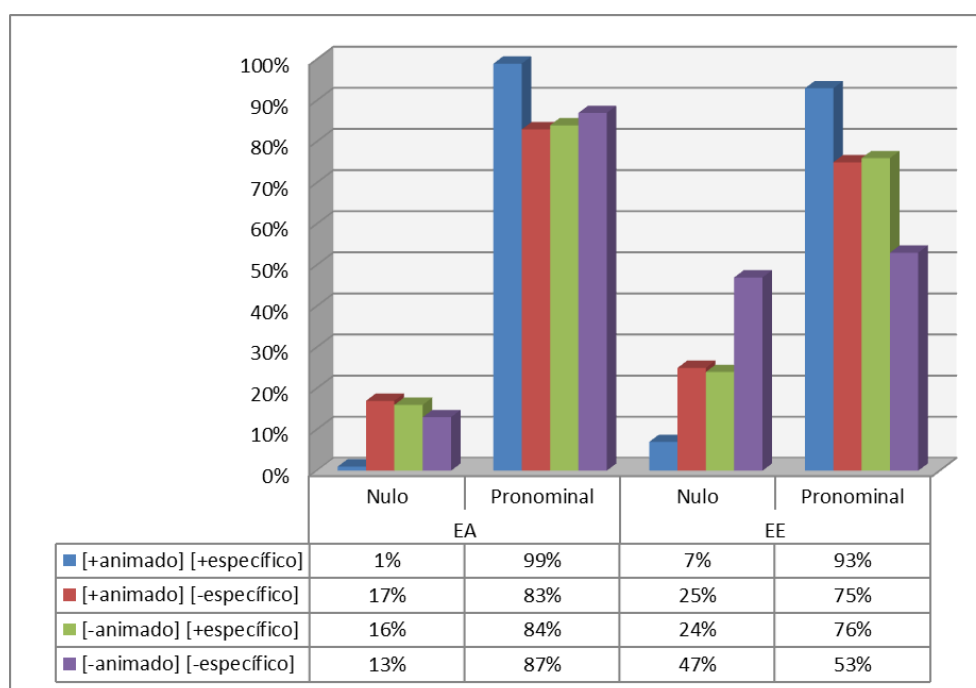
⁶⁸ O outro grupo selecionado, como se verá adiante, foi o **grau de transitividade da sentença**.

Sendo a variável dependente composta pelas variantes **OD nulo** e **OD pronominal**, o programa GoldVarb X apresentou peso relativo de **0.621** favorecendo o **OD nulo** quando o antecedente apresenta o traço [-específico] e, em contrapartida, o peso relativo de **0.387** desfavorecendo o **OD nulo** quando o antecedente apresenta o traço [+específico].

Esses resultados confirmam (ainda que parcialmente, dado o fato de haverem sido encontradas ocorrências de **OD nulo** com antecedente [+específico]) a afirmação que fazem Campos (1986) e Groppi (1997) sobre o **OD nulo** no espanhol. Trata-se de uma variante cuja realização está vinculada a casos em que o referente apresenta-se como indefinido/não específico⁶⁹.

Considerando a relação entre os grupos de fatores semânticos **animacidade** e **especificidade** do antecedente, dispõem-se, no **gráfico 17**, os resultados desse cruzamento.

Gráfico 17 – Frequência de uso de OD(SN) nulo vs OD(SN) pronominal no EA e no EE a partir do cruzamento entre animacidade e especificidade do antecedente



Atentando para os índices de **OD(SN)** com antecedente [+animado/+específico], o que se nota, em ambas as variedades, é que este se constitui em um contexto favorável à variante **OD pronominal** (no **EA**, os **99%**

⁶⁹ Campos (1986) faz menção apenas ao traço [-definido] do antecedente.

apontam para uma frequência quase categórica e, no **EE**, a frequência, também bastante elevada, é de **93%**).

Em relação aos traços [+animado/-específico] e [-animado/+específico], os índices percentuais de ambas as variedades apontam para o favorecimento à realização do **OD(SN) pronominal**. É possível, ainda, perceber um equilíbrio nos índices percentuais apresentados em cada variedade. Isso pelo fato de que o **EA**, para o **OD nulo**, apresenta uma frequência de **17%** para os casos do primeiro grupo e de **16%**, para os do segundo. No caso do **EE**, essa frequência é de **25%**, apresentando o antecedente os traços [+animado/-específico], e de **24%**, para os casos em que o antecedente apresenta os traços [-animado/+específico].

Chama-nos, porém, a atenção a diferença apresentada nos índices se comparada uma variedade à outra. Em ambos os contextos, a frequência de **OD nulo** no **EE** supera em **8%** a frequência dessa variante no **EA**.

No entanto, é o contexto em que o antecedente possui os traços [-animado/-específico] que apresenta uma distinção mais acentuada. Observando apenas o **EA**, é possível perceber que não há uma distância percentual tão acentuada em relação aos outros dois contextos anteriores, seja em relação ao **OD nulo**, seja em relação à forma **pronominal**. Porém, se comparadas essas duas formas variantes, observa-se uma diferença percentual de **68%** a favor da forma **pronominal**, constituindo-se, pois, em contexto que favorece sua realização.

Já no que se refere ao **EE**, nota-se a existência de um equilíbrio nos índices percentuais das duas formas variantes em questão: **47%** de **OD nulo** e **53%** de **pronominal**. É neste contexto, com antecedente [-animado/-específico], considerando os índices de ambas as variedades, que se tem o maior índice de **OD nulo**. Contudo, a frequência dessa variante do **OD(SN)** não supera os **70%** identificados em contextos em que o antecedente apresenta o traço [-específico] (conforme **gráfico 16**). Dessa forma, é possível pensar que há, quando combinados os dois parâmetros, uma pontencialização do favorecimento da ocorrência de **OD nulo** no **EE**.

Feitas essas considerações acerca dos traços semânticos do antecedente, passa-se, então, à discussão centrada em outro grupo de fatores: a **estrutura sintática**.

3.2.1.1.3 A relevância do condicionamento sintático

Seguindo os procedimentos de análise aplicados às variedades do português também em relação às variedades do espanhol, outro grupo de fatores considerado na análise dos dados é o contexto sintático em que ocorre o **OD(SN)**. Os resultados obtidos do cruzamento entre as formas variantes do **OD(SN)** aqui consideradas e a estrutura sintática em que é projetado esse fenômeno sintático, nas variedades do espanhol, mostram-se distribuídos na **tabela 13**, abaixo. Dada a baixa ocorrência de **SN pleno**, **SN com determinante modificado** e **demonstrativo**, essas variantes foram reunidas, na tabela abaixo, na variante denominada **SNs**.

Tabela 13 - Resultados de frequência das variantes de OD(SN) no EA e no EE em função da estrutura sintática

| Estrutura sintática | | Variantes | | | | | | Total |
|---------------------|----|-----------|------|---------|-----|--------|-----|-------|
| | | Nulo | | Clítico | | SNs | | |
| | | Quant. | % | Quant. | % | Quant. | % | |
| OD | EA | 21 | 7,5 | 233 | 85 | 19 | 7,5 | 273 |
| | EE | 31 | 11,5 | 219 | 80 | 23 | 8,5 | 273 |
| OD + Pred. | EA | 03 | 20 | 11 | 73 | 01 | 7 | 15 |
| | EE | 02 | 9 | 19 | 86 | 01 | 5 | 22 |
| OD + OI (SN) | EA | 07 | 19 | 27 | 75 | 02 | 6 | 36 |
| | EE | 07 | 14 | 38 | 76 | 05 | 10 | 50 |
| OD + Or. | EA | -- | -- | 04 | 100 | -- | -- | 04 |
| | EE | -- | -- | 02 | 100 | -- | -- | 02 |

Os resultados dispostos na tabela acima permitem verificar, num primeiro momento, que, independentemente da estrutura sintática em que se realiza o **OD(SN)**, a variante mais frequente é o **clítico**.

Observando, agora, detalhadamente cada tipo de estrutura, na estrutura simples, em que há apenas a projeção de **OD(SN)** (cf. (127) e (128)), a exemplo do que ocorre nas duas variedades do português, está concentrada a maioria das ocorrências, em ambas as variedades do espanhol (**273** casos tanto no **EA** quanto no **EE**), sendo a variante preferida pelos falantes para a realização do **OD(SN)** o **clítico**, cuja frequência é de **85%** no **EA** e de **80%** no **EE**. Ainda em relação a esse tipo de estrutura, verifica-se, no **EA**, uma frequência de **7,5%** de **OD nulo** e de **SNs**. Já no **EE**, a frequência dessas formas variantes é de, respectivamente, **11,5%** e **8,5%**.

(127)Yo **la** conocí [Madonna] ya hace un año y pico, más o menos un año.
(AG.M.14.03)

(128)lo normal es que cuando un hace una representación quiere saber la crítica de la gente que **la** ha visto. (EE.F.15.4)

O tipo de estrutura em que se tem o segundo maior número de ocorrências é **OD+OI(SN)** (cf. (129) e (130)), sendo **36** casos no **EA** e **50**, no **EE**. Sendo o **OD** realizado por um **clítico**, a frequência registrada se mostra bem equilibrada nas duas variedades do espanhol: **75%** e **76**, no **EA** e no **EE**, respectivamente. No entanto, observando a frequência das outras duas variantes apresentadas na tabela acima, nota-se uma pequena diferença percentual: para o uso de **OD nulo**, a frequência no **EA** é de **19%**, superando os **14%** apresentados pelo **EE**; já quando se dá a realização por meio de **SNs**, a frequência apresentada pelo **EE (10%)** supera a apresentada pelo **EA (6%)**.

(129)C.T. - a pesar que no podemos darle una alegría a la gente argentina, yo creo que... S.G. - No, nos **la** dieron igual. (EA.F.03.05)

(130)es mi mejor amigo, vive conmigo en casa y es... es fotógrafo, y es él que me hace las fotos... [...] Eh, bueno, somos compañeros de piso y de repente me... ponte así con el albornoz y tiramos las fotos. Y las tiramos en los Estados Unidos, ostia. [...] Y se **las** enviamos a Sonic (EE.M.05.4)

Para as estruturas do tipo **OD+Predicativo** (cf. (131) e (132)), foram registradas **15** ocorrências no **EA** e **22** no **EE**. Em relação ao uso do **clítico** como forma correferente do **OD(SN)**, o equilíbrio verificado nas duas estruturas anteriormente apresentadas, não se verifica aqui, uma vez que o índice de **86%** do **EE** supera consideravelmente os **73%** do **EA**. De forma inversa, em relação ao uso de **OD nulo** nesse tipo de estrutura, é o **EA** que apresentará um índice percentual maior: **20%**, contra apenas **9%** do **EE**. Sendo o **OD(SN)** realizado por **SNs**, esse índice se mostra bastante próximo: **7%** no **EA** e **5%** no **EE**.

(131)Otra lección es la serenidad del propio equipo, ¿no? No sé si llamarlo modestia, porque también tienes que estar orgulloso (EE.M.13.2)

(132) ¿Tenemos más tape para Juan? Ah, míra, míralo ahí, mi amor. Si quieres, míralo ahí, Juan. A ver. **Lo** vemos entero. Es aquél... Ahí está.
(EA.F.20.04)

Estruturas do tipo **OD+Oração** (cf. (133) e (134)) se mostraram, nos *corpora*, muito pouco produtivas, sendo verificados apenas **04** casos no **EA** e **02** no **EE**, todos **clíticos**. Vale ressaltar que em todos os casos em que se teve esse tipo de estrutura a oração que seguia o **OD(SN)** era infinitiva.

(133)[Andrea] Era chiquita. Y la conocí de mucho más chiquita todavía. **La** vi a crecer como los... ¿viste los pavos de navidad? (EA.M.02.04)

(134)Y fue increíble porque la niña, bueno, ni la niña ni todos de la aldea habían visto en su vida una cámara y... y... y... ni todas estas cosas que se llevan para rodar. Y... y... pero **la** veías trabajar y es como lo hubiera hecho toda la vida (EE.F.12.2)

Landa (1993 e 1995), estudando o espanhol falado no País Basco, verificou, a exemplo do que ocorre na variedade do espanhol falado em Quito, que naquela variedade a realização do **objeto nulo** tendo um antecedente [+definido] é aceitável e seu contexto de maior frequência é o das construções bitransitivas (cf. exemplificado em (17) pela autora, aqui transcrito em (135)). Acrescenta, ainda, que, em situações como essa, a presença do clítico que assume a função de objeto indireto “hace que contextos ‘dudosos’ o inaceptables sean aceptables”⁷⁰ (cf. exemplificado em (18) e (19) pela autora, aqui transcrito em (136) e em (137)) (LANDA, 1993, p. 139).

(135) También tengo las fotos_i del bote de J., pero están muy desenfocadas, así que no os= \emptyset _i=mando e_i. Los padres de J. quieren que les= \emptyset _i=mandemos e_i, aunque estén desenfocadas, así que me imagino que J. les= \emptyset _i=mandará e_i.

(136)a. ¿Presentó Carlos [a su novia]_i en la fiesta?

b. *¿Sí, \emptyset =presentó e_i con mucho desparpajo.

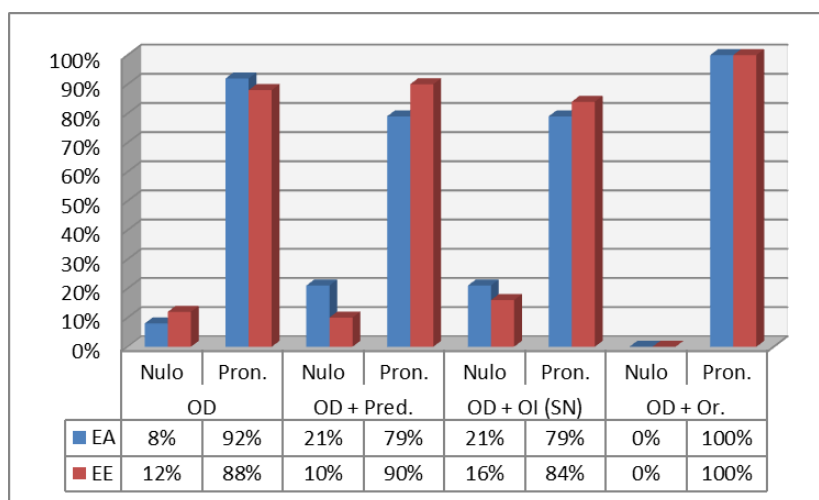
⁷⁰ “Faz com que contextos ‘duvidosos’ ou inaceitáveis sejam aceitáveis”.

(137)a. ¿Les presentó Carlos [su novia]_i a sus padres?

b. ¿Sí, sí les= \emptyset _i presentó e_i.

No intuito de verificar se nos *corpora* aqui constituídos essa afirmação se confirma, foi verificada a frequência do **OD(SN)** (conforme **gráfico 18**), contrastando sua realização por meio do **OD nulo** e **pronominal**.

Gráfico 18 – Frequência de uso de OD(SN) nulo vs OD(SN) pronominal no EA e no EE, a partir da estrutura sintática



Os índices apresentados no gráfico acima, sobretudo em relação ao **OD nulo**, permitem verificar que, apesar de sua baixa frequência, é em estruturas bitransitivas (**OD+OI**) que se tem o maior índice percentual: **21%** no **EA** (mesmo índice apresentado quando se a estrutura é do tipo **OD+Predicativo**) e **16%** no **EE**. No entanto, ainda que não seja possível dizer seguramente que esses índices confirmam a afirmação de Landa (1993 e 1995) – dada a baixa frequência nos *corpora* e, sobretudo, o fato de não terem sido obtidos os resultados apresentados no gráfico acima em relação ao traço [\pm definido] do antecedente –, é possível tomar esses índices como um indicativo de que estruturas bitransitivas podem ser relevantes no uso do **OD nulo** em outras variedades do espanhol, além da falada no País Basco.

Passa-se, agora, à verificação de outro grupo de fatores considerado neste estudo: a topicalização (ou não) do antecedente.

3.2.1.1.4 A topicalização (ou não) do antecedente

Seguindo a mesma linha de análise aplicada aos *corpora* do português, também aos dados das variedades do espanhol foi considerado o grupo de fatores topicalização (ou não) do antecedente.

Os resultados obtidos para esse grupo de fatores estão distribuídos na **tabela 14**, abaixo.

Tabela 14 – Resultados de frequência das variantes de OD(SN) no EA e no EE em função da topicalização (ou não) do antecedente

| Variantes | Topicalizado | | | | Não topicalizado | | | |
|------------------------------|--------------|----|--------|-----|------------------|-----|--------|------|
| | EA | | EE | | EA | | EE | |
| | Quant. | % | Quant. | % | Quant. | % | Quant. | % |
| Nulo | 02 | 8 | 04 | 9,5 | 29 | 10 | 36 | 11,5 |
| Clítico | 24 | 92 | 38 | 88 | 251 | 83 | 240 | 79 |
| SN Pleno | -- | -- | -- | -- | 19 | 6 | 18 | 6 |
| SN c/ det. Modificado | -- | -- | 01 | 2,5 | 02 | 0,7 | 06 | 2 |
| Demonstrativo | -- | -- | -- | -- | 01 | 0,3 | 04 | 1,5 |
| TOTAL | 26 | -- | 43 | -- | 302 | -- | 304 | -- |

Os resultados apresentados na tabela acima conduzem-nos à percepção de que, embora a variante **clítico** se mostre mais produtiva em ambas as variedades do espanhol, estando o referente do **OD(SN)** topicalizado ou não, com o referente em posição de tópico os índices (**92% no EA e 88% no EE**) são superiores aos de quando o antecedente não se encontra topicalizado (**83% no EA e 79% no EE**). Em contrapartida, a não topicalização do referente revela, conforme os resultados, uma discreta superioridade na frequência do **OD nulo** (**10% no EA e 11,5% no EE**) que quando o referente está em posição de tópico (**8% no EA e 9,5% no EE**).

Vale, ainda, ressaltar a baixa produtividade de **SNs** (**SN pleno, SN com determinante modificado e demonstrativo**) funcionando sintaticamente como **OD** com o referente topicalizado, em ambas as variedades. Essa frequência aumenta (embora não supere o índice de **OD nulo**), tanto no **EA** quanto no **EE**, se o antecedente não se encontra em posição de tópico (**7% na primeira variedade e 9,5%, na segunda**).

Campos (1986, p. 356), em nota, afirma que a topicalização do sujeito sentencial torna gramatical o **OD nulo**. Tal afirmação se faz levando em consideração os exemplos abaixo, transcritos (e adaptados) do referido trabalho:

(138)a. Pepe necessita gafas?

‘Pepe precisa de óculos?’

b. *[Que necessita e] es obvio. / Es obvio [que necessita e].

‘[Que necessita e] é óbvio.’

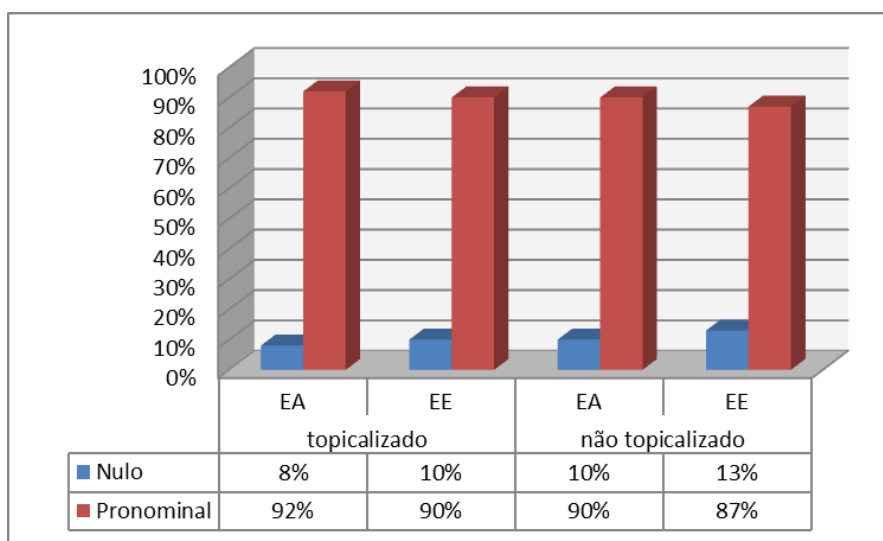
c. *[Que necesite e] es extraño. / Es extraño [que necesite e].

‘[Que necesite e] es extraño

Campos (1986) afirma que as sentenças agramaticais deixam de sê-lo “if the sentential subject is topicalized”⁷¹, fato que leva o linguista a assumir que as sentenças gramaticais “are the source of the topicalized sentences”⁷².

No entanto, esse fato apontado por Campos (1986) parece não se mostrar significativo na geração de **OD nulo** nos casos em que o referente do **OD(SN)** é que se encontra em posição de tópico. Para tanto, veja-se o **gráfico 19**, a seguir.

Gráfico 19 – Frequência de uso de OD(SN) nulo vs OD(SN) pronominal no EA e no EE considerando a topicalização (ou não) do antecedente



Considerando apenas os casos em que a realização do **OD(SN)** se faz por meio das variantes **pronominal (clítico)** ou **nulo**, os resultados apresentados no gráfico acima revelam, em relação a ambas as variantes e a ambas as variedades, um equilíbrio na frequência de **OD nulo**, esteja o antecedente topicalizado (**8%** e **10%**, no **EA** e no **EE**, respectivamente) ou não (**10%**, no **EA**, e **13%**, no **EE**). Semelhante equilíbrio se nota ao se considerar a realização do **OD(SN)** por uma

⁷¹ “Se o sujeito sentencial estiver topicalizado”.

⁷² “São fontes das sentenças topicalizadas”.

forma pronominal: os índices apontam para uma frequência de **92%**, no **EA**, e **90%** no **EE**, estando o referente topicalizado; e **90%**, no **EA**, e **87%**, no **EE**, se o referente não estiver topicalizado.

Analisa-se, na sequência, a relevância do grau de transitividade da sentença para a expressão do **OD(SN)**.

3.2.1.1.5 Relação entre OD(SN) anafórico e grau de transitividade

Verificando, agora, os dados referentes às variedades do espanhol aqui consideradas à luz do grau de transitividade da sentença em que está inserido o **OD(SN)**, os resultados estão apresentados nas **tabelas 15** (referente ao **EA**) e **16** (referente ao **EE**). Vale ressaltar, porém, que, dada a baixa frequência, as variantes **SN pleno**, **SN com determinante modificado** e **demonstrativo**, consideradas nos resultados gerais, têm suas frequências reunidas na variante **SNs**.

Tabela 15 – Resultados de frequência das variantes de OD(SN) no EA em função do grau de transitividade da sentença

| Grau de transitividade | Variantes - EA | | | | | | Total |
|------------------------|----------------|------|---------|-----|--------|-----|-------|
| | Nulo | | Clítico | | SNs | | |
| | Quant. | % | Quant. | % | Quant. | % | |
| 04 | -- | -- | 05 | 100 | -- | -- | 05 |
| 05 | 02 | 22 | 06 | 67 | 01 | 11 | 09 |
| 06 | 03 | 5 | 48 | 86 | 05 | 9 | 56 |
| 07 | 16 | 17,5 | 69 | 75 | 07 | 7,5 | 92 |
| 08 | 05 | 5,5 | 82 | 88 | 06 | 6,5 | 93 |
| 09 | 05 | 8,5 | 52 | 88 | 02 | 3,5 | 59 |
| 10 | -- | -- | 13 | 93 | 01 | 7 | 14 |

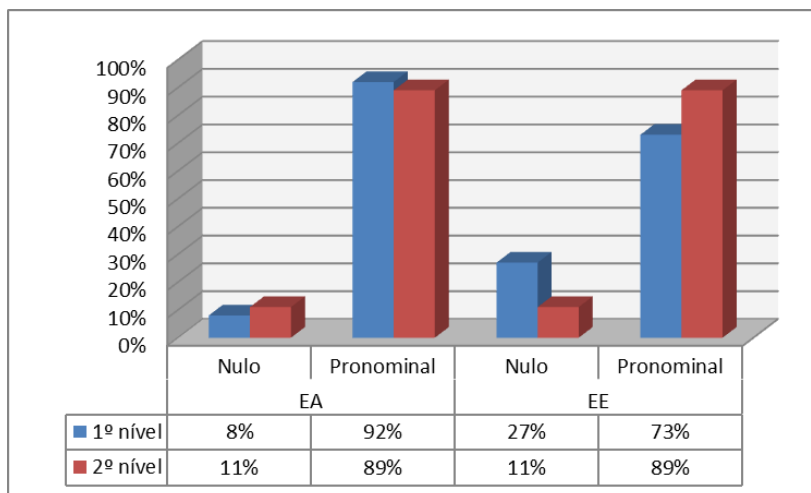
Tabela 16 – Resultados de frequência das variantes de OD(SN) no EE em função do grau de transitividade da sentença

| Grau de transitividade | Variantes - EE | | | | | | Total |
|------------------------|----------------|------|---------|------|--------|------|-------|
| | Nulo | | Clítico | | SNs | | |
| | Quant. | % | Quant. | % | Quant. | % | |
| 04 | -- | -- | 01 | 100 | -- | -- | 01 |
| 05 | 02 | 33 | 04 | 67 | -- | -- | 06 |
| 06 | 07 | 27 | 19 | 73 | -- | -- | 26 |
| 07 | 14 | 14 | 80 | 78 | 08 | 8 | 102 |
| 08 | 10 | 8 | 101 | 82,5 | 11 | 9,5 | 122 |
| 09 | 04 | 6 | 55 | 83 | 07 | 11 | 66 |
| 10 | 03 | 12,5 | 18 | 75 | 03 | 12,5 | 24 |

Conforme apresentados nas tabelas acima, os resultados permitem perceber que a variante **clítico**, em ambas as variedades, se mostra com frequência majoritária independentemente do grau de transitividade. É possível, ainda, verificar a existência de algumas células vazias, assim como a baixa ocorrência de dados em alguns graus: no **EA**, a maioria das ocorrências está concentrada nos graus **06**, **07**, **08** e **09**, e no **EE**, nos graus **07**, **08** e **09**. Por essa razão, a análise dos dados, a exemplo do procedimento aplicado às variedades do português, será conduzida a partir da junção dos graus de transitividade em dois níveis: o primeiro, compreendendo os graus **04**, **05** e **06** e o segundo, os graus **07**, **08**, **09** e **10**, estabelecendo, sobretudo, um contraste em o **OD nulo** e **pronominal (clítico)**, conforme **gráfico 20**, apresentado a seguir.

Vale ressaltar, porém, que, conforme se observa nas tabelas acima, a variante **SNs** se mostra pouco produtiva, fato que nos levou a não incluí-la neste gráfico.

Gráfico 20 – Frequência de uso de OD(SN) nulo vs OD(SN) pronominal no EA e no EE considerando o nível de transitividade verbal



Pelos índices apresentados no gráfico acima, é possível perceber, de imediato, que as variantes **nulo** e **pronominal** não apresentam o mesmo comportamento em ambas as variedades, ainda que a frequência de **OD pronominal** seja majoritária tanto no **EA** quanto no **EE**, independentemente do nível de transitividade em que o **OD(SN)** ocorre.

Verificando, primeiramente, as frequências apresentadas no **EA**, identifica-se um equilíbrio nos índices das variantes, se comparados os níveis em que ocorrem: no **OD nulo**, tem-se uma frequência de **8%** no **1º nível** e de **11%**, no **2º**, enquanto que, para o **OD pronominal**, as frequências são de **92%** e **89%**, nos **1º** e **2º** níveis, respectivamente. Esses índices se mostram bastante próximos dos identificados nos resultados gerais (se se considerarem apenas essas duas variantes): **10%** de **OD nulo** e **90%** de **OD pronominal**. Nesse sentido, o grau de transitividade da sentença em que se realiza o **OD(SN)**, nessa variedade do espanhol, parece não exercer influência no uso do **OD nulo** pelos falantes.

No entanto, ao voltarmos os olhos para os resultados do **EE**, nota-se um comportamento diferente entre os níveis de transitividade, não se refletindo o mesmo equilíbrio verificado na outra variedade linguística. Os índices de **OD nulo** se mostram com uma superioridade percentual significativa no **1º nível (27%, contra 11% no 2º nível)**. Em contrapartida, a frequência de **OD pronominal** identificada no **2º nível (89%)** supera a frequência do **1º nível (73%)**. Em relação aos índices do **2º nível**, vale dizer que, de um lado, são idênticos aos apresentados pelo **EA** e, de outro lado, se assemelham ao identificados nos resultados gerais (se consideradas

apenas as duas variantes aqui em questão): **13%** de **OD nulo** e **87%** de **OD pronominal**.

Se os índices do **2º nível** se assemelham aos dos resultados gerais, o mesmo não se pode dizer em relação aos índices do **1º nível**. Estes se distanciam em **14%** ao se considerar o **nível de transitividade**: o **OD nulo**, superando os índices dos resultados gerais e o **OD pronominal**, com uma frequência inferior.

Esses resultados confirmam os pesos relativos apresentados pelo programa GoldVarb X, uma vez que para o **EE** esse foi outro grupo de fatores selecionado como estatisticamente relevante para a realização do **OD nulo**. Sendo a variável dependente composta pelas variantes **OD nulo** e **OD pronominal**, o programa apresentou peso relativo de **0.698** para o **1º nível de transitividade**, favorecendo o **OD nulo** e, em contrapartida, o peso relativo de **0.479** desfavorecendo o **OD nulo** quando se trata do **2º nível de transitividade**.

Ainda que não faça referência à oposição **OD nulo vs OD pronominal**, Fernández-Ordóñez (1999, p. 1366), discutindo a organização do sistema pronominal átono no **EE** (mais especificamente os fenômenos denominados *leísmo*, *laísmo* e *loísmo*), afirma que

“la difusión del sistema referencial se vio favorecida en aquellas construcciones cuyo grado de transitividad era menor desde el punto de vista estructural y más elevado desde el punto de vista de la denotación del objeto, ya que los participantes definidos, animados y contables dan lugar a estructuras más transitivas que aquellas cuyos participantes son inespecíficos, inanimados y continuos”⁷³.

Tal consideração nos assegura pensar que, pelo menos no **EE**, o grau de transitividade da sentença pode ser um fator relevante não para entender a variação no uso dos clíticos (**la**, **lo** e **le**) pelos falantes desta variedade, como também para compreender o fenômeno do **OD nulo** (embora pouco frequente).

Feitas essas considerações acerca do **grau de transitividade**, passa-se à observação do fenômeno em estudo em relação à variável extralinguística **sexo/gênero dos informantes**.

⁷³ “A difusão do sistema referencial se viu favorecida naquelas construções cujo grau de transitividade era menor do ponto de vista estrutural e mais elevado do ponto de vista da denotação do objeto, já que os participantes definidos, animados e contáveis dão lugar a estruturas mais transitivas que aquelas cujos participantes são inespecíficos, inanimados e contínuos.”

3.2.1.1.6 Verificação dos dados em relação à variável sexo/gênero dos informantes

Voltando a atenção à distribuição dos dados em relação ao sexo/gênero do falante, os resultados se mostram distribuídos na **tabela 17**, abaixo.

Tabela 17 – Resultados de frequência das variantes de OD(SN) no EA e no EE em função do sexo/gênero dos informantes

| Variantes | EA | | | | EE | | | |
|--------------------------|-----------|------|----------|-----|-----------|----|----------|------|
| | Masculino | | Feminino | | Masculino | | Feminino | |
| | Quant. | % | Quant. | % | Quant. | % | Quant. | % |
| Nulo | 11 | 12,5 | 20 | 8 | 24 | 10 | 16 | 14,5 |
| Pronominal | 74 | 83 | 201 | 84 | 193 | 81 | 85 | 78 |
| SN Pleno | 4 | 4,5 | 15 | 6,5 | 13 | 5 | 05 | 4,5 |
| SN c/ Det. Modif. | -- | -- | 02 | 1 | 04 | 2 | 03 | 3 |
| Demonstrativo | -- | -- | 1 | 0,5 | 04 | 2 | -- | -- |
| Total | 89 | -- | 239 | -- | 238 | -- | 109 | -- |

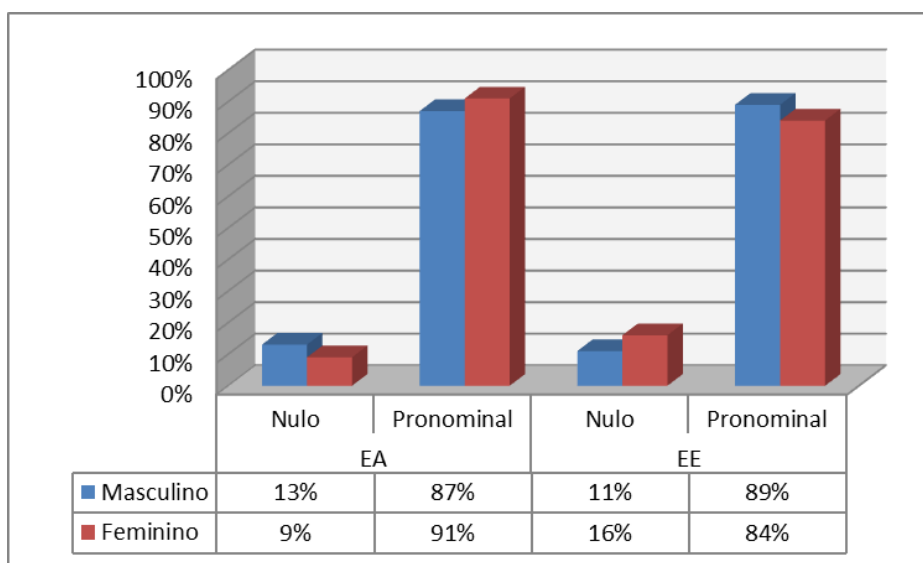
Pelos resultados apresentados na tabela acima, é possível perceber, em relação ao **EA**, um equilíbrio nos índices percentuais de falantes de ambos os sexos/gêneros, quando o **OD(SN)** se realiza por meio de uma forma pronominal (**clítico**): **83%** na fala de informantes masculinos e **84%** na de informantes femininos. No entanto, em relação às outras formas variantes (compreendendo aqui a soma da frequência de **SN pleno**, **SN com determinante modificado** e **demonstrativo** como uma só variante - **SNs**), é possível observar uma diferença (ainda que pequena) se comparados os índices percentuais. De um lado, a frequência de **OD nulo** se mostra superior na fala de homens (**12,5%**) que na de mulheres (**8%**); de outro, é na fala de informantes do sexo/gênero feminino que a frequência de **SNs** se mostra superior: **8%**, representando quase o dobro da frequência obtida na fala de informantes do sexo/gênero masculino (**4,5%**).

Em relação ao **EE**, também se verifica um equilíbrio na frequência quando o **OD(SN)** é realizado por forma pronominal (**clítico**), embora com uma diferença percentual um pouco maior que a verificada no **EA**: na fala de homens, a frequência é de **81%** e, na de mulheres, de **78%**. Também se nota um equilíbrio na frequência da variante **SNs**, diferentemente da outra variedade do espanhol: **9%** na fala de informantes masculinos e **7,5%**, na de informantes femininos. No entanto, no tocante à realização do **OD nulo**, a diferença percentual apresenta no **EE** é idêntica à

apresentada no **EA**, só há uma inversão: a frequência na fala de informantes do sexo/gênero feminino (**14,5%**) é que supera a de informantes do sexo/gênero masculino (**10%**).

Procurando detalhar um pouco mais a análise, o **gráfico 21**, apresentado logo abaixo, permite-nos estabelecer um contraste entre os índices considerando apenas a realização do **OD(SN) nulo e pronominal**.

Gráfico 21 – Frequência de uso de OD(SN) nulo vs OD(SN) pronominal no EA e no EE considerando o sexo/gênero do informante



Tal como se apresentam no gráfico, chama-nos a atenção a frequência obtida na fala de informantes do sexo/gênero feminino, uma vez que se nota aí uma significativa diferença nos índices apresentados. Apesar da baixa frequência de **OD nulo** (em ambas as variedades), no **EE** o índice na fala de informantes femininos (**16%**) supera em **7%** o índice de informantes desse mesmo sexo/gênero no **EA** (**9%**). Em contrapartida, a variante **pronominal** apresenta frequência maior entre informantes do sexo/gênero feminino do **EA** (**91%**) que do **EE** (**84%**).

Já no que diz respeito às frequências referentes à fala de informantes do sexo/gênero masculino, comparadas as duas variedades linguísticas, os índices apontam para um equilíbrio tanto no uso de **OD nulo** quanto no de **OD pronominal**.

Vale, ainda, ressaltar que os resultados apresentados no gráfico acima se assemelham, tanto no **EA** quanto no **EE**, aos resultados gerais, independente do sexo/gênero do informante. Nesta variedade, a frequência, nos resultados gerais, é de **13%** de **OD nulo** e **87%** de **pronominal**, enquanto que naquela variedade, os

resultados gerais apontam para uma frequência de **90%** de **OD pronominal** e **10%** de **OD nulo**⁷⁴.

3.2.2 Objeto direto com antecedente oracional (OD(or)) – análise dos resultados

A exemplo do procedimento adotado para as variedades do português, também no espanhol os dados de **OD com antecedente oracional (OD(or))** serão tratados separadamente. Nesse sentido, é apresentada, a seguir, a análise dos dados de **OD(or)** que compõem os *corpora* das variedades do espanhol.

3.2.2.1 Objeto direto com antecedente oracional (OD(Or)): resultados gerais

Pela **tabela 18**, abaixo, é possível ter uma visão geral da distribuição das variantes do **OD(or)** nas variedades do espanhol consideradas neste estudo.

Tabela 18- Resultados gerais para a realização das variantes de OD(Or) no EA e no EE

| Variantes | VARIEDADES | | | |
|-----------------------|------------|-----|--------|-----|
| | EA | | EE | |
| | Quant. | % | Quant. | % |
| Nulo | 35 | 34 | 24 | 15 |
| Clítico | 57 | 55 | 130 | 80 |
| Sintagma Pleno | 02 | 2 | 01 | 0,5 |
| Demonstrativo | 09 | 9 | 07 | 4,5 |
| TOTAL | 103 | 100 | 162 | 100 |

Tal como apresentados na tabela acima, os índices revelam, a exemplo do que se verificou para o **OD(SN)**, uma frequência majoritária da variante **clítico** (cf. **(139)** e **(140)**) também em contextos em que o antecedente do **OD** é uma oração: **55%**, no **EA** e **80%** no **EE**.

(139) Mi madre fue padre y madre. [...] Como soy yo hoy, ¿no? [...] padre y madre. Por eso el día del padre tengo que festejar, me **lo** digo a Isabelita. (EA.F.12.02)

⁷⁴ Os resultados gerais aqui apresentados, tanto para o **EA**, quanto para o **EE**, foram obtidos considerando apenas as ocorrências dessas duas formas variantes.

(140) Por cierto, me han mandao un mensaje, dice, dile que marque la semana que viene. Te **lo** digo también, por si puedes. (EE.M.13.4)

Ainda que nas duas variedades a maioria das ocorrências esteja concentrada nessa variante, a variedade argentina do espanhol apresenta uma frequência consideravelmente inferior à outra variedade do espanhol, o que significa, conforme os resultados, um aumento na frequência de **OD(or) nulo**, cuja frequência, no **EA**, é de **34%**, representando mais que o dobro da frequência identificada para o **EE**: **15%**.

Em seu estudo sobre o objeto nulo no espanhol falado no País Basco, Landa (1993, p. 139) afirma que construções em que o antecedente do **OD** é uma oração ou uma frase verbal (conforme exemplos (22) e (23) apresentados pela linguista, aqui transcritos em (141) e (142)) constituem-se em contextos favoráveis à manifestação do **OD nulo**.

(141) La madre piensa [que H. va a aprobar todo en septiembre]; pero yo no \emptyset_i =creo e_i.

(142) R. está [usando esa excusa]; para que le presten más atención. Vosotros también tendríais que hacer= \emptyset_i .)

Verificando os índices apresentados nos resultados gerais para as variantes **nulo** e **clítico** e comparando-os às frequências gerais de **OD(SN)** dessas mesmas variantes⁷⁵, é possível considerar que o antecedente oracional do **OD** se mostra relevante na realização do **OD(or) nulo** no **EA**, uma vez que a frequência aqui identificada supera em **24,5%** a frequência de **OD(SN) nulo**. No entanto, pelo menos em relação ao *corpus* aqui representativo do **EE**, tal favorecimento não se verifica, uma vez que os índices de **OD nulo** com antecedente **oracional** e **SN** se mostram bastante próximos, havendo apenas **3,5%** de diferença entre a maior (**OD(or)**) e a menor frequência (**OD(SN)**).

Outras duas formas variantes identificadas nos *corpora* foram a realização do **OD(or)** por um **sintagma pleno** (cf. (143) e (144)) (variante menos produtiva) e por um **demonstrativo** (cf. (145) e (146)). Esta variante apresenta uma frequência de

⁷⁵ A frequência de **OD(SN) nulo** é de **9,5%** e **11%** e a de **OD(SN) clítico** é de **84%** e **80%**, no **EA** e no **EE**, respectivamente.

9% no EA e de 4,5% no EE, ao passo que aquela apresenta uma produtividade de 2% no EA e de apenas 0,5% no EE⁷⁶.

(143)S.G. - Vamos a andar en tren. Y vos... yo puedo andar en tren en Londres, pero vos... C.T. - Yo también puedo **andar en tren**. (EA.M.03.04)

(144)La frase de la tarde la han puesto los controladores, que han dicho: "nos hemos rendido, pero somos..." A mí que me perdonen, pero esto sí que pudiera ser una broma pues tiene..., después de todo tiene gracia, que diga: "somos muy caros". O sea, reconocéis **que sois muy caro**. (EE.F.17.2)

Apesar da baixa ocorrência de **demonstrativo** como forma de realização do **OD(or)** em ambas as variedades linguísticas, note-se que o percentual obtido pela variedade argentina do espanhol representa o dobro do obtido pela variedade europeia.

Ressalta-se, ainda, que esse se constitui em um contexto mais favorecedor do **demonstrativo** como forma de preenchimento do **OD**, uma vez que tendo um antecedente **SN** essa variante se mostrou bem menos produtiva (0,3%, no EA, e 1,5%, no EE).

Vejamos, agora, como se apresentam os resultados das formas variantes a partir do cruzamento com os grupos de fatores considerados.

3.2.2.2 Análise dos dados a partir dos grupos de fatores considerados

A exemplo da análise desenvolvida para as variedades do português aqui abordadas, para as variedades do espanhol também serão considerados, na análise do **OD(or)**, os mesmos grupo de fatores: **estrutura sintática** e **topicalização ou não do antecedente**, e **sexo/gênero dos informantes**, cujos resultados dos cruzamentos desenvolvidos estão apresentados a seguir.

⁷⁶ Dada a baixa produtividade da variante **sintagma pleno**, seus resultados não serão considerados nas tabelas e gráficos representativos dos resultados dos cruzamentos.

3.2.2.2.1 A relevância do condicionamento sintático

Os resultados obtidos a partir do cruzamento entre as formas variantes do **OD(or)** e a estrutura sintática, distribuídos na **tabela 19**, revelam que, tendo um antecedente oracional, apenas dois tipos de estruturas se mostraram produtivas nas variedades do espanhol: **OD(or)** (cf. (145) e (146)) e **OD(or)+OI(SN)** (cf. (147) e (148)).

(145) Está muy linda cuando baila en el caño. [...] Que **lo** aprendió... ¿Sabes dónde fue a aprenderlo? A Cocodrilo. (EA.F.13.05)

(146) él [Antonio Molina] no podía hablar de sus padres, yo contaba que... ala, pues que sería en los sesenta, sesenta y algo, en el teatro Cervantes. Un día, fueron tus abuelos a verlo y él no **lo** sabía. (EE.F.17.7)

(147) Claro. ¿Cómo es? Como... buenas cremas, por ejemplo. [...] ¿te ocurre a vos... tenés una gente en laboratoria que te las hace? No tengo idea. Por eso te pregunto \emptyset . (EA.M.24.01)

(148) Que es que sufro mucho. Sufro mucho con esto, te lo digo en serio. No he visto ni las [películas] de Amenabar ni nada. Se **lo** he dicho a él también. (EE.M.03.2)

Tabela 19 – Resultados de frequência das variantes de OD(Or) no EA e no EE em função da estrutura sintática

| Estrutura sintática | | Variantes | | | | | | Total |
|---------------------|----|-----------|------|---------|------|---------------|------|-------|
| | | Nulo | | Clítico | | Demonstrativo | | |
| | | Quant. | % | Quant. | % | Quant. | % | |
| OD (or) | EA | 23 | 36 | 37 | 58 | 04 | 06 | 64 |
| | EE | 17 | 16 | 86 | 80 | 04 | 04 | 107 |
| OD(or) + OI (SN) | EA | 12 | 32,5 | 20 | 54 | 05 | 13,5 | 37 |
| | EE | 07 | 13 | 44 | 81,5 | 03 | 5,5 | 54 |

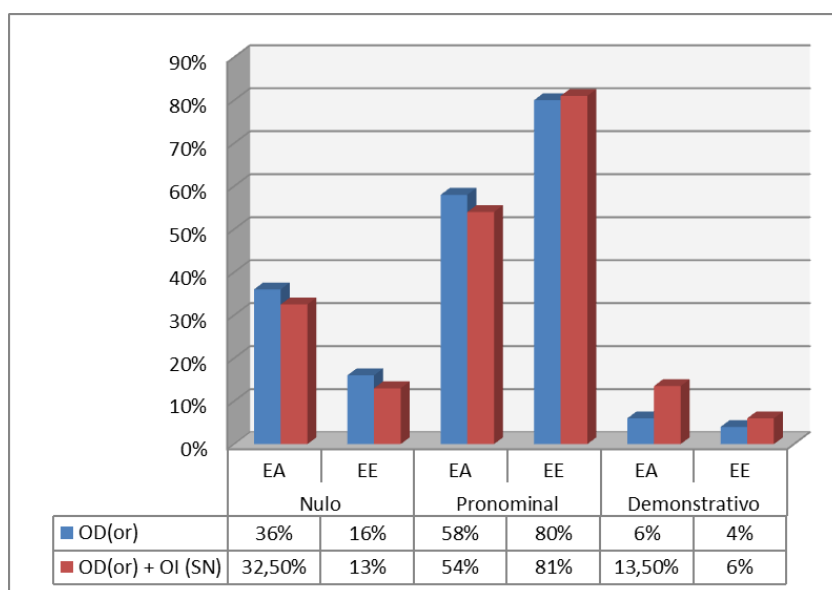
Observando, inicialmente, o número de ocorrências, nota-se que, tanto no **EA** quanto no **EE**, a maior parte dos dados encontra-se concentrada em estrutura simples (**OD(or)**). Nesse tipo de estrutura, ambas as variedades linguísticas apresentam como variante preferida pelos falantes na realização do **OD(or)** o **clítico**, cuja frequência, no **EA**, é de **58%** e, no **EE**, de **80%**. Na sequência, tem-se a

opção pelo **OD(or) nulo** (36% e 16%, respectivamente, **EA** e **EE**) e, apresentando a menor frequência, a variante **demonstrativo**, cuja frequência apresentada pelo **EA** e pelo **EE** é, respectivamente, de 6% e 4%.

Semelhante hierarquia se observa em relação aos casos em que o **OD(or)** se realiza em estrutura do tipo **OD(or)+OI(SN)**. A forma variante mais frequente tanto no **EA** (54%) quanto no **EE** (81,5%) é o **clítico**, seguido da variante **nulo**, com frequência de 32,5%, no **EA**, e de 13%, no **EE**, e, por fim, a variante **demonstrativo**, com índices de 13,5%, no **EA**, e 5,5%, no **EE**.

Para uma melhor comparação entre os resultados – tanto da ocorrência de uma forma variante em diferentes de estruturas sintáticas de uma mesma variedade linguística, quanto de uma variante em uma mesma estrutura sintática, porém variedade linguística diferente – veja o **gráfico 24**, logo na sequência.

Gráfico 24 – Distribuição do OD(or) no EA e no EE, considerando a estrutura sintática



Observando, inicialmente, a disposição dos resultados na vertical, é possível verificar (exceção feita às frequências da variante **demonstrativo** no **EA**) um equilíbrio entre os índices percentuais que cada variedade linguística apresenta para as formas variantes, em ambas as estruturas sintáticas.

No entanto, esse mesmo equilíbrio não é verificado se a comparação muda de sentido, ou seja, se os resultados passam a ser observados na horizontal, comparando, entre as variedades linguísticas, o resultado das formas variantes em função da estrutura sintática. Verifica-se, nesse sentido, que tanto em estrutura

simples (**OD(or)**) quanto em estrutura do tipo **OD(or)+OI(SN)**, enquanto o **EE** apresenta maior frequência no uso de uma forma pronominal (**clítico**), a frequência da variante **nulo** é maior no **EA**, independentemente do tipo de estrutura sintática. Ressalta-se, ainda, que essas frequências se equilibram com as apresentadas nos resultados gerais: **57%** e **80%** de **clítico** no **EA** e no **EE**, respectivamente, e **34%**, no **EA**, e **15%**, no **EE**, de frequência para a variante **nulo**.

Chama-nos a atenção, porém, a presença desse equilíbrio, pois era esperado que em contextos em que fosse projetada uma estrutura do tipo **OD(or)+OI(SN)** houvesse o favorecimento à realização da variante **nulo**, uma vez que se tem aí a soma de contextos favoráveis essa forma variante: antecedente oracional e verbo bitransitivo.

Contudo, apesar das diferenças percentuais apontadas para as formas variantes entre uma variedade linguística e outra, o equilíbrio verificado no interior de cada variedade linguística permite pensar que se trata de um grupo de fatores que exerce influência semelhante entre os falantes, na seleção de uma ou outra forma variante.

Passa-se, agora, à análise da relevância da topicalização (ou não) do antecedente.

3.2.2.2.2 A topicalização (ou não) do antecedente

Os resultados obtidos a partir do cruzamento entre as forma variantes do **OD(or)** e os casos em que o antecedente do encontra-se topicalizado (cf. **(149)** e **(150)**) ou não (cf. **(151)** e **(152)**) são apresentados no **gráfico 25**, abaixo.

(149)Se fue a Montevideo, dijo que iba a buscar trabajo... [...] Le gustaba tocar el violín y las farras. Nunca más lo ví, murió en Canadá. Eso sí sé \emptyset . (EA.F.12.02)

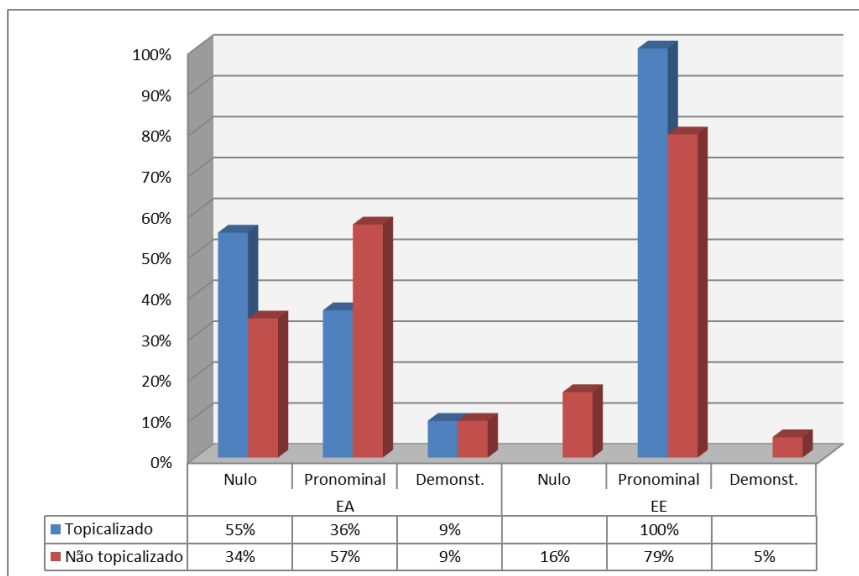
(150)Esto [comer en el escenario] nunca **lo** había hecho (EE.M.01.04)

(151)Es que de vez en cuando quiere arañar un poquillo, pero yo no **lo** deajo... (EE.F.17.18)

(152)L.J. - Brasileiros y argentinos como que están siempre juntitos. S.G. - No me digas. L.J. - Sí. S.G. - Nada que ver con el futbol. Mira! Porque en el

futbol nos odiamos, pero... L.J. - Es que ni siempre... porque nos ganan siempre. Hay que asumirlo, ya está. (EA.M.14.04)

Gráfico 25 – Distribuição do OD(or) no EA e no EE, considerando a topicalização (ou não) do antecedente



Os resultados apresentados no gráfico acima permitem verificar que, estando o antecedente topicalizado, no **EE** é categórico uso de uma forma pronominal (**clítico**) na realização do **OD(or)**⁷⁷. O mesmo não se dá em relação ao **EA**, uma vez que a frequência no uso de uma forma pronominal nessa variedade linguística é de apenas **36%**. A forma variante que apresenta o maior índice percentual no **EA** é o **OD(or) nulo**, com frequência de **55%**, superando, inclusive, a soma dos percentuais obtidos pelas outras duas formas variantes.

Os resultados apresentados pelo **EA** para os casos em que o antecedente encontra-se topicalizado, apesar do baixo número de ocorrências (foram encontrados **11** (onze) casos), dão indícios de que, nessa variedade do espanhol, esse contexto se mostra favorável à realização de **OD nulo**, já que foi o único contexto em que a frequência dessa forma variante representa mais da metade das ocorrências.

Quanto aos casos em que o antecedente não se encontra em posição de tópico, ainda que seja percebida uma diferença percentual entre as formas variantes (já salientada nos resultados gerais), é possível dizer que ambas as variedades

⁷⁷ Foi encontrado, no *corpus* representativo dessa variedade linguística, um total de **10** (dez) ocorrências do fenômeno variável em estudo, estando seu antecedente topicalizado.

seguem no mesmo sentido: apresentam como variante preferida pelos informantes na realização do **OD(or)** uma forma pronominal (**clítico**) (cf. **(153)**) – **57%**, no **EA**, e **79%**, no **EE** –, seguida da variante **nulo** (cf. **(154)**), com frequência de **34%** e **16%**, respetivamente, **EA** e **EE**, e, como variante menos frequente, o uso de **demonstrativo** (cf. **(155)**), com um frequência bastante próxima: **9%**, no **EA**, e **5%**, no **EE**.

(153)Les hablo mucho a los actores, les cuento muchas cosas y a veces tengo la impresión de casi les pudo con... llegar a confundir más [...]. En el caso de Magaly **lo** temí alguna vez también ¿no?... (EE.M.02.2)

(154)Vamos a presentar ahora a una estrella. [...] Intentamos ponerla de novio con el nov... con el hermano de Chato Prada y no pudimos \emptyset . (EA.M.23.01)

(155)([lo primero que le pregunté al director fue si se iba a desnudar el personaje]. ¿Por qué? ¿Qué te hizo pensar **eso**? (EE.M.02.01)

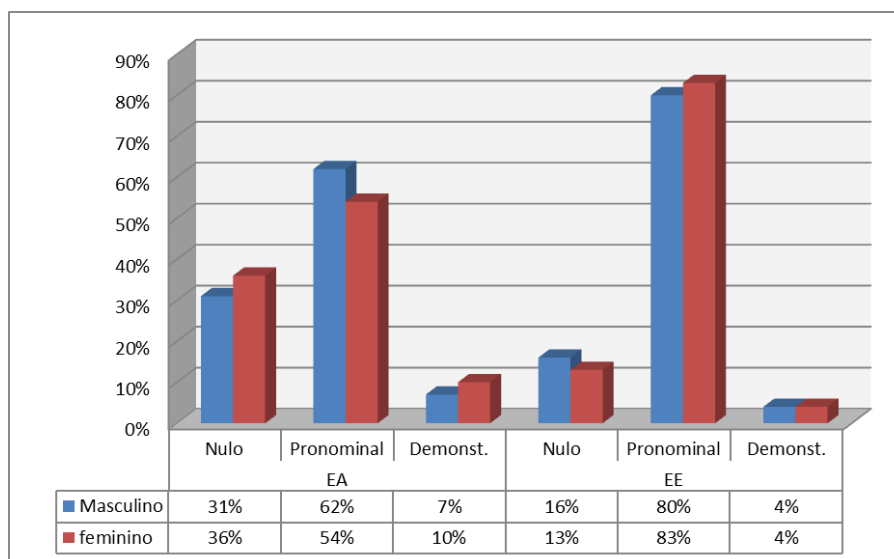
Vale destacar o fato de que os índices aqui apresentados, para ambas as variedades, em contextos em que o antecedente não está topicalizado se mostram bastante próximos (em alguns casos, idênticos) aos verificados nos resultados gerais.

São apresentados, na sequência, os resultados obtidos a partir do cruzamento entre as formas variantes e a variável **sexo/gênero do informante**.

3.2.2.2.3 Verificação dos dados em relação à variável **sexo/gênero dos informantes**

Realizado o cruzamento entre as formas variantes e a variável **sexo/gênero do informante**, os resultados estão apresentados a seguir, no **gráfico 26**.

Gráfico 26 – Distribuição do OD(or) no EA e no EE, segundo o sexo/gênero dos informantes



A apresentação dos resultados nesse gráfico permite perceber que há um relativo equilíbrio, em ambas as variedades, no uso feito por informantes de ambos os sexos/gênero. No **EA**, a variante que se mostra mais frequente é a **pronominal**, com frequência de **62%** na fala de homens e de **54%**, na de mulheres, seguida da variante **nulo**, com frequência de **31%** e **36%**, respectivamente, na fala de informantes masculinos e femininos e, como variante menos frequente, tem-se o **demonstrativo** (**7%** para os homens e **10%** para as mulheres). Essa mesma hierarquia é verificada no **EE**: sendo usada na realização do **OD(or)** uma forma pronominal, a frequência na fala de informantes do sexo/gênero masculino e feminino é, respectivamente, de **80%** e **83%**; para a variante **nulo**, os índices percentuais apontam para uma frequência de **16%**, entre os informantes masculinos, e **13%**, entre os informantes femininos; e, por fim, na realização do **demonstrativo** como forma referente do **OD(or)** a frequência na fala de ambos os sexos/gêneros é de **4%**.

Uma diferença um pouco mais acentuada se nota nos índices percentuais das variantes **pronominal** e **nulo**, no **EA**: a frequência desta variante na fala de informantes do sexo/gênero feminino supera em **5%** a frequência de informantes masculinos; já na frequência daquela ocorre uma inversão, ou seja, é na fala dos homens que se encontrará um índice maior, com diferença de **6%**.

No entanto, isso não nos permite pensar que essa variável (extralinguística) favoreça a realização de uma ou de outra forma variante, pois esses índices (assim como os demais) se mostram bastante próximos dos obtidos nos resultados gerais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: RELACIONANDO OS RESULTADOS DO PORTUGUÊS E DO ESPANHOL – EM BUSCA DE EVIDÊNCIAS

Chegar à conclusão de uma pesquisa, não significa, contudo, que tenham sido finalizadas as possibilidades de investigação sobre determinado aspecto do conhecimento humano. Nesse sentido, o estudo que aqui se finaliza não tem a pretensão de esgotar as reflexões que cercam este fenômeno linguístico que intriga – e, por que não dizer, instiga – muitos linguistas, filiados a diferentes modelos teórico-metodológicos: o **objeto direto anafórico**.

Norteadada, então, pelo arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, a proposta deste estudo foi verificar, numa perspectiva sincrônica, a realização do **objeto direto anafórico** em **04** (quatro) variedades linguísticas pertencentes a duas línguas, a saber: língua portuguesa, em suas variedades brasileira (**PB**) e europeia (**PE**), e língua espanhola, em suas variedades argentina (**EA**) e europeia (**EE**).

Como a proposta era estabelecer um estudo descritivo-comparativo, a base empírica da investigação deveria, pois, ter seus *corpora* constituídos, de um lado, por situações de uso da língua, cujos contextos se assemelhassem nas quatro variedades linguísticas e, de outro, por dados que pertencessem a uma mesma sincronia. Tal necessidade nos levou, então, a compor esses *corpora* optando por entrevistas veiculadas em programas de auditório transmitidos em cadeia nacional por rede de televisão aberta.

Programas gravados, transcrições feitas, partiu-se, assim, para a busca dos dados que constituiriam os *corpora* da investigação, sendo organizados de modo a controlar a natureza do antecedente do **OD**: de um lado, antecedente **SN (OD(SN))** e, de outro, antecedente **oracional (OD(or))** (ou, como denominado por alguns linguistas, **sentencial**), sendo consideradas as seguintes formas variantes do fenômeno em estudo: **OD nulo, clítico, pronome lexical, SN pleno, SN com determinante modificado e demonstrativo**. Feitos, então, o levantamento dos dados e sua codificação de acordo com os grupos de fatores considerados – **animacidade e especificidade** do antecedente, **grau de transitividade da sentença, estrutura sintática** em que é projetado o **OD, topicalização (ou não) do antecedente**, e **sexo/gênero do informante** (apenas os três últimos foram considerados em casos de **OD(or)**) – os dados foram submetidos à análise

estatística, tendo frequências, assim como resultados de peso relativo, obtidos a partir do programa GoldVarb X.

Verificando, inicialmente, os casos de **OD(SN)**, os resultados gerais obtidos, nas variedades do português e do espanhol, podem ser observados na **tabela (20)**, abaixo:

Tabela 20 – Resultados gerais para a realização das variantes de OD(SN) nas variedades do português (PB e PE) e do espanhol (EA e no EE)

| Variantes | Variedades linguísticas | | | | | | | |
|--------------------------|-------------------------|------|--------|-----|----------|-----|--------|------|
| | Português | | | | Espanhol | | | |
| | PB | | PE | | EA | | EE | |
| | Quant. | % | Quant. | % | Quant. | % | Quant. | % |
| Nulo | 146 | 64,5 | 163 | 57 | 31 | 9,5 | 40 | 11,5 |
| Clítico | 07 | 3 | 71 | 25 | 275 | 84 | 278 | 80 |
| Pronome Lexical | 15 | 6,5 | 02 | 0,7 | -- | -- | -- | -- |
| SN Pleno | 39 | 17 | 24 | 8,5 | 19 | 5,6 | 18 | 5 |
| SN c/ Det. Modif. | 13 | 6 | 12 | 4,3 | 2 | 0,6 | 07 | 2 |
| Demonstrativo | 07 | 3 | 13 | 4,5 | 1 | 0,3 | 04 | 1,5 |
| TOTAL | 227 | 100 | 285 | 100 | 328 | 100 | 347 | 100 |

Os resultados apresentados nessa tabela permitem verificar que, enquanto nas variedades do português o **objeto nulo** é a forma preferida pelos falantes para a realização do **OD(SN)**, com frequência superior à soma da frequência de todas as outras variantes (**64,5%**, no **PB**, e **57%**, no **PE**), nas variedades do espanhol é o **clítico** a forma preferida pelos falantes, com frequência de **84%** no **EA** e de **80%** no **EE**, superando consideravelmente a soma da frequência das demais variantes. Por esses resultados, nota-se relativo equilíbrio nas frequências referentes às formas variantes preferidas pelos falantes de ambas as variedades do português, assim como do espanhol.

É possível, ainda, perceber que, em ambas as variedades do espanhol a forma variante que se mostra com o segundo maior índice percentual (bem abaixo do verificado para a variante **clítico**) é a **OD nulo**, sendo apresentado, também, um equilíbrio entre os índices percentuais: **9,5%**, no **EA**, e **11,5%**, no **EE**. A alta produtividade de **clíticos** e a baixa frequência de **OD nulo** reforçam a proposta de Morales (1992) do espanhol como língua acusativa.

Já do lado português, a forma variante com segunda maior frequência não coincide nas duas variedades linguísticas: no **PB**, a variante concorrente do **OD**

nulo é o **SN pleno**, com frequência de **17%**, e no **PE**, o **clítico** se mostra como forma concorrente, com frequência de **25%**. Esta forma variante atinge, no **PB**, juntamente com o **demonstrativo**, a frequência mais baixa dentre as formas variantes consideradas: **3%**, consideravelmente inferior à verificada na outra variedade do português. Ainda que somadas as frequências de uso das formas pronominais no **PB (clítico e lexical)**, o que resultaria em **9,5%**, ainda assim esse índice se mostraria bem abaixo do apresentado pelo **PE**.

No entanto, se somadas as frequências das variantes **SN pleno**, **SN com determinante modificado** e **demonstrativo** (considerando-as, seguindo os passos de Duarte (1986), em uma categoria denominada **SNs**), o índice percentual de **26%** se colocaria em equilíbrio com o índice de **clíticos** do **PE**. Essa baixa produtividade da variante pronominal e a considerável frequência no uso de **SNs** no **PB** permitem-nos pensar que, de um lado, os falantes evitam o uso de uma variante que reflete um alto grau de formalidade na fala (o **clítico**), assim como de uma variante socialmente estigmatizada (o **pronome lexical**), preferindo, de outro lado, formas variantes que não caem, nem no formalismo exagerado, nem no estigma social: os **SNs**.

No tocante ao espanhol, o uso de **SNs** como formas de realização do **OD(SN)** ainda que, aparentemente, não seja estigmatizado, apresenta índice bastante baixo e semelhantes nas duas variedades linguísticas: no **EA**, a soma totaliza apenas **6,5%** e, no **EE**, **8,5%**.

Após o desenvolvimento de cruzamentos entre as formas variantes e os grupos de fatores considerados, aplicados às variedades linguísticas aqui investigadas, pôde-se perceber, em relação à animacidade do antecedente, que este se constitui em um grupo de fatores de extrema relevância na realização de uma forma variante do **OD(SN)**, fato reforçado pelos resultados de peso relativo que selecionou esse grupo de fatores como estatisticamente relevante no **PB**, no **PE** e no **EA** (nas duas últimas, foi o único grupo de fatores selecionado).

Pelos índices verificados tanto nas variedades linguísticas do português e do espanhol, a animacidade do antecedente parece agir no mesmo sentido, sobretudo considerando a oposição **OD nulo vs OD pronominal**.

Apresentando o antecedente o traço [-animado], foram obtidas as seguintes frequências para a realização do **OD(SN) nulo**: **73%**, no **PB**, **65%**, no **PE**, **90%**, no

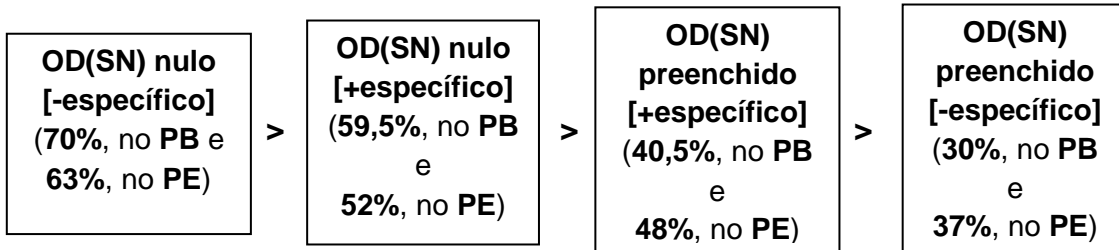
EA, e **82,5%**, no **EE**. A relevância desse fator na seleção pela referida forma variante se reforça com o resultado de peso relativo: favorecendo o **OD(SN) nulo**, os resultados foram de **0.776**, no **PB**, **0.665**, no **PE**, e **0.655**, no **EA** (resultado bastante parecido ao da variedade europeia do português), e, desfavorecendo a ocorrência dessa variante, o traço [+animado] do antecedente obteve o resultado de **0.032**, no **PB**, **0.276**, no **PE**, e **0.242** no **EA**.

Verificando apenas os casos em que se dá o preenchimento por uma forma pronominal nas variedades do português, ainda que o índice de **0,5%** do **PB** seja superado significativamente pela frequência de **13%** do **PE**, este índice se encontra, porém, bem abaixo da frequência de **OD nulo**. Fato semelhante, embora com menor diferença, se verifica nas variedades do espanhol. Ainda que a frequência no uso de uma forma pronominal (especificamente **clítico**, no caso do espanhol) tendo um antecedente com o traço [-animado] se mostre majoritária (**78%**, no **EA**, e **78,5%**, no **EE**), esse índice é um pouco menor que o verificado nos resultados gerais (**84%** e **80%**, respectivamente, **EA** e **EE**),

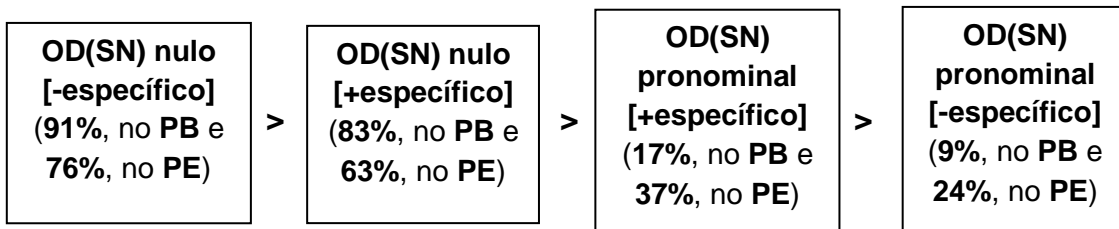
Já em relação ao traço [+animado] do antecedente, os índices percentuais apontam para o favorecimento ao preenchimento do **OD(SN)**, cuja frequência de **60%**, no **PB**, e **56%**, no **PE** supera a de **OD nulo**. Em relação às formas de preenchimento, o uso de **SNs** se mostrou bem mais produtivo no **PB (25%)** que no **PE (10%)**. Vale, contudo, ressaltar que, contrastando apenas as variantes **OD nulo vs OD pronominal**, as frequências se igualam no **PE**, com **50%** cada forma variante, e se mostram bastante próximas no **PB**, com frequência de **53%** para a primeira forma variante e de **47%**, para a segunda. Em relação às variedades do espanhol, ainda que a frequência no uso da variante **pronominal** se apresente com considerável superioridade percentual, independentemente do traço semântico do antecedente, é com o traço [+animado] que se obtém os maiores índices percentuais (sobretudo, no **EA**): **97%**, no **EA**, **90%**, no **EE**, superando, respectivamente, em **11%** e **3%** os casos em que o antecedente é [-animado].

No que diz respeito à especificidade do antecedente (outro grupo de fatores semânticos considerado neste estudo), os resultados obtidos indicam que esse grupo de fatores age no mesmo sentido em ambas as variedades do português. Ao se observar a realização do **OD(SN) nulo vs OD(SN) preenchido** pôde-se verificar: **i)** que o índice de **OD(SN) nulo** é majoritário em ambas as variedades,

independentemente do traço semântico do antecedente; ii) um equilíbrio nos índices percentuais se comparadas as frequências de **OD(SN) nulo** ou de **OD(SN) preenchido**; e iii) uma hierarquia da maior para a menor frequência que se aplica às duas variedades do português:



Ao se contrapor a realização de **OD(SN) nulo** ao preenchimento apenas pelo **OD(SN) pronominal**, esse relativo equilíbrio não permanece. Verificou-se um aumento na frequência de **OD(SN) nulo**, principalmente sendo o antecedente [-específico] e, em contrapartida, uma redução na frequência do preenchimento, atingindo o menor índice percentual com o mesmo tipo de antecedente. No entanto, a mesma hierarquia anteriormente observada se mantém:



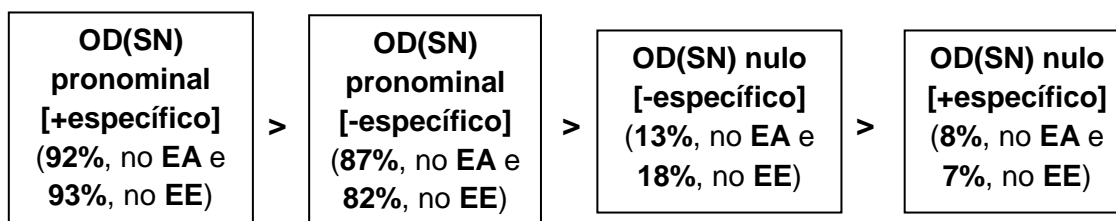
Nesse sentido, ainda que tenham sido notadas diferenças quantitativas consideráveis, a especificidade do antecedente atua no mesmo sentido nas duas variedades.

Seguindo os passos de Cyrino (1997), no intuito de refinar nossa análise, os grupos de fatores animacidade e especificidade foram combinados. Ao serem aqui contrastadas as variantes **OD(SN) nulo vs OD(SN) pronominal**, obteve-se, para os casos de **OD(SN) nulo** com antecedente [-animado] uma frequência equilibrada em ambas as variedades: no **PB**, com antecedente [+específico] atingiu-se uma frequência categórica; ela é quase categórica sendo o antecedente [-específico]: **98,5%**. Do lado do **PE**, o equilíbrio também se refletiu: **84%** com antecedente [+específico] e **83%** com [-específico]. Esses índices nos permitem pensar que o

traço semântico [-animado] do antecedente favorece fortemente, em qualquer das duas variedades do português, a realização do **OD(SN) nulo**.

Em contrapartida, no tocante à realização do **OD(SN) pronominal**, é o traço semântico [+animado] que exerce maior influência na seleção dessa forma variante por parte dos falantes: no **PB**, sendo o antecedente [+específico], a frequência obtida foi de **50%**, e de **40%** com antecedente [-específico]; no **PE**, a frequência obtida foi, respetivamente, de **51%** e **50%**, índices bastante superiores aos apresentados para quando o antecedente é [-animado]. Dessa forma, é possível verificar que também aqui os índices evidenciam que esses grupos de fatores semânticos funcionam de maneira semelhante no **PB** e no **PE**, resguardadas as devidas diferenças quantitativas.

Voltando a atenção para as variedades do espanhol, num primeiro momento, ao serem contrastadas as frequências de **OD(SN) nulo** e de **OD(SN) pronominal**, o que se verificou, a exemplo das variedades do português, foi um equilíbrio nos índices percentuais apresentados por essas formas variantes, em ambas as variedades; no entanto, a hierarquia de frequência se distingue da estruturada para o português:



Essa hierarquia permite ainda perceber que, em ambas as variedades, sendo o antecedente [-específico], a frequência de **OD(SN) nulo** aumenta enquanto reduz a de **OD(SN) pronominal**.

Entretanto, avançando na análise desenvolvida, verificou-se que a especificidade do antecedente não apresenta a mesma relevância nas duas variedades do espanhol aqui estudadas, sobretudo em relação ao **OD(SN) nulo**. Tal afirmação se justifica, principalmente, pelos resultados de peso relativo apresentados pelo programa estatístico GoldVarb X: a variável **especificidade do antecedente** foi selecionada como estatisticamente relevante apenas no **EE**, com peso relativo de **0.621** favorecendo o **OD(SN) nulo** se o antecedente apresenta o

traço semântico [-específico] e de **0.387** desfavorecendo essa variante quando o antecedente é [+específico].

Além dos pesos relativos fornecidos pelo programa estatístico, as frequências brutas obtidas também apontam para essa distinção. Na variedade argentina do espanhol, a frequência de **OD(SN) nulo** foi de **55%**, com antecedente [+específico], e de **45%**, com [-específico], índices que permitem pensar em um equilíbrio dado o fato de ambos se aproximarem dos **50%**, semelhante ao que ocorre nas variedades do português, uma vez que, observada apenas a frequência de **OD(SN) nulo** em relação à especificidade do antecedente, também se verificou um equilíbrio, com índices próximos aos **50%**. Já na variedade europeia, não se obteve semelhante equilíbrio: a frequência de **70%**, sendo o antecedente [-específico], supera consideravelmente os **30%** de casos em que o antecedente é [+específico], confirmando os resultados de peso relativo.

Ao serem combinados os traços semânticos de animacidade e de especificidade o que se verificou foi: **i)** uma frequência quase categórica de **OD pronominal** com antecedente [+animado/+específico]: **99%**, no **EA** e **93%**, no **EE**; **ii)** uma semelhança nos índices percentuais das combinações dos traços [+animado/-específico] e [-animado/+específico], com frequência de **83%**, na primeira combinação, e de **84%**, na segunda, no **EA**, e, na mesma ordem, de **75%** e **76%**, no **EE**.

Já a combinação [-animado/-específico] apresentou, em relação ao **EA**, uma frequência semelhante aos outros dois contextos (**87%**), ao passo que no **EE** o que se verificou foi um equilíbrio na frequência das duas formas variantes: **47%** de **OD(SN) nulo** e **53%** de **OD(SN) pronominal**.

Em relação a outro grupo de fatores considerado, **estrutura sintática** em que se realiza o **OD(SN)**, verificou-se que, tanto nas variedades do português, quanto nas do espanhol, é em estrutura simples que está concentrado o maior número de ocorrências. No entanto, a frequência das formas variantes não se mostra semelhante. Enquanto nas variedades do português, é o **OD(SN) nulo** a variante com maior frequência (**67,5%**, no **PB**, e **57%**, no **PE**, índices que se elevam, respectivamente, para **90%** e **69%**, se se considera apenas o contraste **nulo vs pronominal**), nas variedades do espanhol a forma variante com maior frequência é

o **clítico** (85% e 80%, respectivamente **EA** e **EE**, índices que se elevam para 92% e 88%, se se considera apenas o contraste **nulo vs pronominal**).

Ao serem observadas, nesse tipo de estrutura sintática, as demais formas variantes, constatou-se, em relação às variedades do português, que, enquanto o **PB** apresentou o uso de **SNs** (considerando a soma entre a frequência de **SN pleno**, **SN com determinante modificado** e **demonstrativo**) como estratégia com segundo maior índice percentual (23%), no **PE**, foi o preenchimento com uma forma pronominal (**clítico**) que obteve a segunda maior frequência: 25%. Em relação às variedades do espanhol, apesar da baixa frequência das variantes **nulo** e **SNs**, seus índices se igualam no **EA** (7,5%) e, no **EE**, a frequência daquela forma variante se mostra um pouco superior à desta (11,5% e 8,5%).

No entanto, olhando especificamente para oposição **OD(SN) nulo vs OD (SN) pronominal** (dado que os resultados de peso relativo foram obtidos tendo essas formas variantes como variável dependente), verificou-se, em relação às variedades do português, alto índice de **OD(SN) nulo**: categórico, no **PB**, e 81%, no **PE**. Apesar da alta frequência, o baixo número de dados não nos permite afirmar com segurança que esse seja um contexto favorável à produção dessa forma variante. Em contrapartida, em contexto em que se tem projetada uma estrutura complexa (aqui entendida como a soma das ocorrências de **OD(SN)+predicativo** e de **OD(SN)+oração**), apesar do equilíbrio entre a frequência das formas variantes, verificou-se que neste contexto o preenchimento do **OD(SN)** por uma forma pronominal atinge os maiores índices em ambas as variedades: 53% e 50%, no **PB** e no **PE**, respectivamente.

Esse favorecimento se confirma, particularmente no **PB**, pelo fato de esse grupo de fatores ter sido selecionado pelo programa GoldVarb X, na rodada de peso relativo, como estatisticamente relevante: favorecendo o **OD(SN) nulo**, a estrutura simples obteve peso relativo de 0.553 e, desfavorecendo a ocorrência dessa variantes, o resultado obtido foi de 0.112 para os casos de estrutura complexa.

Ainda que esse grupo de fatores não tenha sido selecionado como estatisticamente relevante em nenhuma das variedades do espanhol, a frequência bruta obtida a partir da oposição **OD(SN) nulo vs OD (SN) pronominal** nos permite as seguintes constatações, em relação ao **OD(SN) nulo**, quando projetadas

estruturas do tipo **OD(SN)+predicativo** e **OD(SN)+OI**⁷⁸: **i)** em ambas as estruturas, o **EA** apresenta o maior índice percentual (**21%** nas duas estruturas, superando os **10%** obtidos na primeira estrutura e os **16%** obtidos na segunda pelo **EE**); **ii)** apesar da baixa frequência, é em estruturas bitransitivas que se obtém, no **EE** o maior índice percentual de **OD(SN) nulo**.

Resguardadas as devidas diferenças percentuais, vale ressaltar que é também em estruturas bitransitivas que as variedades do português obtiveram as maiores frequências de **OD(SN) nulo**.

No tocante à **topicalização (ou não) do antecedente**, a hipótese era a de que, tanto no português como no espanhol, o fato de o referente do **OD(SN)** encontrar-se topicalizado favoreceria a realização do **OD(SN) nulo**. No entanto, os resultados não confirmaram totalmente essa hipótese.

Apesar da baixa frequência de **OD(SN)** com antecedente topicalizado, nas quatro variedades linguísticas aqui estudadas, os índices percentuais nos permitiram fazer algumas constatações. Tomando por base o contraste **OD(SN) nulo vs OD(SN) preenchido**, enquanto no **PB**, foi verificada uma distribuição equilibrada de **50%**, no **PE** esse equilíbrio não se manteve, uma vez que os casos de **OD(SN) nulo** resultaram em uma frequência de **64%**. Ainda, assim, essa variedade apresentou alto índice de preenchimento do **OD(SN)**, estando seu antecedente em posição de tópico.

Quando o contraste foi estabelecido entre **OD(SN) nulo vs OD(SN) pronominal**, o que se verificou, estando o antecedente topicalizado, foi um aumento na frequência de ambas as formas variantes, em ambas as variedades do português: o índice de **OD(SN) nulo** passa a **55,5%**, no **PB**, e a **77,5%**, no **PE**, e o de **SN pronominal** passa de **10%** para **44,5%**, no **PB**, e de **18%** para **22,5%**, no **PE**. Nas variedades do espanhol, ao contrário, dada a baixa produtividade de **SNs**, verificou-se que os índices percentuais praticamente se mantiveram.

Olhando para o **grau de transitividade da sentença**, a proposta inicial de verificar a realização das formas variantes do **OD(SN)** a partir de um *continuum* de transitividade que variaria entre **3** (três) e **10** (dez) (não foram encontradas

⁷⁸ Contrastando **OD(SN) nulo vs OD (SN) pronominal**, não foi verificada, em nenhuma das variedades do espanhol, sequer uma ocorrência em estrutura do tipo **OD+oração**.

ocorrências com graus **1** (um) e **2** (dois)), foi reestruturada de modo a agrupar, nas quatro variedades linguísticas, os graus de transitividades em dois níveis: **1º nível**, compreendendo os graus de transitividade de **3 a 6** e o **2º nível**, compreendendo os graus de transitividade de **7 a 10**. Essa reestruturação se fez necessária devido à baixa quantidade de ocorrências verificada, principalmente, nos menores graus, resultando, conseqüentemente, em uma quantia significativa de células vazias.

Feita a reestruturação, verificou-se que esse grupo de fatores, em relação à realização do **OD(SN) nulo**, age na mesma direção em ambas as variedades do português: a frequência de uso dessa variante foi majoritária nos dois níveis de transitividade (no **1º nível**, foi registrada frequência de **71%**, no **PB**, e de **64%**, no **PE**, e no **2º nível**, de **66%**, no **PB**, e **58%**, no **PE**), mostrando-se, porém, mais elevado no **1º nível**. Já nas variedades do espanhol, ainda que tenha sido baixa a frequência de **OD(SN) nulo**, o mesmo não se verificou: enquanto no **EA**, a exemplo das variedades do português, verificou-se relativo equilíbrio entre as frequências (**8%** no **1º nível** e **11%**, no **2º**), no **EE** o maior índice dessa variante foi verificada no **1º nível (27%)**, com frequência consideravelmente superior a do **2º nível (11%)**. Esse “desequilíbrio” certamente justifica o fato de, na rodada de peso relativo, o programa estatístico GoldVarb X ter selecionado, apenas nessa variedade linguística, esse grupo de fatores como estatisticamente relevante para a realização do **OD(SN) nulo**, com resultado de **0.698**, com o **1º nível de transitividade** favorecendo, e de **0.479**, com o **2º nível** desfavorecendo o uso dessa variante.

No que diz respeito ao grupo de fatores extralinguísticos aqui considerado (**sexo/gênero do informante**), os resultados de **OD(SN) nulo** apontam para a mesma direção nas variedades do português: além de sua frequência superar a soma de todas as outras formas variantes (entre os informantes do sexo/gênero masculino, o índice obtido foi de **62,5%**, no **PB**, e de **56,5%**, no **PE**, e entre os informantes do sexo/gênero feminino, **67,5%**, no **PB**, e **58%**, no **PE**), refletem um relativo equilíbrio, sobretudo no **PE**. No espanhol, o que se verificou foi uma inversão: enquanto no **EA** a frequência de **OD(SN) nulo** na fala de homens (**13%**) se mostra um pouco superior à verificada na fala de mulheres (**9%**), no **EE** é o índice da fala feminina (**16%**) que supera o da fala masculino (**11%**). Chamou-nos a atenção, ainda, o fato de, se comparadas as frequências das duas variedades, verificar-se uma semelhança na frequência de informantes do sexo/gênero masculino, porém,

entre informantes do sexo/gênero feminino, a frequência verificada no **EE** supera em **7%** a do **EA**.

Estabelecidas as relações entre os resultados obtidos para o **OD(SN)**, resta-nos, agora, relacionar os resultados dos casos de **OD(or)**, contexto a partir do qual, segundo Cyrino (1997), se deu a implementação e expansão do **OD nulo** no **PB** e que, pelo menos em algumas variedades do espanhol, conforme apresentado por Landa (1993) em seu estudo sobre o espanhol do País Basco, constitui-se em contexto favorável à manifestação do **OD nulo**.

Seguindo, então, aos dados, os resultados gerais mostraram, para as variedades do português, uma baixa produtividade em número de ocorrências, desse tipo de construção. No entanto, pela frequência obtida, foi possível o desenvolvimento de algumas reflexões. Já nas variedades do espanhol, esse tipo de construção se mostrou mais produtiva.

Os resultados gerais do português, em ambas as variedades, apontaram para uma frequência majoritária de **OD(or) nulo** no **PB (68%)** e de **50%** no **PE**, índices que se aproximam dos apresentados para os casos de **OD(SN) nulo: 64,5%** e **57%**, no **PB** e no **PE**, respectivamente.

Como forma concorrente do **OD(or) nulo**, tanto o **PB** quanto o **PE** apresentam o uso de um **demonstrativo**. Sua frequência nesta variedade linguística é de **41%** e, naquela, de **32%**, índices bem mais elevados que os apresentados quando nos casos de **OD(SN) (3%**, no **PB**, e **4,5%**, no **PE**).

Ainda que não seja objetivo desta investigação, a alta incidência no uso de **demonstrativo** como forma correferente ao **OD(or)**, por um lado, e a “perda”, no **PB**, do clítico neutro, nos leva a aventar a hipótese de que, na medida em que o clítico neutro foi perdendo espaço no uso, o demonstrativo foi tendo, gradativamente sua expansão em substituição ao clítico. Vale, ainda, observar que se trata de dois elementos neutros: não apresentam marcas nem de gênero, nem de número. No entanto, para que tal hipótese seja averiguada, necessário se faz uma investigação diacrônica, o que foge à proposta que ora se apresenta.

Do lado espanhol, tanto o **EA**, com **55%**, quanto o **EE**, com **80%**, apresentaram, também para os casos de **OD(or)**, frequência majoritária de **clítico**, tendo **OD(or) nulo** como forma concorrente: **34%**, no **EA** (índice bem superior aos

9,5% verificados nos casos de **OD(SN)**), e **15%**, no **EE** (índice relativamente próximo dos **11,5%** verificados nos casos de **OD(SN)**).

Dado o baixo número de ocorrências, sobretudo nas variedades do português, assim como ao fato de, para os casos de **OD(or)**, terem sido considerados apenas **3** (três) grupos de fatores – **estrutura sintática, topicalização (ou não) do antecedente e sexo/gênero do informante** –, não foram feitas rodadas de peso relativo, o que não nos impediu de estabelecer comparações entre as formas variantes (sobretudo **nulo e demonstrativo**, no português, e **nulo e clítico**, no espanhol), de modo que fossem desenvolvidas reflexões a partir da frequência fornecida pelo programa estatístico GoldVarb X.

Efetuada o cruzamento entre as formas variantes e a **estrutura sintática**, os resultados apresentaram, nas quatro variedades linguísticas, ocorrências em estrutura simples (**OD(or)**) (estrutura em que está concentrada a maior parte das ocorrências tanto nas variedades do português, quanto nas do espanhol) e **OD(or)+OI(SN)**. Apenas no **PB** foram verificadas ocorrências em estrutura do tipo **OD(or)+predicativo**.

Em relação às variedades do português, considerando as estruturas sintáticas comuns a elas, o que se verificou foi uma semelhança nos índices percentuais de ambas as variedades, no interior de cada tipo de estrutura, porém, ao comparar um tipo de estrutura ao outro, percebeu-se uma inversão. Sendo apresentados, nessa ordem, os índices relativos ao **PB** e ao **PE**, a variante **OD(or) nulo**, em estrutura simples, obteve a frequência de **69%** e **62%** e, em estrutura do tipo **OD(or)+OI(SN)**, a frequência foi de **33%** e **37,5%**. Já na variante **demonstrativo**, os índices percentuais foram de **31%** e **38,%** no primeiro tipo de estrutura, e de **67%** e **62,5%**, no segundo tipo. No entanto, dada a baixa ocorrência de **OD(or)** nos *corpora*, não é possível assegurar se um contexto favorece o uso de **OD(or) nulo** e o outro, o uso de **demonstrativo**.

Já no que diz respeito às variedades do espanhol, os resultados obtidos, diferentemente do que se verificou nas variedades do português, apontam para uma mesma hierarquia, em ambas as estruturas sintáticas: maior frequência de **clítico**, seguido de **OD(or) nulo** e, com índices mais baixos, **demonstrativo**. Dessa forma, em estrutura simples, foram obtidas, no **EA**, respectivamente, as frequências de **58%**, **36%** e **6%** e, no **EE**, as frequências de **80%**, **16%** e **4%**. Em estruturas do tipo

OD(or)+OI(SN), os índices percentuais foram de **54%**, **32,5%** e **13,5%**, no **EA**, e de **81,5%**, **13%** e **5,5%**, no **EE**. Esses índices permitem pensar que se trata de um grupo de fatores que exerce semelhante influência entre os falantes.

Tendo sido estabelecida a relação entre as formas variantes e a **topicalização (ou não) do antecedente**, não se verificou o mesmo comportamento no português e no espanhol. Com o antecedente topicalizado, ambas as variedades do português apresentaram frequência categórica de **OD(or) nulo** (porém, o baixo número de dados mostrou ser um contexto pouco produtivo no **PB** e no **PE**). Já o espanhol, apresentou frequência categórica, porém no uso de clítico, na variedade europeia, ao passo que na variedade argentina essa forma variante obteve frequência de apenas **36%**.

Em contextos em que o antecedente não se encontra topicalizado, as variedades do português mostram-se distintas (no **PB**, a frequência de **62,5% OD(or) nulo** superou significativamente a de **demonstrativo**, ao passo que no **PE** essas formas variantes obtiveram o mesmo índice percentual). Já nas variedades do espanhol, os índices mostraram que, nesse contexto, resguardadas as devidas diferenças percentuais, **EA** e **EE** seguem na mesma direção: têm como variante mais frequente o uso do **clítico (57% e 79%, respectivamente, EA e EE)**, seguido do **OD(or) nulo** (com frequência de **34%**, no **EA**, e de **16%**, no **EE**) e do **demonstrativo (9%, no EA, e 5%, no EE)**.

Por fim, em relação à variável **sexo/gênero do informante**, o **OD(or) nulo** se mostrou, em ambas as variedades do português, mais frequente entre as mulheres (**86%**, no **PB**, e **64%**, no **PE**) que entre os homens (**58%**, no **PB**, e **50%**, no **PE**), superando, à exceção dos informantes do sexo/gênero masculino do **PE**, significativamente a frequência da variante **demonstrativo**. Nas variedades do espanhol, a hierarquia de frequência já observada se manteve em ambos os sexos/gêneros, podendo ser verificados índices percentuais bastante próximos no uso que homens e mulheres fazem de uma ou outra forma variante. Os índices obtidos entre homens e mulheres, para as formas variantes, foram, nessa ordem de **62% e 54%**, no **EA**, e de **80% e 83%**, no **EE**, sendo o **clítico** a forma variante; de **31% e 36%**, no **EA**, e de **16% e 13%**, no **EE**, sendo o **OD(or) nulo** a forma variante;

e de **7%** e **10%**, no **EA**, e de **4%** em ambos os sexos/gêneros, no **EE**, sendo o **demonstrativo** a forma variante).

Estabelecida a relação entre as variedades de uma mesma língua e entre as duas línguas aqui consideradas, ao ser retomada a hipótese norteadora desta investigação (em relação ao **objeto direto anafórico**, seriam identificadas diferenças quantitativas, mas, numa análise qualitativa, essas diferenças não se refletiriam), o quadro acima delineado confirmou, em grande parte, essa hipótese, uma vez que os contextos com base nos quais nossa análise se pautou revelaram, quase sempre, agir no mesmo sentido nas variedades de uma mesma língua (de um lado **PB** e **PE**, de outro, **EA** e **EE**), assim como, muitas vezes, nas duas línguas irmãs: português e espanhol.

Sabendo que a conclusão desta investigação não significa “colocar um ponto final” no estudo do **objeto direto anafórico**, espera-se que as reflexões desenvolvidas ao longo desta tese tenham servido, ainda que minimamente, para aclarar alguns dos mistérios que subjazem a esse fenômeno sintático.

REFERÊNCIAS

ALARCOS LLORACH, E. *Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa, 1999.

ARRUDA, N. C. *A realização do objeto direto no português brasileiro culto falado: um estudo sincrônico*. 2006. 201f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2006.

AVERBUG, M. C. G. *Objeto direto anafórico e sujeito pronominal na escrita de estudantes*. 2000. 155f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa)). Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.

ÁVILA, R. Radio, televisión y lengua: hacia la norma internacional del español. In: MORALES, A.; CARDONA, Julia; LOPES MORALES, H.; FORASTIERI, E. *Estudios de lingüística hispánica: homenaje a María Vaquero*. Puerto Rico: Editorial de la Universidad de Puerto Rico, 1999, p. 73-89.

BAHKTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1992], p. 263-306.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

_____. *Lições de português pela análise sintática*. 16 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

BENVENISTE, E. A natureza dos pronomes. In: _____. *Problemas de lingüística geral I*. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri. 4 ed. Campinas: Pontes, 1995.

BERLINCK, R. A. *A ordem V SN no português do Brasil: sincronia e diacronia*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 1988.

_____. A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, F. *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: Pontes, 1989.

_____. *La position du sujet en portugais: étude diachronique des variétés brésilienne et européenne*. Tese (Doutorado em Linguística). Faculteit Letteren, Katholieke Universiteit Leuven, Leuven, Bélgica, 1995.

CAMARA JR., J. M. *Dicionário de linguística e gramática*. 23 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CAMPOS, H. Indefiniteobjectdrop. In: *Linguisticinquiry*, 1986, v. 17, n. 2, p. 354-359. Disponível <<http://www.jstor.org/stable/4178492?origin=JUSTOR-pdf>> Acesso em 23/04/2009.

_____. Transitividad e intransitividad. In: BOSQUE, I. e DEMONTE, V. (org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999, p. 1519-1574.

CARVALHO, G. A. *A realização do sujeito na fala do português europeu*. 2009. 259f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2009.

CASTILHO, A. T. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA, E.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA, M. A. F.; SOUZA, M. M. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

CYRINO, S. M. L. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Londrina: Editora da UEL, 1997.

_____. Elementos nulos pós-verbais no português brasileiro oral contemporâneo. In: NEVES, M. H. M. *Gramática do português falado: novos estudos*. Campinas: UNICAMP, 1999, v. VII.

_____. Algumas diferenças entre o português brasileiro e o português europeu e a sua relação com a mudança sintática no português brasileiro. In: *Signum*, n. 4, p. 95-112, 2001.

DUARTE, M. E. L. *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. 1986. 73f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicado ao Ensino de Línguas). PUC, São Paulo, 1986.

_____. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, F. *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: Pontes, 1989.

_____. *A perda do princípio "Evite pronome" no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística). 149 f. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

DUBOIS, J. *et all. Dicionário de linguística*. 8 ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

FARACO, C. A. O tratamento de você em português: uma abordagem histórica. *Fragmenta*, Curitiba, n 13, 1996.

FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, I. Leísmo, laísmo y loísmo. Estado de la cuestión. In: FERNÁNDEZ-SORIANO, O. *Los pronombres átonos*. Madrid: Taurus, 1993, p. 63-96.

_____. Leísmo, laísmo y loísmo. In: BOSQUE, I. e DEMONTE, V. (org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999, p. 1317-1398.

_____. Nuevos horizontes en el estudio de la variación gramatical del español: es Corpus Oral y Sonoro del Español Rural. In: DOMÈNECH, G. C.; BETÍ, L. G. (eds.). *Noves tendències en la dialectologia contemporània*. Castelló de la Plana: Universitat Jaume I, 2011, p. 173-203.

FERNÁNDEZ-SORIANO, O. El pronombre personal. Formas y distribuciones. Pronombres átonos y tónicos. In: BOSQUE, I. e DEMONTE, V. (org.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999, p. 1209-1273.

FONTANELLA DE WEINBERG, M. B. *El Español de América*. Madrid: Mapfre, 1992.

FREIRE, G. C. *Os clíticos de terceira pessoa e as estratégias para sua substituição na fala culta brasileira e lusitana*. 2000. 107f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa)). Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.

GALVES, C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

_____. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

GARRIDO DOMÍNGUEZ, A. *Los Orígenes del español de América*. Madrid: Mapfre, 1992.

GONZÁLEZ, N. T. M. *Cadê o pronome? O gato comeu: os pronomes pessoais na aquisição/aprendizagem do espanhol por brasileiros adultos*. 1994. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral). Departamento de Linguística, FFLCH, USP, São Paulo, 1994.

GROPPI, M. *Pronomes pessoais no português do Brasil e no espanhol do Uruguai*. 1997. Tese (Doutorado em Letras). Departamento de Filologia e Língua Portuguesa, FFLCH, USP, São Paulo, 1997.

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, 1980, v. 56, p. 251-299. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/413757>> Acesso em 09/05/2011.

KATO, M. A.; NASCIMENTO, M. (org.) *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 2009, v. III.

KLEIN-ANDREU, F. Distintos sistemas de empleo de “le, la, lo”: perspectiva sincrónica, diacrónica y sociolingüística. In: *Thesaurus XXXVI*, 1981, p. 284-304.

_____. *Variación actual y evolución histórica: los clíticos le/s, la/s, lo/s*. Muenchen, Lincom Europa, 2000.

KURY, A. *Novas lições de análise sintática*. 8 ed. São Paulo: Ática, 1999.

LABOV, W.. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (org.). *Perspectives on historical linguistics*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982.

_____. *Principles of linguistic change*. Vol. 1: Internal factors. Cambridge: Blackwell, 1994.

_____. *Principles of linguistic change*. Vol. 2: Social factors. Cambridge: Blackwell, 2001.

_____. *Padrões sociolingüísticos*. Trad.: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LANDA, M. A. Los objetos nulos determinados del español del País Vasco. In: *Linguística*. ALFAL, 1993, n. 5, p. 131-146.

_____. *Conditions on null objects in Basque Spanish and their relation to leísmo and clitic doubling*. 252f. 1995. Tese (Doctor of Philosophy (Spanish)). Faculty of the Graduate School, University of Southern California, Los Angeles, 1995.

LAVANDERA, B. R. *Variación y significado*. Buenos Aires: Hachette, 1984.

LUCHESE, D. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da lingüística moderna*. São Paulo: Parábola, 2004.

LUFT, C. P. *Moderna gramática brasileira*. 15 ed. São Paulo: Globo, 2002.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais : definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.) *Gêneros textuais e ensino*. 4 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 19-36.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MATOS, M. Z. M. S. *A expressão do objeto direto anafórico nos falares urbanos itabienses*. 2003. 171f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2005.

MATTOS E SILVA, R. V. Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestões para uma pauta de pesquisa. In: ALKMIM, T. M. (org.). *Para a história do português brasileiro: novos estudos*. São Paulo: Humanitas, 2002, v. 3.

MELLO, H. R. Português padrão, português não-padrão e a hipótese do contato lingüístico. In: ALKMIM, T. M. (org.). *Para a história do português brasileiro: novos estudos*. São Paulo: Humanitas, 2002, v. 3.

MENON, O. A história de você. In: GUEDES, M.; BELINCK, R. A.; MURAKAWA, C. A. A. (org.). *Teoria e análise lingüísticas: novas trilhas*. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP, 2006.

MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MORALES DE WALTERS, A. Transitividad y topicalidad em algunos dialectos del español. In: *Atas do IX Congresso Internacional da ALFAL*. Campinas: UNICAMP, 1992, p. 129-150.

OMENA, N. P. *Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa*. 1978. 138f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Departamento de Letras, PUC, Rio de Janeiro, 1978.

_____. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M. de; SCHERRE, M. M. P. (org.). *Padrões sociolingüísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

PALACIOS ALCÁINE, Azucena. Variación sintáctica em el sistema pronominal del español paraguayo: la elisión de pronombres objeto. In: *Anuario de Lingüística Hispánica*, nº XIV, 1998, p. 431-454.

PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

PRETI, D. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

RAE. *Nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa, 2009.

RAE. *Manual de la nueva gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa, 2010.

RAPOSO, E.. On the Null Object in European Portuguese. In: JAEGGLI, O.; SILVA-CORVALÁN, C. (eds.) *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris, 1986.

_____. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. 2 ed. Lisboa: Caminho, 1992.

RAPOSO, E.; KATO, M. A. As similaridades entre o português europeu e o português brasileiro: o caso do objeto nulo e do artigo nulo. In: MOURA, D.; FARIAS J. (orgs.). *Reflexões sobre a sintaxe do português*. Maceió: Edufal, 2005.

RIBEIRO, R. R. *A transitividade em cartas do leitor à luz do funcionalismo*. 2009. 111f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Faculdade de Letras, UFG, Goiânia, 2009.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática da língua portuguesa*. 38 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

RODRÍGUEZ MOLINA, J. *La gramaticalización de los tiempos compuestos en español antiguo: cinco cambios diacrónicos*. 2010. 2277f. Tese (Doctorado en

Filología Española). Departamento de Filología Española, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Autónoma de Madrid, Madrid, 2010.

ROSÁRIO, N. M. do. Do *talk show* ao televisivo: mais espetáculo, menos informação. In: *Em questão*. Porto Alegre, 2008, v. 14, n. 2, p. 149-162, jul./dez.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Toronto: Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SILVA, M. C. V. F. *O objeto direto anafórico no dialeto rural afro-brasileiro*. 2004. 148f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Instituto de Letras, UFBA, Salvador, 2004.

SOUZA, J. C. A. *Gêneros inúmeros: os formatos na programação da TV brasileira*. Trabalho apresentado na 7ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação, 2004a. Disponível em <
http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/9/9f/Generos_Inumeros.pdf >
Acesso em 17/04/2011.

_____. *Gêneros e formatos na televisão brasileira*. São Paulo: Summus, 2004b.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 7 ed. São Paulo: Ática, 2002.

_____. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2 ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996.

TORREGO, L. G. *Gramática didáctica del español*. 9 ed. Madrid: SM, 2007.

VAN DIJK, T. A. *Texto y context: semántica y pragmatic del discurso*. Trad.: Juan Domingo Moyano. Madrid: Cátedra, 1980.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Empirical foundations for a theory of language change*. In LEHMAN, W.P.e MALKIEL, Y., (Ed.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.

_____. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

YOKOTA, R. *O que eu falo não se escreve. E o que eu escrevo alguém fala? A variabilidade no uso do objeto direto anafórico na produção oral e escrita de aprendizes brasileiros de espanhol*. 2007. 219f. Tese (Doutorado em Letras). Departamento de Filologia e Língua Portuguesa, FFLCH, USP, São Paulo, 2007.